

SÉRGIO MATTOS

SÓ VOCÊ PODE, JAYME....

Um perfil de Jayme Ramos de Queiroz

Editora Contexto & Arte

Salvador – Bahia

2009

Copyright by Sérgio Augusto Soares Mattos, 2009.

E-mail: sasmattos@gmail.com

Homepage: www.sergiomattos.com.br

Editor: J. J. Randam

Capa: Jenner Randam

Editoração Eletrônica: Jenner randam

Foto da Contracapa: Denise Mattos

Impressão: Press Color

Ficha catalográfica: Maria Augusta Mascarenhas Cardoso

M435 Mattos, Sérgio

Só você pode, Jayme: um perfil de Jayme ramos de Queiroz/
Sérgio Mattos. Salvador: Editora Contexto e Arte, 2009.

190 p.

ISBN: 978-85-87607-65-2

1. Queiroz, Jayme Ramos de. – Dados Biográficos. 2. Bahia-
História. I Título

CDU 929 JRQ

Editora Contexto e Arte

Telefone: (71)3245-4679 – e-mail: editoracontexto@gmail.com

Dedicatória

Este livro é dedicado á memória de Maximiano e Alzira Menezes Ramos de Queiroz, que educaram, deram o exemplo e mostraram a Jayme, o caminho a ser trilhado; e, à memória de Maria Antonina Barreto Ramos de Queiroz, insubstituível esposa de Jayme, que, como seu braço direito, sempre lhe ajudou

E apoiou em todos os momentos.

Este livro também dedicado aos filhos, netos, irmãos e Primos de Jayme Ramos de Queiroz e a todos aqueles que se Sentem honrados de tê-lo como amigo.

SUMÁRIO

Prefácio – João Eurico Matta

Introdução – Como chegar aos 80 com cara de 60

I - Um estrangeiro na família

II- Fim de safra. Não dá para nada

III - Agrônomo e organizador de eventos

IV - Tirando linha ele encontrou a sua Maria

V - Reflorestando e protegendo as nascentes

VI - O marisco entre a rocha e o mar

VII - Correndo pista para levantar vôo na carreira

VIII - De interino a professor de economia rural

IX - De burocrata cego a secretário da Agricultura

X - Agora Jayme, bote a CEASA para funcionar

XI - Integrando o G-5 da Arquidiocese

XII - Vivendo de acordo com as circunstâncias

XIII - Por trás do supermercado, uma grande empresa

XIV - Retornando ao serviço público

XV - A produção intelectual de Jayme

XVI - Exerceu a cidadania conscientemente

Cronologia de Jayme Ramos de Queiroz

Quem é Sérgio Mattos

Prefácio

PERFIL BIOGRÁFICO DE UM CIDADÃO PRESTANTE EXEMPLAR

Jayme Ramos de Queiroz, hoje aos 84 anos, filho de ilustre família baiana de classe média, cuidadosamente educado na fé cristã e no catolicismo, Engenheiro Agrônomo diplomado aos 22 anos em 1947, desde este ano pós-guerra protagonizou uma serena, segura, pertinaz – *por seis décadas até 2007*, - e luminosa carreira de *administrador da agricultura, indústria e comércio*, além de Professor universitário, desde 1965, na abrangente seara da Economia Política. Em virtude desse *curriculum vitae* assim sumariado, mereceu do jornalista e comunicólogo, escritor - prosador, poeta – e Professor universitário Sérgio Mattos o que este considera um *perfil biográfico*, aqui prefaciado. Trata-se de um texto que me parece escrito com a mesma delicadeza, a elegância e a mansa fluidez do estilo intelectual do próprio *Dr. Jayme*, que, acredito, pelo convívio das entrevistas, contagiou o autor/ensaísta no seu exercício de biógrafo *up to date*.

Foi de julho a dezembro de 1963, durante um semestre letivo, de estudos e pesquisa-de-campo em tempo integral, do SEGUNDO (e último) assim chamado CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA (*CPG II*), ministrado pela Escola de Administração da UFBA, que conheci de perto Jayme Queiroz, convivendo com ele e seus dezesseis colegas selecionados pelo Professores José Rodrigues de Senna e José Carlos Dantas Meirelles para aquela segunda experiência inovadora, pioneira, de *desenvolvimento de executivos do Setor Público*. Meu *papel* foi o de um dos professores (com Senna, Meirelles, Margarida Costa Batista, Jorge Hage Sobrinho, Rômulo Galvão, Victor Gradin) de disciplinas curriculares do dito *CPG II*, acrescido pelo de *facilitador*, em agosto de 1963, na condução de um “segundo” *Laboratório de Treinamento de Sensibilidade Social (Social Sensitivity Training Laboratory)* para os pós-graduandos, já que o “primeiro” fora por mim conduzido em setembro de 1962, para os pós-graduandos do anterior, obviamente, *CPG I*. Tratava-se de um experimento didático, uma técnica então nova, de dinâmica-de-grupo aplicada ao adestramento de aptidões comportamentais de *empatia* (ou *sensibilidade social*) e de *flexibilidade de atitude/ação*.

Os dois cursos, *CPG I* e *CPG II*, constituíram um estratégico pré-investimento da Escola de Administração da UFBA na capacitação de Executivos públicos para coordenar eventuais, futuros, programas de modernização e reforma administrativa, fosse no Estado, fosse em Município. O Diretor da Escola, Professor Lafayette Pondé, deflagrou os dois cursos *CPG* estimulado pelo assessoramento de Senna, um professor e pesquisador da Escola Brasileira de Administração Pública (EBAP), da Fundação Getúlio Vargas, Rio, transferido para a UFBA para chefiar ou coordenar os cursos de graduação (Bacharelado) e extensão em Administração Pública da Escola de Administração (Pública e de Empresas) criada em 1959 pelo Magnífico Reitor Edgard Santos.

Jayme Ramos de Queiroz, que desde 1948, mediante aprovação em concurso público, iniciara sua carreira como Agrônomo na Secretaria de Estado da Agricultura, Indústria e Comércio, estava, em 1963, nos seus 38 anos de maturidade, motivado e dedicado em plenitude ao *CPG II*, que lhe pareceu preciosa oportunidade de avanço profissional. Discreto, para não dizer tímido, sempre muito atento, confiante e bem-humorado, foi dos melhores e mais aplicados alunos e pesquisadores-de-campo (levantando dados sobre a atuação de sua Secretaria da Agricultura) do curso, e teve uma participação marcante, admirável, durante as *trinta horas* de convívio intensivo, em semi-internamento num salão da Escola da praça Teixeira de Freitas (antiga sede da Faculdade de Direito), no *laboratório de sensibilidade social*, por dez dias, inclusive dois sábados, entre 13 e 24 de agosto de 1963, e nas sessões de *avaliação quatro meses depois*.

Sob o título *Biografia do Grupo CPG-II - agosto, 1963*, a “história” desse experimento de *pesquisa-de-ação* (**action**-research) está cuidadosamente documentada e publicada em 240 páginas, na Parte III, Capítulos 8 a 12, do livro de João Eurico Matta, **Dinâmica de Grupo e Desenvolvimento de Organizações**, S. Paulo, Livraria Editora Pioneira, 1975, vol. I, págs. 182 a 334. Por aí se lê e se aprende que era um *grupo-T* (grupo-de-treinamento-de-sensibilidade social) composto (afora o **facilitator/trainer**, Matta, e a *observadora* “*Silenciosa*”, Professora Margarida Costa) por dezessete profissionais graduados de alto nível intelectual, de múltiplos talentos e personalidades fortes e assertivas, *ipso facto* um grupo “*tête à tête*” ou *face a face* de difícil interação na fluidez *histórica* das *três fases* de seu desenvolvimento grupal, a saber: 1 - *heteronomia*, ou *dependência* na relação com o *facilitador*; 2 - *anomia*, ou *caos da independência*; e 3 - *internomia*, ou *interdependência com autonomia* de cada participante-treinando. No espaço limitado deste prefácio, para ter-se uma idéia da superior qualidade intelectual desses participantes *sensibilizando*s, é bastante revelar os nomes, que se tornariam notórios e célebres em suas

carreiras, nas décadas seguintes, (- e passados 46 anos do experimento, nada impede que se faça essa revelação, até mesmo porque alguns já faleceram -), por trás de seus *pseudônimos* ou *criptônimos*, que eles próprios adotaram na ocasião, de pelo menos dez dos dezessete protagonistas : “*Domingos*”, o Agrônomo Jayme Queiroz; os Engenheiros rodoviários, do DERBA, “*Índio*”, Carlos Sampaio, e “*Setnof*”, Ademar Dantas Fontes, ambos de saudosa memória; o Procurador do Estado “*Cirano*”, advogado Yon Yves Campinho; o Procurador da Fazenda Nacional “*Hipólito*”, Advogado, depois eminente professor da Escola, Benedito Britto; o então assessor da empresa promotora do Turismo da Prefeitura de Salvador, o já escritor “*Bloom*”, Bacharel em Direito João Ubaldo Ribeiro; três Delegados de Polícia: “*Gandhi*”, Adhemar Bento Gomes; “*Raskolnikof*”, Iso Rocha; e “*Mévio*”, Jurandir Moysés.; e um Economista do Banco do Nordeste, “*Gold*”, Rubem Dourado. Quanto à participação expressiva, atente-se, por exemplo, às págs. 230-231, para o desempenho documentado, no experimento da clássica **clínica do rumor**, das verbalizações de *Cirano* para *Setnof*, deste para *Domingos*, deste para *Bloom*, deste para *Gold*, deste para *Raskolnikof* e, por fim, *Raskolnikof* para todo o grupo presente.

No ano seguinte, - após a solene assinatura, em junho de 1964, no salão de despachos do Palácio Rio Branco, do convênio para a Reforma Administrativa do Poder Executivo baiano, firmado pelo governador Lomanto Júnior com o Superintendente da SUDENE, o Superintendente da USAID/Rio, o Reitor da Universidade Federal da Bahia e o Diretor da Escola de Administração (pelo ISP, Instituto de Serviço Público, órgão complementar da Escola), - o então Chefe da Casa Civil do Governo e Coordenador Geral do Programa de Reforma Administrativa, João Eurico Matta, convidava o Dr. Jayme Queiroz para ser o Coordenador, chefiando o Grupo de Trabalho da Reforma Administrativa no âmbito da Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio. O Engenheiro Carlos Sampaio desempenharia a mesma missão, no âmbito da então Secretaria da Viação e Obras Públicas. E outros diplomados pelos dois CPG, como Adhemar Bento Gomes com relação à Reforma na Secretaria da Segurança Pública, assumiriam responsabilidades de topo na equipe de Coordenação do programa de modernização administrativa deflagrado pelo Governador Lomanto Júnior no triênio 1964-1967. Ao longo desses três anos, inclusive os três meses, de 1965, de momentosa realização dos 19 *Simpósios de Políticas Governamentais*, trabalharíamos todos juntos, Jayme Queiroz sempre presente, em equipe e em busca de *internomia* com os técnicos do ISP, assessores da normatização da Reforma Administrativa quatro diplomas legais sancionados em abril de 1966, e regulamentados por decretos do Governador, nos meses seguintes.

Ressaltou-se acima o período de 1963 a 1967, mas a ação exemplar de Jayme Queiroz como cidadão prestante ultrapassa esses cinco anos em décadas, durante as quais prestou serviços de alta responsabilidade sob 12 governadores, foi dirigente de muitos órgãos governamentais, Secretário de Estado e dirigente de empresas públicas e privadas. E Professor da UFBA. Sempre com dedicação, correção ética e liderança eficaz, orientada para o serviço efetivo ao cliente da organização. Uma conduta exemplar de cidadão prestante, de que se orgulhava sua admirável esposa, Maria Antonina, e de que se orgulham seus filhos e netos.

É dessas lições de 84 anos de vida que nos dá conta, de modo envolvente, o *perfil biográfico* que em boa hora se oferece ao Leitor.

João Eurico Matta
Membro da Academia de Letras da Bahia e
Professor Emérito de Administração da UFBA

INTRODUÇÃO

COMO CHEGAR AOS 80 COM CARA DE 60

“A história do mundo é a biografia
dos grandes homens”

Thomas Carlyle

Em 1996, Jayme Ramos de Queiroz, então com 71 anos, foi convidado por Raimundo Dantas, que havia assumido a presidência da Empresa Baiana de Alimentos S. A . – EBAL, para ocupar a função de Assessor Chefe. Com os seus conhecimentos e vivência na administração pública e privada, além do livre trânsito político que tinha, era a pessoa ideal para a função. Na Ebal, organizava os eventos comemorativos da empresa e proferia palestras, para o público externo ou durante os seminários da Auditoria Interna da empresa. Em sua maioria, as palestras versavam sobre Agricultura, Desenvolvimento Econômico, Cooperativismo e Comercialização Agrícola. Temas com os quais esteve envolvido ao longo de toda a sua vida.

Mas, foi no Rotary Club da Bahia, em reunião que coincidiu com o dia de seu aniversário, dia 13 de março de 2008, quando comemorou 83 anos de idade, que ele foi convidado a ensinar aos companheiros como atingir “Os 80 anos com cara de 60”. Aceitou o desafio, mas na hora exata, como é permitido a quem tem mais de 70, falou sobre o que quis e acabou dando um interessante e bem humorado testemunho sobre sua experiência como administrador público e de empresas privadas.

Sobre o tema solicitado apresentou sua receita de maneira simples e direta: “no meu caso, três fatores importantes concorreram para isto: em primeiro lugar Deus, pois quem tem Deus no coração, tem amor e dá de si sem pensar em si, porque Deus é amor. Em segundo lugar, a família, pois é a única empresa em que não prevalece a moeda e sim o amor e, no meu caso, recebi da minha família uma educação doméstica e religiosa que acredito ter sido um dos fatores do meu bom comportamento na vida. E, por último, sempre recebi dos companheiros rotarianos, por coincidência ou não, um apoio ou uma valiosa ajuda para resolver os problemas que tive na minha vida”.

Foi a partir deste depoimento no Rotary, que desenvolvi a idéia, proposta por minha esposa, Denise Orrico de Araújo Mattos, de escrever um perfil biográfico de Dr. Jayme, como todos o tratam. Consultado, ele aceitou a proposta como um novo desafio, pois teria que dar

depoimentos, recordar fatos, repassar a vida a limpo e disponibilizar todo o material possível: documentos, fotografias, trabalhos escritos e publicados, arquivos pessoais, entre outros.

Mantive várias reuniões em sua casa com a presença dos filhos, cuja participação foi essencial para que este trabalho pudesse ser realizado. Em nossos encontros, além de colher informações, deixava uma série de perguntas que ao longo do ano de 2008 e início de 2009 foram sendo respondidas ao mesmo tempo em que a ansiedade dele aumentava no sentido de ver o trabalho final pronto. Passei a explicar o método de trabalho adotado, que consistia primeiro, em construir sua cronologia, levantar todos os dados, colher depoimentos, dele, dos familiares e de amigos, além de fazer uma pesquisa paralela para contextualizar sua história de vida. Tudo isto seria necessário para que eu pudesse reunir informações suficientes para construir o seu perfil biográfico com coerência. Ele entendia e agradecia a atenção, enquanto eu, por minha vez, cheio de compromissos profissionais na Universidade, cumprindo prazos com editoras, participando de bancas de mestrado e doutorado, participando de seminários e congressos, ficava também cada vez mais ansioso para finalizar este perfil, que é uma lição de vida para todos nós.

Tive oportunidade de conhecer Jayme Ramos de Queiroz, em fins dos anos 60, quando exercia a função de repórter da *Tribuna da Bahia* e cobria a Secretaria da Agricultura e o entrevistava com frequência. Anos depois, trabalhei como assessor de imprensa da Secretaria da Agricultura, na gestão de Raymundo Fonseca, cuja competência aprendi a admirar, e assim continuei tendo a chance de acompanhar mais de perto a atuação de Jayme, que estava dirigindo a CEASA, órgão vinculado à Secretaria. Na oportunidade, contribui inclusive com a ratificação da indicação da jornalista Azimozete Sant’Anna, que trabalhava comigo no jornal *A Tarde*, para exercer a função de assessora de imprensa da CEASA.

Trabalhando no jornal *A Tarde*, passei a editar, já na década de 70 do século passado, um caderno, o “Jornal de Utilidades”, onde tínhamos uma página dedicada aos temas agrícolas sob orientação de Nonato Marques, que já havia sido Secretário da Agricultura. Posteriormente, na década de 80 criei e editei, no mesmo jornal, o suplemento “A Tarde Rural”, que foi lançado durante a realização da primeira FENAGRO da Bahia. Dessa forma, o trabalho como jornalista profissional acabou me possibilitando acompanhar as andanças de Jayme Ramos de Queiroz pelo menos nos últimos 40 anos, quando passei a entender e admirar este homem, um verdadeiro *gentleman*, que sempre esteve envolvido na produção, distribuição e comercialização agrícola, tanto na esfera pública como na esfera privada da Bahia.

A construção deste perfil foi um aprendizado como também o será para todos os que vierem a lê-lo, pois está cheio de ensinamentos de como vencer na vida com persistência, paciência e determinação. A riqueza dos elementos contidos neste livro fará com que ele seja lido não apenas por amigos, mas por todos que buscam encontrar sentido na própria vida. Digo isso porque tenho consciência de que, mesmo vivendo na pós-modernidade, o campo biográfico continua despertando interesse junto ao público. Por muito tempo a biografia foi considerada como um gênero secundário da literatura porque se dedicava a enaltecer ou criticar o biografado com o único objetivo de lhe garantir um lugar na história. A biografia moderna está ganhando uma amplitude cada vez maior, pois deixou de ser a listagem em ordem cronológica da vida de alguém ou um trabalho crítico de sua vida ou obra.

Aqui não pretendi escrever a biografia completa de Jayme Ramos de Queiroz, sua vida e sua obra, mas traçar um perfil de um homem que soube vencer os obstáculos da vida com perseverança, bondade, humildade, honestidade e dedicação ao trabalho, aos amigos e à família. Por isso a história de sua vida é singular e ao mesmo tempo um exemplo. Não pensem em encontrar aqui uma grande discussão sobre a época e as questões políticas ao longo dos 84 anos de vida dele, mas tenham a certeza de encontrar um relato de vida, um perfil de um homem que soube dar sua contribuição para melhorar o padrão de vida dos baianos, cumprindo o seu papel de cidadão responsável, criativo, trabalhador e sério. Um bom chefe de família, bom companheiro e uma pessoa extremante afável e cordial de quem todos gostam e admiram.

Os mais exigentes poderão sentir, neste perfil, escassez de informações sobre a época em que transcorre a narrativa e encontrar apenas alguns aspectos parciais de sua vida. O importante, entretanto, é que os fatos aqui contextualizados preenchem o objetivo a que nos propusemos, pois não pretendíamos nem fazer juízo crítico da vida de Jayme, nem tampouco traçar panorama histórico de sua época, embora em alguns momentos tenha sido necessário lançar mão desses recursos para melhor situar sua participação, direta ou indireta, no processo dos fatos.

Minha proposta de trabalho foi tentar descrever a vida de Jayme com objetividade e clareza, procurando atrair a atenção do leitor para o desdobramento dos fatos correlatos sem, no entanto, me afastar da verdade e da exatidão. Não pretendi realizar uma obra de moral ou de crítica, nem tampouco me ater ao elogio puro e simples de sua vida. Procurei me livrar dos preconceitos e da preocupação em explicar problemas de caráter histórico, bem como me desvencilhei de toda informação que considerei secundária para poder melhor fixar e

descrever a vida deste homem, mas também me agarrei aos detalhes que contribuísssem para mostrar quem realmente é Jayme Ramos de Queiroz.

O homem Jayme pode ser encontrado na sua maneira de ser, de tratar as pessoas e, principalmente, como seus subalternos e companheiros de jornada o enxergam e o sentem. Para Raimundo Dantas, com quem Jayme trabalhou em diversos empreendimentos, tanto na esfera pública como na privada, “Jayme é um homem sereno, um pouco tímido, mas com grande capacidade de escutar. É um homem extremamente fino, que sabe ensinar, orientar e debater sem prepotência”.

Em depoimento também para este livro, o Arquiteto Itamar Batista disse:

Fim dos anos 50, já trabalhava como Office-boy na Secretaria da Agricultura, quando conheci Jayme Ramos de Queiroz. Eu no quinto andar, Dr. Jayme, no sexto. Tímido e circunspecto, porém muito atencioso, sempre me cumprimentava, um jovem funcionário sem importância. Jayme é, sem dúvida, uma daquelas pessoas que honra quem o conhece; sua seriedade, honestidade, probidade, acompanharam-lhe todo o tempo nas diversas atividades que exerceu. Jayme é gentil e simpático, sempre bem humorado, e com uma capacidade incrível de não demonstrar suas outras inteligências (era um tanto sonso, no bom sentido). Sua maneira principesca de tratar os humildes, sua elegância pessoal e discricção, para dizer o mínimo, fazem-no um indivíduo especial, uma daquelas pessoas que uma antiga revista – Seleções – a cada número apresentava alguém especial com o título de o ‘o meu tipo inesquecível’.

Em 14 de março de 1983, quando deixava a presidência da CEASA, Jayme foi alvo de uma homenagem prestada pelos funcionários. Falando em nome dos companheiros de trabalho, Grimaldo Paternostro, depois de salientar sua capacidade para resolver os problemas cotidianos com muita calma, com muita pertinência, o comparou a uma árvore comum no semiárido, o Joazeiro, que é um dos símbolos de resistência do sertão, pois permanece verde em pleno período de seca:

Você, Jayme, é como o Joazeiro, uma árvore bendita, tabu dos sertões, fica mais verde e mais lindo, sacudindo no espaço a sua juba esmeraldina. Salve Oásis das caatingas solitárias e silenciosas, que dá sombra ao gado moribundo, pouso aos retirantes, frutos àqueles que para ti, estende as mãos pálidas e murchas. Salve Jayme Ramos de Queiroz, que no seu silêncio, soube abrigar aqueles que lhe estenderam as mãos, solicitando

*emprego para adquirirem alimentos para os seus familiares. Você, na CEASA, foi um Joazeiro heróico.*¹

Não foi, portanto, meu objetivo traçar um copioso perfil de Jayme Ramos de Queiroz, como se fosse uma personagem da história contemporânea, um líder ou político de destaque, mas, sim apresentar um quadro no qual as pinceladas dadas o façam transparecer como ele é na verdade, um ser humano comum, igual a qualquer um de nós, mas que foi capaz de fazer a diferença, por saber exercer seus direitos e deveres da maneira correta, construindo ao longo de sua vida uma quantidade imensa de exemplos a serem seguidos. Assim sendo, este perfil se justifica não apenas por isso, mas também pelo fato de ter trabalhado com 12 diferentes governantes, cujos estilos político-administrativos foram determinantes aos destinos do Estado e dos funcionários públicos.

Observe-se que seu período de vida, o auge de sua vida profissional, passa ainda pelos 21 anos da Ditadura de 1964. Jayme, com muita habilidade e jogo de cintura, conseguiu atravessar incólume e se sair bem. O segredo de tal façanha talvez esteja contido no trecho de uma carta enviada à seção Opinião do Leitor, do jornal *A Tarde*, publicada no dia 16 de novembro de 1983, quando prestou esclarecimentos referente a uma nota publicada, na condições de ex-presidente da CEASA, empresa que dirigiu por 12 anos consecutivos: “sempre acatei as determinações superiores, procurando desempenhar as missões a mim atribuídas, dentro das minhas limitações, porém com entusiasmo e senso de responsabilidade, a fim de não comprometer a administração pública, respeitando as autoridades para poder ser respeitado”.

Muitos fatos, às vezes considerados como insignificantes, ocorridos no dia-a-dia, são exatamente aqueles que acabam marcando a imagem física e a alma do ser humano perante seus semelhantes. Procurei identificar estes episódios na vida dele, um ser humano normal com defeitos e virtudes, vaidoso e orgulhoso de suas realizações, muitas vezes teimoso e às vezes flexível em demasia, pois não sabia dizer não. Jayme, extremamente observador, possui um olhar simpático e acolhedor que não impedem que se torne inflexível quando o momento exige. Seus gestos elegantes, sempre comedidos, quase que estudados ou calculados, acompanham sua voz calma e pausada, cujo timbre deixa transparecer seu estado de espírito a

¹ O Joazeiro ou Juazeiro, também conhecido por Joá e Juá-Fruta, é uma árvore nativa do nordeste brasileiro, encontrada na caatinga e no cerrado. É uma árvore muito resistente a períodos de seca, proporcionando sombra e alimento quando nada mais resta durante os períodos de seca. Diz-se que do Joazeiro tudo se aproveita, sua folhagem é usada como alimento na pecuária, seus frutos são comestíveis e que com a casca da árvore os nordestinos podem tomar banhos terapêuticos, lavar roupa e escovar os dentes. O nome de duas cidades nordestinas foram derivados desta árvore: Juazeiro, na Bahia, e Juazeiro do Norte, no Ceará.

cada momento, externando sua satisfação ou não com os fatos ou com a conversa que está mantendo.

O fato de nunca ter perdido a calma e se alterado, elevando a voz em determinadas situações, não significa que ele não fosse, ou não seja, capaz de se alterar, quando contrariado e desafiado. Significa, sim, que Jayme é uma pessoa controlada, que procura nunca perder a linha para não perder a razão. Significa que ele aprendeu a ser manso. Significa ainda que ele é uma pessoa que, estrategicamente, sabe avançar ou recuar e que se revelou como um grande negociador, apaziguador e capaz de resolver problemas. Não foi à toa que o *Jornal da Bahia*, no ano de 1981, publicou uma nota na coluna política, que encerra muito de sua maneira de ser: “O presidente da CEASA, Jayme Ramos de Queiroz, ex-secretário e professor universitário, sempre que as turbulências políticas atingem a Secretaria da Agricultura, é convocado a assumir sua direção. Normalizada a situação, retorna tranqüilo às suas origens, na expectativa de novos acontecimentos”.

Dentro das contradições, das idas e vindas da vida, procurei encontrar, nos fatos vividos ou presenciados ao longo de seus 84 anos de vida, o homem a ser descrito. Usando da intuição, ousei preencher as lacunas deixadas nos depoimentos, baseando-me nos fatos conhecidos. Isto não quer dizer que fantasiei na reconstituição de passagens vividas por Jayme, como se estivesse romanceando sua vida, mas significa que considerando determinados episódios pude deduzir que certas atitudes e decisões tomadas e algumas ocorrências, com grande probabilidade de acerto, tenham se passado de tal ou qual modo como o narrado. Isto tudo levando em consideração duas frases que ele gosta de usar para definir a vida: “A vida é bela para quem sabe vivê-la. É como colher rosas com espinhos, tem de saber colher para não se machucar”; e, citando carta de São Paulo aos Efésios: “a vida é um aprendizado contínuo, devemos procurar ‘ter a virtude de viver de acordo com as circunstâncias’”.

Mas, neste trabalho, devo reconhecer, como consequência de minha incapacidade de discernir ou entender em detalhes certas ocorrências, não pude, com precisão, identificar aspectos mais complexos do espírito de Jayme Ramos de Queiroz, pois como disse Shakespeare, em *Romeu e Julieta*, “em nós, como nas ervas, há sempre duas potências inimigas: a santidade e a paixão”.

Estas explicações se fazem necessárias para que o leitor não incorra no erro de exigir ou desejar encontrar aqui o que não me propus a realizar. Este trabalho, apesar de possuir várias modalidades do gênero biográfico, não é, na essência do termo, uma biografia. Trata-

se, como um todo, de um perfil digno e contextualizado, capaz de suscitar o exemplo a ser seguido.

Sérgio Augusto Soares Mattos
Jornalista, poeta e professor
Salvador, fevereiro de 2009

I

UM ESTRANGEIRO NA FAMÍLIA

“Nunca saberemos em que medida o ser humano é influenciado pelo seu país, ou pela sua raça”.

Auguste Bailly

No ano de 1925, que não é ano bissexto, Francisco Marques de Góes Calmon governava a Bahia graças a um despacho do presidente da República que o proclamou governador, eleito que fora pela maioria dos votos para o período de 1924 a 1928, contra a vontade dos Seabristas que tentavam impedir sua posse que foi assegurada por tropas federais. Na época, politicamente conturbada, dois outros temas tomavam conta das conversas na rua Chile e cafés da cidade: a Coluna Prestes e as andanças de Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião, o mais famoso e mítico de todos os nossos bandidos, pelos sertões da Bahia ao Ceará. A agricultura baiana ocupava o terceiro lugar no Brasil em área cultivada e já era o maior centro exportador de cacau. Mas, naquele ano, houve uma baixa repentina nos preços do produto ameaçando a cacauicultura o que levou os produtores a se mobilizarem para restabelecer a carteira de crédito agrícola do Banco do Brasil. No setor das comunicações, a rádio telefonia estava em moda e a Rádio Sociedade da Bahia fazia sucesso transmitindo a voz humana para deleite dos ouvintes. As elites política e econômica do Estado tinham quatro jornais à disposição, como fontes de informação: *A Tarde*, *O Imparcial*, *Diário da Bahia* e o *Jornal Diário de Notícias*.

Foi neste contexto, numa sexta-feira, dia 13 de março de 1925, que Jayme Ramos de Queiroz, filho de Maximiano Ramos de Queiroz e de Alzira Menezes Ramos de Queiroz, nasceu na histórica cidade de São Cristóvão, a quarta mais antiga cidade do Brasil, então capital do Estado de Sergipe. Na mística popular, o dia 13 e ainda por cima sendo uma sexta-feira 13, pode simbolizar azar, mas no caso de Jayme o número 13, do dia em que nasceu, muito pelo contrário, só lhe trouxe sorte, a ponto de alguns acharem que ele é predestinado, porque em tudo em que esteve envolvido, o resultado sempre foi positivo e ele sempre saiu vitorioso. Vale destacar que o ano de 1925, de acordo com o sincretismo religioso, começou numa quinta-feira, portanto regido por Oxossi (São Jorge), o santo guerreiro. E o dia da semana em que ele nasceu, uma sexta-feira, é dia consagrado a Oxalá, que transpira mansidão

e justiça. Pode-se dizer, então, numa interpretação livre, que Jayme nasceu para ser um Guerreiro da Paz, um lutador e realizador justo.

Segundo o horóscopo chinês, um dos mais antigos da humanidade, Jayme é do signo de Boi, que representa a prosperidade, paciência e muita vontade de trabalhar. Geralmente, a pessoa nascida sob o signo de Boi é um indivíduo decidido, de caráter firme, que sabe ouvir, mas quando toma uma decisão dificilmente mudará de opinião, além de ser conservador e leal, se dá bem em cargos de responsabilidade.

De acordo com a faixa do Zodíaco, Jayme nasceu sob o signo de Peixes. Acredita-se que cada uma das 12 constelações que se localizam na faixa do Zodíaco podem influenciar o destino e o caráter de uma pessoa. O indivíduo deste signo, de acordo com os compêndios que tratam do assunto, pode ser uma criatura paradoxal, contrastante, contraditória e, ao mesmo tempo, extremamente fascinante. Geralmente é uma pessoa multifacetada, sensível e receptiva. Quando em ação são pessoas gentis, calmas e tolerantes, que sabem se adaptar com facilidade às mudanças e sabem valorizar as pessoas, sabem ouvir e ouvem sem emitir críticas ou censuras.

Esta breve consulta ao horóscopo chinês e ao signo do zodíaco correspondente ao de Jayme, incomum em trabalhos dessa natureza, nos remeteu exatamente para quase que um retrato do seria sua vida relatada ao longo deste livro.

Particularmente, Jayme não acredita em horóscopo, nem nunca fez consultas de qualquer espécie. No entanto, o professor Newton Pinto, que foi deputado e acreditava-se que tivesse o dom de prever o futuro, pois, em vida, acertou inúmeros acontecimentos olhando as mãos de políticos baianos, inclusive às de João Durval Carneiro, prevendo que ele ainda seria governador da Bahia, o que de fato ocorreu, certa feita olhou a mão de Jayme e disse que ele teria uma vida muito longa, o que está se confirmando.

Jayme é o terceiro da família formada por mais três irmãos: José, Luiz e Rosalina. A ida de sua família para Sergipe se deve ao fato de seu pai, Maximiano Ramos de Queiroz, que tinha diploma de Cirurgião Dentista, ter sido aprovado em concurso público para Fiscal do Imposto do Consumo, que naquele tempo era um dos cargos mais cobiçados da Administração Federal. Estudou Escrituração Mercantil e prestou o concurso, aconselhado que fora pelo amigo Otavio Mangabeira. Para que se tenha uma idéia da importância do cargo, basta lembrar que, quando se referia aos fiscais do consumo, Getulio Vargas os classificava como sendo “os Príncipes da República”, devido aos altos salários. Inicialmente, seu pai havia sido designado para o interior do Rio Grande do Sul, o que implicaria em uma

mudança muito radical, utilizando o navio, único meio de transporte existente, o que a tornava quase que inviável, além de afastá-los muito do restante da família.

Maximiano não hesitou um momento sequer e de imediato procurou o irmão, Silvano Ramos de Queiroz, contando ainda com o apoio do primo Alfredo Queiroz Monteiro, ambos Conselheiros Municipais², que pediu ao Ministro do Exterior do Presidente Washington Luiz, Dr. Otavio Mangabeira, para conseguir um local mais próximo, recaindo a escolha no Estado de Sergipe.

De imediato seu pai foi promovido por mérito a Inspetor Fiscal e na condição de Inspetor Fiscal, equivalente hoje a Auditor Fiscal, estava sujeito a ser designado para inspeções em qualquer Estado ou cidade, o que de fato ocorreu levando a família a morar em Recife por seis meses, sempre viajando nos navios do Loyd Brasileiro. Depois da experiência em Recife, Maximiano fincou raízes em Salvador, mas estava sempre viajando para realizar inspeções em outros Estados, como quando foi a São Paulo e permaneceu em Itapetininga por quatro meses longe da esposa e dos filhos.

Na época em que a família retornou para Salvador, Jayme estava com dois anos de idade e por não ter nascido na Bahia passou a ser considerado o único “estrangeiro”, não só da família Ramos de Queiroz, mas também da família Monteiro da Costa (primos em 1º grau). Em Salvador, a família foi morar na Bela Vista do Cabral e depois na Av. Joana Angélica 147, uma casa própria junto ao Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, da educadora Anfrísia Santiago. Assim, a família, que também abrigava a sua avó paterna, morou no bairro de Nazaré, onde estavam instaladas algumas das escolas mais bem conceituadas de Salvador: Instituto Baiano de Ensino, Ginásio da Bahia, Liceu Salesiano, Escola Nossa Senhora de Lourdes e a antiga Escola Normal. O bairro também era bem provido de Igrejas: a Igreja da Palma (junto ao Quartel General), a de Nossa Senhora San’Ana, a do Convento do Desterro, a do Convento do Coração de Jesus, a de Nossa Senhora de Lourdes e a de Nossa Senhora Auxiliadora, no Salesiano.

A família Ramos de Queiroz foi objeto de estudo genealógico realizado pelo Desembargador Agnaldo Bahia Monteiro, pois seu pai, Alfredo de Queiroz Monteiro, era

² Em 29 de abril de 1890, os vereadores nomeados pelo governo provisório do estado passaram a ter a denominação de “intendentes”. A partir de 1892, por força da lei orgânica municipal de 20 de outubro de 1891, os chamados “intendentes”, passaram a ser denominados de conselheiros municipais, voltando a denominação de vereadores a ser adotada a partir de 1928. Silvano Ramos de Queiroz foi conselheiro nos períodos de 1904-1907, 1916-1919, 1920-1923 e 1924-1927. Foi colega de bancada em seu primeiro mandato de Otavio Mangabeira.

primo de Maximiano. Aliás, Alfredo de Queiroz Monteiro³ também foi conselheiro municipal e responsável pelo primeiro emprego do pai de Jayme, como funcionário da Prefeitura. Na história familiar dos Ramos de Queiroz existem vários nomes de destaque. Para melhor entender a vida de um homem, no ser no qual ele se transformou, é necessário conhecer as suas origens, a importância e a influência de seus ascendentes e de que forma eles se destacaram e foram reconhecidos. Não pretendemos fazer um extensivo levantamento da árvore genealógica de Jayme, mas precisamos ter uma visão geral de como os membros de sua família, da qual ele é fruto, atuavam na sociedade.

A família tem início em 1839 com Antonio Ramos de Queiroz e Maria Pulcheria de Queiroz, que tiveram cinco filhos, que formam a primeira geração composta por: Severo, João, Tertuliano, Ernestina e Luiz Ramos de Queiroz, avô de Jayme, que era Escrivão do Cartório da Provedoria. Destes apenas João Ramos de Queiroz, abolicionista, jornalista combatente e engenheiro brilhante, não deixou filhos. A segunda geração é formada pelos filhos deles. O professor Severo Ramos de Queiroz, casado com Maria Evangelista Queiroz, foi o que deixou mais herdeiros, um total de oito filhos, incluindo o alferes Teodomiro Ramos de Queiroz que participou da guerra de Canudos e esteve envolvido na Revolta da Vacina.

Luiz Ramos de Queiroz e Rosalina Cândida Souza tiveram dois filhos: Silvano Ramos de Queiroz, que enveredou pela política, e Maximiano Ramos de Queiroz, pai de Jayme, que se destacou como funcionário público federal, chegando a exercer a função equivalente hoje ao de delegado regional da Receita Federal na Bahia. Tertuliano Ramos de Queiroz, que era Tabelião Público de Taperoá, casado com Hortência Perret de Queiroz, teve dois filhos: Antonio e Francisca. Ernestina de Queiroz Monteiro, casada com Izidro Francisco Monteiro, teve três filhos: João de Queiroz Monteiro, Izidro de Queiroz Monteiro e Alfredo de Queiroz Monteiro, que foi conselheiro municipal juntamente com Silvano, tio de Jayme.

Propositadamente, sobre a terceira geração vamos nos concentrar apenas nas famílias específicas de Jayme e na de Alfredo Queiroz Monteiro devido à maior proximidade e convivência que estes dois ramos familiares tiveram ao longo do tempo. A terceira geração da família de Jayme é formada pelos filhos de Silvano e de Maximiano. O primeiro teve dois filhos: Guiomar Ramos de Queiroz e Julieta de Queiroz Suarez. Já Maximiano e Alzira de Menezes Queiroz tiveram quatro filhos: José, Luiz, Jayme e Rosalina. De Alfredo de Queiroz Monteiro, casado com Clara Soares Amado Bahia, nasceram: Emmanoel, Alfredo, Maria de

³ Alfredo Queiroz Monteiro foi conselheiro municipal nos períodos de 1904-1907, 1912-1915, 1920-1923 e 1924-1927.

Lourdes, Julieta, Evandro, Carmelita, Amado, Orlando, Evandro, Clarice e Agnaldo Bahia Monteiro, que também se destacaram em suas respectivas profissões.

Entre os ascendentes de seu pai, o tio-avô de Jayme, João Ramos de Queiroz era Engenheiro e empresário de destaque. Ele foi o idealizador do Plano Inclinado Gonçalves, tendo merecido uma citação extensa do historiador Cid Teixeira, no livro *História da Energia Elétrica da Bahia*:

Uma outra empresa de carris urbanos se destaca na segunda metade do século XIX: a Companhia Linha Circular de Carris da Bahia, criada a partir de uma idéia do irrequieto e realizador João Ramos de Queiroz idealizador do Plano Inclinado Gonçalves, que teve como diretor da obra o comendador Manuel Francisco Gonçalves.

A idéia de Ramos de Queiroz era circular a cidade com pequenos bondinhos, que a população chamou de “Caixinhas de Fósforo”, e foi apresentada ao próprio imperador Pedro II, quando de sua presença na Bahia, pelo seu criador que traçou seu projeto sobre uma lousa. Sua Majestade demonstrou contentamento e acenou com a cabeça, o que foi interpretado por todos os presentes na casa do Barão de Rio de Contas, que ficava onde está hoje o Edifício Politécnica, como sinal de aprovação (Teixeira, 2005).⁴

Em homenagem ao astuto e empreendedor João Ramos de Queiroz, a pracinha próxima do Plano Inclinado Gonçalves foi inaugurada com seu nome. A Companhia Linha Circular, conhecida como CLC na época, foi instalada no dia 5 de novembro de 1886, de acordo com a ata publicada no Diário Oficial do Estado de 14 de novembro de 1886. E assim a família Ramos de Queiroz começou a entrar nos registros da história da Bahia.

Em um artigo publicado no *Jornal da Bahia*, no dia 9 de fevereiro de 1979, assinado pelo professor e historiador Cid Teixeira, intitulado “A Revolta do Queiroz”, relata um fato curioso, envolvendo um outro familiar de Jayme, o alferes Teodomiro Ramos de Queiroz, que esteve, mesmo que indiretamente, envolvido na chamada “Revolta da Vacina Obrigatória”⁵, um levante iniciado por alunos da Escola Militar do Brasil, sob influência de Lauro Sodré,

⁴ TEIXEIRA, Cid. *História da Energia na Bahia*. Salvador: EPP Publicações e Publicidade, 2005.

⁵ Para erradicar a varíola, o sanitarista Oswaldo Cruz convenceu o Congresso a aprovar a Lei da Vacina Obrigatória, em 31 de outubro de 1904, que permitiria que brigadas sanitárias, acompanhadas por policiais, entrassem nas casas para aplicar a vacina à força. A aprovação da lei foi um estopim para uma revolta popular que envolveu os cadetes da Escola Militar. A reação popular levou o governo a declarar estado de sítio no dia 16 de novembro de 1904 e após reassumir o controle da situação a vacinação prosseguiu normalmente e a varíola foi erradicada. No dia 14 de novembro de 1904, a Gazeta de Notícias, do Rio de Janeiro, registrou a Revolta com as seguintes palavras: “Tiros, gritaria, engarrafamento de trânsito, comércio fechado, transporte público assaltado e queimado, lampiões quebrados à pedradas, destruição de fachadas dos edifícios públicos e privados, árvores derrubadas: o povo do Rio de Janeiro se revolta contra o projeto de vacinação obrigatório proposto pelo sanitarista Oswaldo Cruz”.

com o objetivo de desmoralizar e, se possível, derrubar o governo da república. O levante de Realengo foi debelado e Teodomiro, que teve uma carreira militar tumultuada, foi abatido a tiros pelo Coronel Sotero Menezes, vindo a morrer no dia 19 de novembro de 1904. O Alferes Teodomiro Ramos de Queiroz virou nome de uma rua que liga o bairro de Santo Antonio à Baixa dos Sapateiros, devido, principalmente à sua atuação em Canudos, merecedora de elogios e citações. Sobre o episódio, Cid Teixeira escreveu:

Teodomiro Ramos de Queiroz, alferes do 9º Batalhão, fora aluno da Escola, onde deixara fama de líder. A sua espada tinha, no copo, gravada a frase: 'Ao bravo e leal Teodomiro, seus amigos da Escola Militar do Brasil. Em 30 do 4º de 1903'.

Era um homem sofrido. Nascido em Juazeiro filho do professor Severo Ramos de Queiroz, aos 16 anos, em 1892 já “verificara” praça na Escola, donde chegou a ser desligado duas vezes. Não sendo homem de disciplinas era, no entanto, um bravo. Nos dois processos, foi readmitido e, em Canudos, estava entre os que receberam citações de elogio. Logo que graduado, foi para a Campanha do Acre comandada pelo general Taumaturgo de Azevedo.

Voltara do extremo norte e estava, há menos de um mês, na Bahia quando ocorreu a revolta a que o estímulo de Lauro Sodré levava os alunos de Realengo. A derrota, a prisão e o desligamento dos envolvidos doeram-lhe na ausência e na impossibilidade de participar dos acontecimentos.

Quando foi noticiado que 44 dos detidos seriam transferidos para a Bahia, Ramos de Queiroz achou que era chegado o seu momento. O de criar aqui, um foco de solidariedade e de resistência. As intenções do motim do alferes chegaram ao conhecimento de Aurelino Leal, Chefe de Polícia e, por intermédio deste, ouvido o governador, ao general Ribeiro Guimarães, Chefe do Distrito Militar. Tudo na noite de 17 de novembro de 1904, justo quando o alferes inconformado tentara, sem sucesso, atrair para suas idéias o coronel Sotero de Menezes, comandante do 19º Batalhão e o major Inocêncio Fabrício Ferreira Matos, comandante do 9º, a que servia, aquartelado na Palma (Teixeira, 1979).⁶

O desdobramento da luta do alferes Teodomiro Ramos de Queiroz culminou com sua morte, por um destacamento sob o comando do coronel Sotero Menezes, tendo sido seu corpo enterrado na Quinta dos Lázaros, na presença de amigos, familiares e de colegas devidamente uniformizados com farda de gala.

A família sempre teve membros de destaque na sociedade baiana, ocupando cargos importantes na administração estadual e federal ou como profissionais liberais que brilharam e continuam brilhando graças ao talento e a capacidade com que encaram suas respectivas profissões. A construção da Árvore Genealógica dos Ramos de Queiroz feita pelo Desembargador Agnaldo Bahia Monteiro foi motivada principalmente pelo fato de seu pai,

⁶ TEIXEIRA, Cid. “A Revolta do Queiroz”. Salvador: *Jornal da Bahia*, 09/02/1979.

Alfredo de Queiroz Monteiro, ser casado com Clara Bahia Monteiro e ser primo de Maximiano Ramos de Queiroz.

O outro filho de Luiz Ramos de Queiroz⁷, avô de Jayme, foi Silvano Ramos de Queiroz, que foi Conselheiro Municipal, político mangabeirista, que conseguiu a transferência de seu pai para Sergipe, aonde ele nasceu. Silvano Ramos de Queiroz teve dois filhos: Guiomar Ramos de Queiroz e Julieta de Queiroz Suares. Do casamento da prima Edméa Queiroz Dias, irmã do alferes Teodomiro, com Cícero Dias, nasceram cinco filhos. Do casamento de Mario Queiroz, também irmão do alferes, nasceu Maria Beatriz, que se casou com o advogado e professor Hélio Raymundo de Britto, que tomou todas as providências para a aposentadoria de Jayme do serviço público estadual, quando o mesmo era Chefe do Cerimonial do Governo João Durval.

Dona Alzira Menezes Ramos de Queiroz, mãe de Jayme, tinha três irmãs – Marieta Monteiro da Costa, com oito filhos; Almerinda, com cinco filhos e Nanoca, que ficou solteira. Além disso, tinha várias primas, sendo uma, a tia Zozó, casada com o Engenheiro Carlos Freire de Carvalho, Diretor da Viação Leste Brasileiro, que foi quem indicou Jayme para realizar um estágio na ferrovia, quando ele ainda era universitário.

Como se pode perceber a família de Jayme era muito grande, com várias pessoas importantes e influentes e que mantinham um grande entrosamento familiar, sendo comum naquela época comemorar os aniversários, convidando todos para cantar os parabéns. Nem sempre compareciam todos devido ao grande número de primos. Os mais “chegados”, porém, eram os Monteiro da Costa, filhos da tia Marieta, irmã da mãe de Jayme. O entrosamento familiar era tanto que chegou a ter casamento na família, pois o irmão mais velho de Jayme, José Ramos de Queiroz, já formado em Medicina, casou-se com Yolanda Monteiro da Costa, não tendo filhos. Na época Jayme ainda estudante e muito jovem, era chamado de “frango” pelas primas e por isso sempre sobrava. Depois de formado, José, inicialmente, optou pela cirurgia, trabalhando na Clínica de Cirurgia do Dr. Fernando Luz. Também teve atuação pública tendo sido Superintendente do INPS na Bahia. Com o tempo, tornou-se Geriatra e Gerontólogo, tendo feito o devido curso promovido pela Cruz Vermelha Brasileira. José Ramos de Queiroz publicou um livro sobre a Terceira Idade.

Seu outro irmão, Luiz Ramos de Queiroz casou-se com Marília Studart, neta de Dr. Bráulio Xavier, tendo dois filhos: Luiz Fernando, bacharel em Direito com mestrado em Harvard, que foi Secretário da Fazenda no segundo governo de Antonio Carlos Magalhães, e

⁷ O avô de Jayme, Luiz Ramos de Queiroz foi casado com Maria Lutgard Osório e, em segunda núpcias, com Rosalina Cândida de Souza, mãe de Maximiano Ramos de Queiroz.

Roberto, Engenheiro Civil com mestrado em Engenharia Econômica e que hoje é diretor da SINART, que administra a Rodoviária de Salvador. Luiz optou pela cardiologia, tendo criado o Serviço de Gases Terapêuticos, pioneiro na Bahia, equivalente a UTI domiciliar, sendo utilizada uma tenda de oxigênio, atendendo os casos de AVC e infarto. Tendo prestado socorro com sua tenda de oxigênio inclusive a Otavio Mangabeira quando o mesmo foi acometido de um infarto. Depois, montou consultório junto com o Prof. Dr. Renato Lobo, clínico geral, que passou a dar assistência à família. Luiz Ramos de Queiroz tem quatro netos, duas moças e dois rapazes já graduados e que trabalham em empresas privadas.

Luiz, dentre os irmãos de Jayme, foi o que desenvolveu vida social mais ativa, tendo inclusive exercido a presidência do Clube Baiano de Tênis e publicado o livro intitulado “Registro de Vida”, no qual reuniu impressões de viagens, crônicas, artigos e textos de palestras proferidas principalmente no Rotary Clube.

Sua irmã, Rosalina, professora diplomada pela Escola Normal, seguiu a carreira de bancária, tendo casado com o contador Joviniano Fonseca Filho, tendo dois filhos: Alzira Maria, Engenheira Civil, e Augusto César, contador e professor da Universidade Católica. Tendo ficado viúva, Rosalina, passou a se dedicar às atividades religiosas na Igreja de Santo Antonio da Bahia na condição de administradora e Ministra da Eucaristia. Ela tem três netas que ainda são estudantes.

Segundo avaliação do próprio Jayme, a presença de dois médicos na família foi importante para a preservação da saúde familiar, pois representava uma assistência constante, permitindo uma longevidade maior: Rosalina está com 80 anos, Jayme com 84, Luiz com 85 e José com 87 anos de idade. Se isto não bastasse, sua avó morreu com 90 anos e 6 meses, seu pai com 86 anos e nove meses e sua mãe, um pouco mais cedo, aos 70 anos. Até a cozinheira, a “Véia Joana”, que trabalhou para a família por 54 anos, morreu aos 94.

Jayme recorda os momentos da juventude e de entrosamento familiar como “bons momentos”, pois além dos aniversários, também havia comemorações por ocasião dos festejos de São João, Santo Antonio e no Mês de Maria. Nos festejos juninos, seus tios, Dizolina Osório Freire de Carvalho, a tia Zozó, e Carlos Freire de Carvalho comemoravam soltando balões e fazendo os famosos quitutes da época. Também outra tia, Clara Bahia Monteiro, rezava o Mês de Maria e a Trezena de Santo Antonio, que sempre era encerrada com uma festinha dançante ao som do piano, instrumento presente em muitas casas, inclusive na casa dele. Naquele tempo os jovens dançavam juntos, mas não podiam “agarrar”.

Clara Bahia Monteiro, casada com o Conselheiro Municipal Alfredo Queiroz Monteiro, primo do pai de Jayme, teve nove filhos, sendo os mais conhecidos na Bahia, pelas

funções exercidas, o Desembargador Agnaldo Bahia Monteiro, o Professor Orlando Bahia Monteiro e Evandro Bahia Monteiro, Agrônomo com especialização em Zootecnia.

Naquela época a família tinha um papel decisivo na educação dos filhos, orientando na escolha das carreiras a seguir, ensinando boas maneiras e boa apresentação e, sobretudo, o respeito aos mais velhos. Era imprescindível tomar a benção como cumprimento a pais e tios. Até para sentar à mesa, tinha que estar de banho tomado, cabelo penteado e somente podia levantar depois dos mais velhos levantarem.

II

FIM DE SAFRA. NÃO DÁ PARA NADA

“A história contemporânea, cega pelo ódio e pela inveja, ou corrompida pelo elogio e pelo favor, altera e dissimula os fatos”.

Plutarco

Integrante de família classe média, filho de alto funcionário público federal, morador do charmoso bairro de Nazaré, tanto Jayme como os irmãos tiveram oportunidade de estudar nas melhores escolas, além de poder acompanhar a liturgia religiosa seguida pelos pais, o que contribuiu para a formação cristã de forte influência em sua vida e no seu envolvimento com a Igreja e proximidade com autoridades clericais da Bahia. A família como um todo freqüentava as missas dominicais, mas sua mãe, dona Alzira, filha de Aprígio Menezes e Maria do Patrocínio Osório Menezes, ia à missa diariamente. Seu pai era membro da Irmandade de Senhor do Bonfim.

Jayme estava com cinco anos de idade quando aconteceu a revolução liderada por Getúlio Vargas que destituiu o presidente Washington Luís e a Bahia foi mantida sob intervenção. O ano de 1930 a população fazia reivindicações e protesto com muita violência. Em Salvador, populares invadiram o escritório da CLC⁸ – Companhia Linha Circular de Carris da Bahia, instalado na Praça da Sé, jogando na rua documentos, máquinas e móveis, além destruir alguns bondes que foram incendiados.

Coincidentemente, o cinema falado chegou a Salvador em 1930. Primeiro no Cine-Teatro Guarani e logo depois ao Cine Glória (que virou Cine Tamoio anos depois) e no Cine-Teatro Jandaia. Cinemas que foram muito freqüentados e de extrema importância no desenvolvimento das relações sociais de Jayme durante sua adolescência. Naquele mesmo ano, quando o menino ainda nem pensava em escolher uma carreira profissional a seguir, a Bahia já se destacava como grande produtora agrícola, ocupando o segundo lugar no mundo na produção de cacau e o terceiro na produção de fumo. Em 1931, os meios de telecomunicações começavam também a ser incrementados pelos avanços tecnológicos que estavam possibilitando a instalação dos telefones automáticos que passaram a permitir a

⁸ Criada no ano de 1886, por João Ramos de Queiroz, o controle acionário da CLC, ao longo de sua existência, mudou de mãos várias vezes, mas dominou o mercado de transportes urbanos de Salvador por muitos anos.

ligação direta sem que houvesse a necessidade da participação de uma operadora para completar as ligações. Foi também em 1931 que o Tenente Juracy Magalhães tomou posse como novo interventor federal na Bahia, em substituição a Artur Neiva.

Enquanto a política pegava fogo no Estado, Jayme iniciava seu processo de alfabetização na escolinha da professora Raquel, na Lapa, e acabou cursando os cinco anos de ginásio no tradicional Instituto Baiano de Ensino, tendo sido aluno das professoras Hilda, Risoleta e Maria José. As escolas eram próximas de sua casa, ou melhor “no mesmo passeio” como se dizia antigamente. A disciplina usada nestes colégios era muito rígida e os professores ainda utilizavam a palmatória e a régua com as quais aplicavam bolos e castigavam os alunos indisciplinados. Apesar de nunca ter experimentado qualquer desses instrumentos, o aluno Jayme, pelo menos em um dia ficou de castigo: em pé durante todo o horário da aula. A experiência serviu de lição para aquele garoto tímido e franzino, pois a partir de então nunca mais foi castigado.

Naquele tempo os diretores das escolas se destacavam e participavam diretamente dos eventos que envolviam seus estabelecimentos, além de primarem pela exigência no que diz respeito à disciplina e rigor no ensino. Um dos requisitos era o fardamento que devia ser seguido à risca. A disciplina era tão rigorosa que, por exemplo, nos colégios femininos e religiosos, não era permitido às alunas usarem qualquer tipo de maquiagem ou até mesmo pintar as unhas. Alguns colégios mantinham o internato e em todos eles existia a chamada “cafúia”⁹, para os mais indisciplinados.

O Instituto Baiano de Ensino era dirigido pelo professor Hugo Baltazar da Silveira, que integrava, ao lado da professora Anfrísia Santiago, do professor Conceição Menezes (do Ginásio da Bahia), dos professores Carneiro Ribeiro e Pedro Tenório (do Colégio Sophia Costa Pinto) um time de primeira grandeza de educadores que se destacaram e contribuíram para a formação de importantes figuras da sociedade baiana. Ainda hoje, são lembrados como ícones da educação na Bahia.

Como aluno bem comportado do Instituto Baiano de Ensino, Jayme não sofreu nenhum castigo, nem xingamentos, considerando o fato de que naquela época os professores podiam castigar os estudantes, inclusive xingar de burro, tapado e de idiota. Seus dois irmãos mais velhos também estudaram no Instituto, sendo considerados alunos brilhantes, sempre entre os mais destacados e primeiros alunos de suas turmas e do colégio. O estudo era levado tão a sério que José o irmão mais velho aprendera taquigrafia com o objetivo único de copiar

⁹ “Cafúia” era um quarto escuro onde os alunos indisciplinados eram mantidos de castigo.

as aulas sem perder nenhum detalhe. José e Luiz eram sempre aprovados com “distinção e louvor”, enquanto Jayme, diferentemente, passava com “plenamente” ou até mesmo com “simplesmente”, mas nunca foi reprovado.

Talvez por isso o professor Alberto de Assis, de História, o tenha classificado como “fim de safra”, por ser o caçula entre os filhos homens de Maximiano Ramos de Queiroz, um homem muito bem conceituado na cidade. O próprio Jayme lembra que esta expressão é usada na agricultura, pois os produtos colhidos no fim da safra são de qualidade inferior. Ter sido considerado como de qualidade inferior não chegou a lhe importar muito, pois o professor de Latim, Deraldo Dias de Moraes, foi muito mais severo, dizendo que ele “não dava para nada”, além de tê-lo chamado de burro por não saber uma declinação. Anos mais tarde, Jayme proferiu uma palestra cujo título “Experiência vivida na administração pública”, mas que, na verdade, como chegou a afirmar durante o evento, o título seria “Como um burro chegou a ser Secretário de Estado dos Negócios da Agricultura”.

Quanto ao episódio, que de certa forma mexeu com brios do então adolescente, ele diz que, devido à educação recebida em casa, encarou o lado positivo da questão, considerando que o burro é um animal imprescindível em várias atividades do homem, além de ser um animal de trabalho. Assim, costuma lembrar que a partir de então procurou ser uma pessoa útil, estando sempre disponível para ajudar, além de participar mais intensamente de atividades religiosas que o ensinaram a ser manso.

Durante uma palestra realizada na EBAL, em 2002, referindo-se a este assunto, ele frisou: “consciente das minhas limitações, sem possuir inteligência privilegiada nem talento, procurei trilhar o caminho da humildade, recebendo as graças do Senhor e, sempre amparado pelo Salmo 23, ‘o Senhor é meu Pastor, nada me faltará’, como de fato, nunca me faltou”. Entretanto, para quem acompanha a vida de Jayme sabe que na verdade ele possui uma inteligência extremamente competitiva, que sabe perceber os sinais de perigo em casos pessoais, ou os sinais de alerta do mercado, que sempre foram relevantes para o processo de tomadas de decisões quando esteve no comando, tanto no serviço público como no privado.

Jayme confessa que se sentiu de alma lavada quando da “Formatura do Ginásio” porque o professor Deraldo Dias, por ter sido um bom professor, foi escolhido como paraninfo de sua turma. Jayme colaborou no processo de escolha e eleição do paraninfo, além de ter sido um dos responsáveis pela recepção e organização do evento. Sabedor de sua atuação e responsabilidade direta para a realização da festa, o professor Deraldo, meio desajeitado, o procurou para agradecer por sua eleição e pela organização da formatura. Com a organização dessa formatura, aos 16 anos de idade, Jayme já dava mostras de seu espírito

prestativo e sempre disponível a colaborar. Começava a despontar o homem organizado e sistemático, que planejava tudo o que ia ser executado nos mínimos detalhes, além de aprimorar a autodisciplina.

Pode-se deduzir, analisando a sua trajetória de vida, que estas duas opiniões acabaram marcando muito a formação de Jayme, uma pessoa retraída e sem gostar de aparecer muito, mas que no seu íntimo se satisfazia e se sentia orgulhoso sempre que suas ações eram reconhecidas. Jayme soube encontrar o caminho para completar sua formação escolar sem nunca ter sido reprovado, fazendo sempre o dever de casa, ou seja, cumprindo e executando toda e qualquer tarefa assumida ou a ele designada. Ele soube se preparar para aproveitar as oportunidades que surgiram na sua vida.

Aliás, força de vontade, determinação e muita organização, a ponto de ser identificado como uma pessoa muito sistemática, sempre foram atributos utilizados por Jayme em tudo a que se dedicou, facilitando prosseguir em sua caminhada simples, de funcionário público vinculado à agricultura, e vitoriosa por ter atingido o ápice da carreira, Secretário da Agricultura, depois de percorrer vários cargos de destaque na administração pública e privada e de ter dado também sua contribuição ao ensino superior, na condição de professor.

O sucesso posterior obtido por Jayme demonstra que o juízo de valor e as predições dos professores caíram por terra. Mas, talvez tenham sido estas duas infames opiniões (“fim de safra” e “não dá pra nada”) que acompanharam Jayme por toda a sua vida que o estimularam, no fundo de sua alma, a vencer todos os obstáculos como uma reação interior que hoje, depois do dever cumprido, ele pode lembrar daquilo com a satisfação de ter provado que ele não era nem um produto de qualidade inferior e que dava sim, para qualquer coisa que viesse a fazer, pois soube encontrar seu lugar e ocupar todos os espaços com sua timidez, muita cautela (que chega a ser confundida com medo), mas com grande capacidade de organização.

Concluído o primeiro grau no Instituto Baiano, Jayme realizou o curso complementar no Ginásio da Bahia (Colégio Central), quando teve a oportunidade de ser contemporâneo de Lomanto Junior, que queria fazer Odontologia, e posteriormente foi eleito governador da Bahia depois de ter sido prefeito de sua cidade, Jequié. Na época o colégio era dirigido pelo professor Conceição Menezes, que ao contrário de outros diretores, vibrava quando o Ginásio venciam alguma competição esportiva ou mesmo nos desfiles da Semana da Pátria, falando para todos os alunos: “Mocidade briosa deste Ginásio, moços severos e graves, altivos e galantes”. Sua vibração e alegria, no entanto, não aliava seus posicionamentos com relação à disciplina. Ele era exigente e reparava na farda dos alunos, um blusão caqui com emblema do curso

(Medicina, Direito e Engenharia), camisa branca e gravata preta. A gola da camisa tinha que estar sempre fechada, pois ele imediatamente repreendia: “Feche a gola seu moço”.

Esta disciplina colegial, aliada à rigidez do pai em casa, além dos períodos na Universidade e na Base Naval de Aratu, onde trabalhou por quatro anos, serviu para moldar um Jayme disciplinado, atencioso, extremamente organizado nos afazeres e, principalmente, muito discreto, a ponto de ganhar o apelido de “Jayme Baú”. A educação doméstica e a relação de respeito aos mais velhos, às mulheres e crianças, incutida nos filhos por Maximiano Ramos de Queiroz, com certeza foram pontos importantes na formação do jovem Jayme, como ele, hoje aos 84 anos, ainda recorda: “papai era rigoroso. Não deixava criança ouvir conversa dos mais velhos e, quando queria, nos repreendia com apenas um olhar. Ele exigia a presença de todos, devidamente vestidos, nas horas das refeições e todos os domingos costumava oferecer um jantar para toda a família (irmãos, cunhadas, sobrinhos, primos e primas). Era uma casa cheia”.

O pai de Jayme era uma pessoa calma, discreta, possuidor de excelente memória e gostava de escrever cartas e decorar poemas. Não esquecia do aniversário de nenhum parente e dos amigos, a quem costumava enviar cartões. A propósito, em seus aniversários Jayme sempre recebeu um cartão de seu pai dentro de um envelope no qual também continha algum dinheiro. Quando Jayme completou 48 anos de idade, Maximiano mandou um singelo cartão ao filho com os seguintes dizeres: “Ao querido Jayme, parabéns pelo radioso dia de hoje, 13 de março de 1973, passagem auspiciosa do seu aniversário natalício. Que esta data seja sem fim. Saúde e Felicidades abençoadas por Deus. Com uma lembrancinha do seu pai Maximiano”.

Complementando as lembranças do pai, acrescenta que Maximiano gostava da vida social, sendo mais expansivo na rua do que em casa. Ele continuou, ao longo de sua vida, mesmo depois de aposentado, saindo diariamente para fazer compras, visitar amigos ou para encontrá-los na Rua Chile onde participava de animadas conversas e colocava as notícias em dia. Maximiano nunca deixou de enviar cartões de aniversário para todos os familiares, amigos e ex-funcionários.

Este comportamento de relações sociais foi herdado por Jayme, que ao longo de sua carreira sempre cumprimentou e deu atenção a todos, dos mais simples aos mais importantes funcionários, tratando-os pelos respectivos nomes, o que revela uma atitude de humildade e de respeito ao próximo. Até hoje, aos 84 anos, quando vai ao correio, ao banco ou fazer compras no supermercado trata as pessoas que o atendem pelo nome, valorizando-as e, ao

mesmo tempo, facilitando o recebimento de um tratamento VIP, pois todos o conhecem também.

Jayme estava com 10 anos de idade, quando foi promulgada a nova Constituição do Estado. Então, o já Capitão Juracy Magalhães assumiu o governo do Estado da Bahia ao tempo em que, no ano seguinte, em 1936, declarava guerra à Ação Integralista Brasileira, mandando fechar todos os escritórios do partido nos municípios baianos. Naquele ano os baianos ganharam uma nova emissora, a Rádio Clube da Bahia, a PRF-6, enquanto Getúlio Vargas inaugurava aqui, na área do comércio, na Cidade Baixa, a sede do Instituto de Cacau da Bahia.

Em 1937, Vargas oficializou o Estado Novo e o país passou a viver, mais uma vez, sob regime de exceção, onde a liberdade e os direitos individuais nada valiam. Em 1938, Otávio Mangabeira foi preso e julgado por conspiração contra o governo de Vargas e liberado, quatro meses depois, por força de habeas-corpus, deixando o país ao qual só retornou após a anistia de 2 de abril de 1945. Com a renúncia de Juracy Magalhães, Landolfo Alves, que era Engenheiro Agrônomo foi nomeado interventor federal da Bahia, em 1938, e durante o seu período de governo deu grandes contribuições à agricultura, tendo inclusive construído a Escola de Agronomia de Cruz das Almas, na qual Jayme foi estudar. Também em 1938, Lampião e Maria Bonita foram mortos na Fazenda Angico, em Sergipe, com outros cangaceiros. Suas cabeças foram decepadas e encaminhadas para Salvador, onde por muitos anos ficaram expostas à visitação pública no museu do IMLB – Instituto Médico Legal da Bahia, que funcionava nos fundos do antigo prédio da Faculdade de Medicina, no Terreiro de Jesus.

Durante o início de sua puberdade Jayme assistiu o desfile e o poder das fardas militares. Um fardamento bonito que o levou a imaginar-se como um deles, pois queria, àquela época, ser cadete, frequentar as escolas militares e usar uma farda militar que tanto sucesso fazia, inclusive entre as moças que se sentiam atraídas por elas. Entretanto, quando já cursava o chamado curso complementar no Ginásio da Bahia, teve a preocupação em tirar sua carteira de oficial reservista, tendo então procurado o CPOR, não conseguindo porque o médico, Tenente Hipólito, o reprovou. E assim, com a ajuda do Coronel Liberato Carvalho acabou ficando com o Título de Reservista de 3ª Categoria.

Durante a juventude, seguindo o exemplo de sua avó, que gostava de ler livros policiais, Jayme, sempre que possível lia livros tais como “A pista do alfinete”, “O homem de borracha”, “O crime do cassino”, de autoria de Edgard Wallace. Seu pai estimulava a leitura de livros de auto-ajuda sobre como ter força de vontade e a ler biografias de personalidades.

Além destes, outros autores podiam ser encontrados no Armário de Livros de sua casa, tais como Machado de Assis e Castro Alves que também recebiam as atenções do jovem e franzino Jayme, cujo médico recomendou que fizesse exercícios físicos para melhorar seu desempenho. Desde então ele adotou a ginástica sueca, uma série de exercícios aeróbicos que seus colegas diziam ser exercícios para moça, mas que ele nunca abandonou e os pratica até hoje, com 84 anos, gozando de plena saúde.

Por falar nisso, cabe salientar o importante papel desenvolvido por seus dois irmãos médicos, que passaram a cuidar da saúde da família, desde o tempo em que eram estudantes de Medicina. À medida que eles iam passando de ano na faculdade, até a graduação, qualquer problema mais sério e que exigisse a presença de um especialista, eles indicavam o “doutor” a ser procurado. Assim, o clínico da família era o Dr. Estácio de Lima, se houvesse necessidade de cirurgião, quem atendia era o Dr. Fernando Luz, enquanto o Dr. Manços Chastinet atendia aos casos de radiologia.

Aliás, a não ser as doenças naturais da infância – catapora, sarampo e papeira – e um pequeno problema decorrente de alimentação na Escola de Agronomia, Jayme revela com orgulho e bom humor que nem gripe ele tem, pois todo ano toma a vacina e faz “check up”, indo ao seu geriatra, Dr. Décio Genestretti; ao cardiologista, Dr. Maurício Nunes; e ao urologista Dr. Juarez Andrade, que além de serem competentes, sempre “recebem o paciente com um sorriso colgate, afugentando a morte”.

Como nunca foi acidentado, mesmo tendo viajado muito, a passeio e a trabalho, utilizando carro, ônibus – passando por estradas em péssimo estado de conservação –, trem, navio, avião “teco-teco” ou jatos comerciais, nos quais nem turbulência enfrentou, Jayme acredita ter tido muita sorte em sua vida, pois sempre esteve presente no momento e local certo, na hora exata, e quando o cavalo selado passava à sua frente, estava sempre pronto para montá-lo.

Jayme estudou no Ginásio da Bahia (Colégio Central da Bahia), durante a 2ª Grande Guerra, um período no qual todos sofreram suas conseqüências, com o aumento significativo do preço e racionamento dos alimentos, principalmente a carne e a gasolina. No ano de 1940, durante a administração do interventor Landolfo Alves foi construída a Escola de Agronomia da Bahia, no município de Cruz das Almas, onde Jayme iria realizar seus estudos de terceiro grau. Enquanto o governo federal, em 1941, rompia relações diplomáticas com os países do eixo, inúmeras manifestações eram feitas nas ruas de Salvador contra os imigrantes alemães, espanhóis e italianos. As manifestações contra os alemães cresceram por todo o país e no dia

22 de agosto de 1942 Getúlio Vargas declarou que o Brasil estava em guerra contra a Alemanha e a Itália.

A Delegacia de Ordem Política e Social (DOPS), do governo Vargas, realizou inúmeras prisões e apreensões de materiais impressos considerados como propaganda nazista. Em Salvador, alemães, italianos e japoneses, mesmo aqueles que tinham se naturalizado brasileiro, eram indiciados e detidos. Visando diminuir os riscos de possíveis sabotagens o DOPS determinou que estes imigrantes fossem afastados do litoral baiano e transferidos para alguns municípios, a exemplo de Andaraí, Caetité, Mucugê, Seabra e Maracás, cidade onde Jayme, anos depois, já como agrônomo foi trabalhar e pode também constatar a importância e a influência da cultura dos imigrantes na região.

Em 1943, um “blackout” foi decretado na cidade, deixando as ruas às escuras, para evitar o ataque de submarinos alemães, que haviam torpedeado, no litoral baiano e sergipano, alguns navios brasileiros, tais como o Conde de Baependi, o Aníbal Benévolo e o Araraquara. O “blackout” na cidade do Salvador foi considerado pela população como sendo pior do que o aplicado em Londres, já que a Companhia de Energia Elétrica era de estrangeiros e dizia-se que eles estavam se aproveitando disso para fazer economia.

Aquele foi realmente um período difícil para o jovem Jayme Ramos de Queiroz devido às modificações que ocorreram na cidade com a vinda dos americanos, que aqui instalaram, na zona portuária, a American Base Baker, e outra na Baía de Aratu. A Marinha Brasileira também aportou, próximo ao Forte de São Marcelo, o encouraçado Minas Gerais, enquanto a Base Aérea, em Santo Amaro de Ipitanga, passou a ter grande movimentação devido à sua posição geográfica estratégica e o Exército, por sua vez, instalou novas unidades em Salvador, tais como o 18º RI e o 4º GMAC, em Amaralina.

Toda esta movimentação militar em Salvador acabou afetando diretamente os hábitos da sociedade. Apesar da agitação política e social provocada pelo Estado Novo e os constrangimentos causados pela 2ª Grande Guerra, existia segurança nas ruas, podendo-se sair a qualquer hora, indo ao cinema à noite, na chamada *soirée*, frequentar a Rua Chile e o Farol da Barra, as festas de carnaval, sem nenhum perigo. Apenas o que era difícil, mesmo para os estudantes de Medicina e Direito, os preferidos, era arranjar namorada, pois a preferência das meninas recaía sobre os oficiais da Marinha, principalmente os americanos, ocorrendo inclusive alguns casamentos de baianas com americanos.

No livro “Registro de Vida”, seu irmão, Luiz Ramos de Queiroz, faz o seguinte relato sobre o período da Guerra: “Durante a Segunda Guerra Mundial, no período de 1941 a 1945, quando foi instalada, em Salvador, a American Base Baker, quase todos os domingos, a partir

das 18 horas, havia festas com o jazz dessa base naval, às quais compareciam os oficiais americanos nela sediados. Assim, os oficiais americanos se entrosaram com a sociedade baiana, resultando até em casamentos”.

Naquele período preocupante ocorreu também uma grande quantidade de casamentos prematuros, envolvendo jovens oficiais da reserva que assim pretendiam evitar a convocação para a guerra. Na rua Chile circulavam todo tipo de boato e o maior deles era de que o governo federal ia proibir a realização de casamentos, o que estimulava ainda mais a antecipação e realização dos mesmos.

III

JAYME, AGRÔNOMO E ORGANIZADOR DE EVENTOS

“O homem absurdo é
aquele que nunca muda”.
Edmond Barthélemy

Concluído o curso de ginásio e os estudos complementares, aos 19 anos de idade, Jayme resolveu, mesmo indo de encontro ao desejo do pai, estudar Agronomia¹⁰, um curso que, na época, não tinha a mesma importância dada aos cursos de Medicina, Direito e Engenharia Civil. Maximiano acreditava que Agronomia era um curso de menor importância até mesmo pela duração do mesmo. Enquanto Medicina, Engenharia e Direito eram cursos com duração de cinco anos, o de Agronomia era de apenas quatro.

Com muita teimosia, Jayme bateu pé firme no seu desejo até que seu pai, não muito satisfeito, cedeu à sua vontade, depois de sua mãe ter rezado muito e feito promessas a Dom Bosco para que ele ajudasse a clarear as idéias do filho. Ironicamente, dona Alzira entregara o destino profissional de Jayme a Dom Bosco, o padroeiro dos jovens e ao mesmo tempo, por ter criado a Ordem do Salesiano, passou a ser também responsável, direta e indiretamente, pelos cursos que os jesuítas implantaram no país, dentre os quais as primeiras escolas técnicas de agricultura do Brasil. Dom Bosco também está muito associado à agricultura, pois inúmeras são as escolas dedicadas ao ensino agrícola, as fazendas e as empresas agropecuárias, que levam o seu nome. Todos os anos, até hoje, Jayme vai ao altar dedicado a Dom Bosco, no Santuário de Nossa Senhora de Nazaré, para agradecer ao santo, tudo o que tem recebido de bom em sua vida.

Assim, a escolha de Jayme prevaleceu e a família respeitou e apoiou sua opção pela profissão do futuro devido à importância que a agricultura já desempenhava àquela época na formação da renda interna bruta do país e principalmente da Bahia. Anos mais tarde o velho Maximiano Ramos de Queiroz deixaria transparecer o orgulho que sentia pelo sucesso de seus

¹⁰ O ensino em nível superior de agronomia no Estado teve início com a criação da Escola Agrícola da Bahia, inaugurada em 15 de fevereiro de 1877, em São Bento de Lages, tendo diplomado sua primeira turma em 1880. A Escola foi implantada numa área de 1660 hectares, constituindo-se numa das maiores propriedades de todo o recôncavo da Bahia. O Ensino Agrícola Superior no Brasil só foi regulamentado no Brasil em 1910, durante o governo de Nilo Peçanha. A Escola de Agronomia, hoje pertencente à Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB, com sede instalada no município de Cruz das Almas, se constitui na mais antiga de Escola de Agronomia da América Latina. A sede da velha escola abriga hoje também a Reitoria da UFRB.

filhos, pois os dois mais velhos eram médicos de renome na Bahia e Jayme foi Secretário da Agricultura, além de presidir a CEASA por mais de uma década.

Jayme confessa que sua escolha pela carreira agrônômica foi motivada pela influência de seus colegas de ginásio, que também optaram pela profissão. Além disso, ele acrescenta alguns fatores essenciais para sua decisão: o fato dele ter repugnância a sangue, o que o afastou da Medicina; o fato de ser tímido e não muito chegado a intervenções discursivas, o afastou do Direito, e por fim, o fato de não ser muito chegado à matemática, o afastou definitivamente de qualquer tentativa na Engenharia.

Em princípio, foram estes os motivos que o conduziram à Escola de Agronomia, que funcionava no município de Cruz das Almas. A mudança de ares e as novas responsabilidades assumidas, longe da família, contribuíram definitivamente para dar forma às suas qualidades de homem sistemático, capaz de conduzir e organizar todo e qualquer tipo de evento, com equilíbrio, bom senso, dedicação e autodisciplina. Diante de cada obstáculo vencido, ele passou a acreditar mais no seu próprio valor e então procurou aprimorar seus conhecimentos. A partir daí suas qualidades passaram a ser observadas e a ter forte influência em tudo o que fez.

Sua vida na Escola de Agronomia de Cruz das Almas é um capítulo à parte devido às dificuldades enfrentadas e que demonstram o quanto de determinação havia naquele jovem, que queria contribuir para o crescimento da agricultura da Bahia, bem como provar a seus familiares e a si mesmo, que sua escolha tinha sido uma boa opção e que se sairia bem na empreitada. Na época, para chegar a Cruz das Almas, era necessário tomar um navio até Cachoeira e daí para frente, de trem ou pegando carona, procurar chegar ao destino, pois não existia um serviço de transporte regular. O navio era o chamado Paraguaçu, que saía às 7 horas do Porto de Salvador e chegava na cidade de Cachoeira, quando no horário, ao meio-dia. Isto, quando não encalhava na chamada “Coroa de Maragogipe”.

Sua primeira viagem a Cruz das Almas ocorreu por ocasião do vestibular, no ano de 1944, mesmo ano em que o Brasil definitivamente entrou na guerra com o desembarque da Força Expedicionária Brasileira, em Napolis, na Itália. Na companhia dos colegas Murilo Moreira Neves e Hilton Hélio da Costa Chagas, Jayme enfrentou a travessia da Baía de Todos os Santos e a subida do rio Paraguaçu a bordo do navio que levava o mesmo nome do rio. Desembarcaram em Cachoeira, atravessaram a ponte Dom Pedro II e pernотaram em São Félix. No dia seguinte, bem cedo, pegaram um trem e seguiram viagem.

Chegando em Cruz das Almas, da estação até o centro da cidade, andaram cerca de quatro quilômetros, carregando suas respectivas bagagens, em direção à pensão de dona Dedé,

onde se hospedaram. A caminhada lhe deixou com calos nos pés e para realizar as provas do vestibular (História Natural, Biologia, Matemática, Física e Química), cada uma em um dia diferente da semana, teve que ser levado por uma carroça da Escola. Até hoje lembra o nome do carroceiro: são Massú, que além dele conduzia mais dois outros candidatos com problemas de locomoção. Sua turma foi a primeira a prestar o exame vestibular em Cruz das Almas, quando apenas 18 alunos foram aprovados. Antes o exame era realizado em Salvador.

A aventura da viagem para o exame vestibular e o período que passou estudando em Cruz das Almas integram, sem dúvida alguma, a primeira grande experiência pessoal vivida por aquele jovem, considerado “filhinho da mamãe”, que jamais esteve longe da família e nunca havia se hospedado em pensões, submetendo-se a condições que não chegavam nem perto do conforto e da boa alimentação oferecida na casa dos pais. Pior ainda, morando em pensão do interior e convivendo com outros jovens, que não tiveram o mesmo nível de educação doméstica e que não sabiam se comportar bem. Mesmo estranhando a comida, que não tinha a mesma qualidade e o sabor daquelas servidas na casa dos pais, preparadas por dona Joana, cozinheira que viveu 54 anos na família, ele se adaptou às novas condições de vida e venceu os obstáculos.

Sua odisséia em Cruz das Almas começou após sua aprovação no vestibular, quando um grupo de alunos resolveu organizar uma “república”, como eram denominadas as moradias estudantis. Apesar de ter sido chamado de “fim de safra” e de que “não daria para nada”, Jayme começou a ser solicitado pelos colegas para ajudá-los e até mesmo para resolver problemas de ordem pessoal.

Devido à sua atuação na organização da república, quando o alojamento dos estudantes da Escola ficou pronto, ele acabou sendo indicado para participar da sua administração. Depois de pronto, os quartos foram divididos em duplas. O alojamento abrigava cerca de 60 alunos, distribuídos em duas alas, com um total de 20 quartos e sanitários. Jayme passou a dividir um dos quartos do alojamento com Leôncio Farani Pedreira de Freitas, que de tanto se queixar e falar na sua mãe acabou ganhando o apelido de “mamãe”. Apelido adquirido na adolescência ou na escola pega e está fadado a acompanhar o apelidado pelo resto da vida, como de fato aconteceu com seu colega de quarto: “Leôncio mamãe”. Por sempre ter sido uma pessoa muito discreta, Jayme também, ganhou um apelido: o de “Jayme Baú”.

Jayme reconhece e acredita que o êxito que sempre teve, tanto na vida estudantil como na profissional, está diretamente ligado à educação doméstica e religiosa que recebeu dos pais. A sua mãe era muito religiosa, indo à missa todos os dias, rezando e pedindo pela

família, além de no sábado rezar o “Ofício”, “contribuindo, com suas orações, para trazer Paz e Saúde aos seus filhos e netos, todos vivos e bem encaminhados na vida profissional”. Jayme diz ter aprendido com sua mãe a freqüentar a missa todos os domingos além de participar das novenas de Santo Antonio. Sua mulher, Maria Antonina, também costumava rezar o terço diariamente e, desta forma, segundo ele, “não há demônio que possa perturbar a vida”. Assim, da mesma forma que ele cantava as marchinhas no carnaval, quando ia à missa usava o hinário e cantava as músicas religiosas. Isto para não falar das novenas de Santo Antonio, quando costumava cantar o seguinte trecho: “O que seria de mim meu Deus, sem a fé em Santo Antonio?”

Além de considerar Dom Bosco como seu guia e protetor, Jayme afirma seguir religiosamente os ensinamentos do Apóstolo São Paulo, pregados nos sermões ouvidos durante as missas que assistia quando criança, em companhia de sua mãe, dona Alzira Menezes Ramos de Queiroz, e na vida adulta com sua esposa, Maria Antonina Barreto Ramos de Queiroz. Do Apóstolo São Paulo, pinçados da Carta aos Efésios, ele destaca três ensinamentos:

- “Sejamos amáveis com todos”.
- “Sejamos humildes, atenciosos e pacientes”.
- “É uma virtude viver de acordo com as circunstâncias”.

Na família, muitas dessas recomendações eram observadas. Seu pai Maximiano, nascido em 21 de fevereiro, dia de São Maximiano, nunca deixou de exigir que seus filhos estudassem com afinco, pois dizia, com muita ênfase, que “somente com o estudo se adquire o conhecimento para crescer na vida profissional”, além de aconselhar a “respeitar os mais velhos, ter paciência com as crianças e tratar bem as mulheres, pois com mulher não se brinca”. A mãe de Jayme era tratada por “vosmecê” e não por senhora, pois senhora podia ser outra pessoa.

Jayme recorda que sempre viveu num ambiente de paz e amor, recebendo uma educação primorosa, que muito lhe valeu para vencer na vida. Para Maximiano, os filhos tinham que ter muita força de vontade e se formar, pois o “anel de doutor” era muito importante. Foi pondo estes ensinamentos em prática que Jayme passou a ouvir, cada vez com maior freqüência, primeiro entre os colegas de escola e depois na vida profissional:

“Só você, Jayme, pode organizar isto...”

E foi assim que ele organizou a república, na qual morava com outros estudantes.

Na república aprendeu a ser “dona de casa”, fazendo as lista de compras, contratando as empregadas, fiscalizando a limpeza e assessorando na comida dos “meninos”. Em síntese,

passou a administrar a república, envolvendo-se com contabilidade e a matemática que, por ironia, o havia afastado de fazer o curso de Engenharia. Recordando o tempo da república, Jayme faz uma viagem pelo túnel do tempo: “Até o alojamento ficar pronto, a turma ia para a Escola de bicicleta ou a pé. Foi em Cruz que aprendi a dançar. Tive que aprender muitas outras coisas também, como tomar conta da república, andar de bicicleta, comer “qualquer comida” e organizar a solenidade de formatura...”.

Mas foi por conta de ter que comer “qualquer coisa” que ele foi acometido, em dos semestres da Escola, por uma crise de furunculose, o que o obrigou a se submeter a um tratamento de auto-hemoterapia no sentido de estimular a criação de anticorpos.

O período vivido por Jayme Ramos de Queiroz na Escola de Agronomia, pode-se dizer, foi politicamente conturbado e de mudanças políticas tanto em nível internacional como nacional, provocadas basicamente pelo final da Segunda Guerra e a queda de Getulio Vargas, em 1945. Em 1946 os jovens estudantes de Agronomia viram o general Eurico Gaspar Dutra tomar posse no dia 31 de janeiro, como sendo o 16º Presidente do Brasil. Foram testemunhas também, alguns meses depois, no dia 8 de abril, da criação da Universidade Federal da Bahia, que teve como seu primeiro Reitor o professor Edgard Santos.

Durante ainda os anos de 1945 e 1946 a Bahia ainda estava sob intervenção. No ano de sua formatura, Jayme assistiu e pode acompanhar, com alegria, a eleição de Otavio Mangabeira, um amigo de sua família, como novo Governador da Bahia. Otavio Mangabeira, que ajudou na transferência de seu pai quando no início da carreira de Fiscal do Consumo, viria no ano seguinte, em 1948, inaugurar, no bairro de Ondina, em Salvador, o Horto Florestal, onde Jayme começou a trabalhar efetivamente como agrônomo. Mangabeira foi também responsável pela criação do Programa de Proteção às Nascentes dos Rios, no município de Maracás, e Jayme foi designado para implantá-lo na região. Jayme também foi testemunha de uma série de medidas que foram tomadas por Mangabeira no sentido de estimular a agricultura e a educação na Bahia. Para a pasta da Educação ele nomeou Anísio Teixeira, um dos ícones das reformas educacionais do Brasil, e para a Secretaria da Agricultura convidou o deputado Nestor Duarte.

No período que levou estudando na Escola de Agronomia, de 1944 a 1947, Jayme começou a moldar suas atitudes, desenvolvendo a virtude da paciência e aperfeiçoando suas tendências para organizar e resolver problemas. As atividades dos alunos se restringiam ao estudo, durante o dia, e, à noite, quando não se reuniam para conversar e cantar ao som do violão, dedilhado pelo colega Conceição, um dos melhores da turma que depois virou professor, eles iam passear de bicicleta na cidade. Também tinha o grupo que gostava de jogar

cartas (buraco e poker) e ficava acordado até altas horas. No alojamento havia também muita molequeira, o que é natural quando jovens estudantes estão juntos. Os alunos perturbavam muito e faziam tanto barulho que às vezes os professores, que também moravam no campus, iam reclamar.

Namorar as moças de Cruz das Almas era uma dificuldade, pois elas diziam que estudante “não quer casar” e, portanto, não iam perder tempo. O jeito era esperar as festas mensais realizadas no Clube local, quando as meninas de Muritiba, município vizinho, iam a Cruz das Almas se divertir e eles podiam pelo menos dançar. Muitos colegas, como ele, aprenderam a dançar, samba e bolero, com Cidelle, filha de uma professora primária de Cruz que morava no Campus.

Jayme lembra que a falta de moças na cidade só foi melhorar anos depois quando ele já não era mais estudante, com a inauguração do ginásio estadual que passou a atrair as jovens das cidades vizinhas. Assim, quando tinham oportunidade eles preferiam fretar um caminhão e iam para a pensão de dona Marieta, em Cachoeira, na Praça Colombo, onde aguardavam o navio Paraguaçu e seguiam para a capital. Eles faziam de tudo para ir para Salvador curtir um pouco, assistindo filmes e shows em exibição nos fins de semana ou nos feriados prolongados, pois em Cruz nada tinha para fazer.

Durante o período em que esteve na Escola, mais precisamente no terceiro ano, Jayme conseguiu com seu tio Carlos Freire de Carvalho, que era Engenheiro e Diretor da Viação Leste Brasileira, um estágio como auxiliar de Agrônomo no Serviço Florestal, localizado em Cruz das Almas, na fazenda próxima à estação, dedicada ao reflorestamento, o que era obrigatório por lei, devido ao consumo de dormentes pela estrada de ferro. Neste estágio, importante para a sua formação profissional, ele aprendeu a lidar com os problemas do reflorestamento e sua importância para o meio ambiente, além de ter aprendido tudo sobre a cultura do Eucalipto. O estágio serviu também para complementar o tempo necessário para sua aposentadoria no final do governo de João Durval.

A espécie florestal cultivada na fazenda era o Eucalipto. A Leste ainda tinha mais duas fazendas, uma em Candeias e outra em Simões Filho. O Serviço Florestal da Leste era dirigido na época pelo Engenheiro Alexandre Cunha Guedes e pelo Engenheiro Agrônomo Aurélio Costa.

Demonstrando inteira intimidade com este e outros temas agrícolas, sempre que pode, Jayme aproveita para ensinar aos que lhe ouvem, que o Eucalipto, árvore de origem australiana, oferece uma série de vantagens, além da precocidade, pois a partir dos seis anos “dá corte” e podem ser utilizadas de acordo com o objetivo da exploração: lenha, carvão

vegetal, celulose, dormentes, postes, estacas, moirões, etc. No caso da Leste, as Fazendas se dedicavam à produção de dormentes. Segundo Jayme que também é especialista em Reflorestamento, existem várias espécies de Eucalipto, tais como o Saligna, o Citrio Dora, Tereti Cornis, Grandis, entre outras.

Considerando o processo contínuo de desmatamento das matas nativas brasileiras, principalmente no Amazonas, região também rica em minério de ferro, onde se instalaram 3.500 serrarias e 14 siderúrgicas que usam carvão vegetal para alimentar os alto-fornos, Jayme lembra e sugere às autoridades atuais que o reflorestamento com o Eucalipto na região da Serra de Carajá, seria uma importante medida para atender as necessidades das siderúrgicas e serrarias, que consomem, juntas, mais de 36 milhões de metros cúbicos de madeira por ano. O reflorestamento com Eucalipto, se empregado, poderá atender às necessidades da região devido à sua precocidade, além de contribuir para a preservação das matas nativas ainda existentes.

No último ano da faculdade, como de praxe, Jayme participou de uma excursão ao sudeste do país, visitando as Escolas de Viçosa, em Minas, a Universidade Rural do Rio de Janeiro, o Instituto Agrônomo de Campinas e a Escola Agrônoma de Piracicaba, ambas em São Paulo. Para a viagem, a sua turma conseguiu ajuda financeira do Governo do Estado e, por meio do então Deputado Federal Juracy Magalhães, amigo do Brigadeiro Eduardo Gomes, um avião da FAB para transportar o grupo que assim teve a oportunidade de verificar os avanços da agricultura naqueles Estados. A excursão da turma foi supervisionada pelo diretor da Escola, Dr. Luiz da Rocha Sales e pelo professor Zinaldo Sena.

Dentre os professores que teve, Jayme guarda boas lembranças dos bons e dos exigentes, tais como: o professor Geraldo Pinto, de Botânica; José Vasconcelos Sampaio, de Química Agrícola; Afonso Ramos, de Zootecnia; e Pedro Peres, de Laticínio, com o qual aprendeu a fazer queijo, coalhada e outros produtos derivados do leite.

Mas, organizar a formatura, em 1947, foi um outro desafio para Jayme e o maior problema a ser resolvido era o de alojar as famílias, pois Cruz das Almas não tinha infraestrutura para tal. A solução encontrada por ele foi preparar o alojamento, aproveitando o fato da turma estar de férias. Tudo saiu como o planejado e correu tudo bem para sua própria satisfação e orgulho dos pais que compareceram à solenidade. Maximiano Ramos de Queiroz teve ainda a oportunidade de comparecer a uma outra formatura de seu filho Jayme: a formatura de Pós Graduação em Administração Pública, realizada na antiga Escola de Direito, na Lapa, em Salvador, sendo o Diretor da Escola de Administração o professor Lafaiete Pondé, que viria a ser também Reitor da UFBA.

IV

TIRANDO LINHA ELE ENCONTROU A SUA MARIA

“O homem jamais, ou quase nunca, é uma peça inteira; sua faculdade mestra, se ele tem uma verdadeiramente dominante, será, pois, em regra, acompanhada de faculdades subordinadas, que a limitam e combatem”.

Georges Renard

Durante sua adolescência, Jayme, ainda sem emprego, recebia uma mesada de seu pai que dava para cobrir os gastos com as diversões da mocidade. Além de cinema, das partidas de jogos de botão, ping-pong, totó, damas e de assistir partidas de futebol no Campo da Graça, a atividade preferida dos jovens era “tirar uma linha”, ou seja, paquerar nos principais pontos da cidade onde as moças praticavam o “footing”, andando para cima e para baixo, sempre circulando, e provocando suspiros nos rapazes.

Morando na Av. Joana Angélica, perto do Campo da Pólvora, estudante do Instituto Bahiano de Ensino e, depois, do Ginásio da Bahia, hoje Colégio Central, ele podia sair, de dia ou de noite, de bonde, de ônibus ou passeando a pé, pois não havia assalto. Naquele tempo não existia táxi como hoje, somente os chamados “carros de praça” que cobravam por corrida, acertando-se antecipadamente o valor que variava a depender da distância.

À noite, Jayme e os irmãos costumavam freqüentar o Campo da Pólvora, para bater papo com os colegas do Instituto Bahiano, que ficava localizado defronte ao campo de futebol, onde começaram a ser realizadas as Festas da Mocidade. A área havia sido desapropriada pelo governador Juracy Magalhães para a construção do Fórum Ruy Barbosa, mas com sua renúncia, em 1937, por ocasião do Estado Novo, o espaço passou a ser utilizado para as Festas da Mocidade, revertendo a renda arrecada para as atividades estudantis.

Com a realização da festa, a turma do Campo da Pólvora, que era mansa, virou uma turma de “brigões”, pois vinham outras turmas de outros bairros próximos, atraídas pela festa, além de outros novos moradores. Quando ocorriam as brigas, a imprensa chamava a turma do Campo da Pólvora de “os moleques de gravata”. Mesmo freqüentando o Campo da Pólvora,

Jayme, que sempre foi muito pacato, nunca participou das brigas. Costumava se reunir com os companheiros antigos e que também não participavam de confusões. A turma do Campo da Pólvora ficou famosa, pois alguns dos “brigões” eram estudantes, e depois de formados, a exemplo de Antonio Carlos Magalhães exerceram postos elevados nas suas respectivas profissões e na administração pública.

A festa atraía muita gente, tendo jogo de bingo, barracas vendendo comida e lembranças da Bahia. Além disso, tinha também shows com artistas famosos da época, como Orlando Silva, Moreira da Silva e o conjunto Anjos do Inferno, que tinha como cantor principal o Léo Villar. O animador das festas era “Zé Coió”, tendo ainda a participação da Orquestra de Lauro Paiva, com a cantora argentina Rosita Castillo, que além da voz, provocava muitos suspiros pela beleza.

No mês de Maio, quando se comemora o dia de Nossa Senhora Auxiliadora, além da procissão que ia até o Campo da Pólvora e voltava, havia a quermesse no Largo de Nazaré, com barracas que vendiam comidas típicas, artigos religiosos, etc. Estas festas, conduzidas e organizadas pelas famílias ou pelos estudantes e pela Igreja, eram muito freqüentadas por rapazes e moças. Era a oportunidade para os rapazes “tirar uma linha”, paquerar as moças que desfilavam em grupos, cada uma procurando despertar as atenções daquele que lhe interessava, podendo até marcar um encontro na matinée para assistir um filme juntos, dando assim início a um possível namoro com muito respeito, na porta de casa e sob as vistas de alguém, pois naquele tempo a lei era dura. Os encontros eram no cinema e a namorada ia sempre acompanhada de uma outra amiga, chamada de cocada, pois não era bem recomendado ir sozinha ao cinema com o namorado.

Por recomendações do pai, nem ele, nem os irmãos, podia sair de casa sem estar bem arrumado e com o cabelo penteado. Recomendação que ele, que é vaidoso quanto à sua aparência, segue à risca até os dias de hoje. A família tinha o seu próprio barbeiro, são Valdomiro, que mesmo tendo sido contratado como funcionário da Leste Brasileira, continuou cortando o cabelo de Maximiano Ramos de Queiroz, em sua própria casa, quando os filhos (José, Luiz e Jayme) aproveitavam a oportunidade para manter o visual em dia. Na época a moda para os homens era usar o linho, de preferência branco, bem como a casimira e o tropical inglês, além de sapato de duas cores. Para as mulheres era a seda pura, chapéu e bolsas e sapatos altos confeccionados com pele de jacaré.

Jayme costumava freqüentar a Praça da Piedade aos domingos à noite. Seus companheiros eram quase sempre Péricles Cardoso e ou Ângelo Magalhães, irmão de ACM e que também foi deputado estadual e federal pela Bahia. Na Piedade podiam apreciar a fonte

luminosa e ouvir as apresentações da banda do Corpo de Bombeiros e, principalmente, dar uma olhada nas “meninas”, pois a praça ficava cheia delas. Os rapazes, perfumados com água de colônia, sempre de paletó e gravata, e com o cabelo cheio de brilhantina, ficavam parados, em pontos estratégicos, observando o desfile das moças, sempre de salto alto, que ficavam circulando, trocando olhares e sorrisos.

Aos domingos à noite, outro ponto de paquera que Jayme freqüentava, era o Farol da Barra, que ficava lotado de moças. Os jovens procuravam variar os locais dos passeios, pois como diziam as “más línguas”, naquela época, mudando o local do passeio seria mais fácil arranjar uma namorada, pois as meninas gostavam de “novidade”. Se isto era verdade, Jayme não sabe nem dá garantias, mas quando ele começou a se dirigir para a periferia – Itapagipe—, como “novidade”, acabou dando sorte: encontrou Maria Antonina com quem namorou e acabou se casando, depois de formado.

O ponto mais charmoso da cidade, para “tirar uma linha” e ser observado por uma moça, era a rua Chile, onde mesmo aos domingos tinha movimento à tarde, após a matinée do Cine Guarani ou do Cine Glória, onde funcionou o Cine Tamoio até pouco tempo atrás. Após o cinema os jovens se dirigiam para a Cubana, no Elevador Lacerda, ou para a Confeitaria Chile, onde o jogo de troca de olhares era praticado ao som de apresentações de “jazz”, enquanto merendavam sorvetes e doces finos. Às segundas-feiras, a Rua Chile se transformava numa verdadeira passarela, onde as moças exibiam elegância e beleza, com vestidos de seda pura, chapéu, sapato alto, salto Luís XV e bolsa de pele de jacaré ou de crocodilo africano, além de bem maquiadas e usando perfume francês. Observe-se que às moças, só era permitido usar sandália, saia e blusa, durante as manhãs.

Por sua vez, os rapazes tinham que vestir terno branco de linho inglês, de preferência da marca Taylor-120, que além de estar bem engomado deveria balançar quando em movimento. Sempre que possível Jayme comparecia ao local para fazer o chamado “footing”. Os pontos de concentração dos jovens eram nas lojas Sloper e Duas Américas com sua casa de chá e escada rolante; no Café de Bernadete, ponto de encontro de políticos e intelectuais; na Livraria Civilização Brasileira, na Confeitaria Chile, na Casa da Música, ou no Palace Hotel.¹¹ Quando ia para a Rua Chile, o ponto da turma de Jayme era na Casa da Música. Os rapazes, como sempre, parados e as moças desfilando.

¹¹ O Palace Hotel era um dos poucos hotéis de Salvador. Durante o Governo de Otávio Mangabeira foi construído o Hotel da Bahia, que por muitos anos foi o melhor hotel da cidade. No Palace Hotel tinha jogo com roleta, bacarat e etc, e ainda à meia-noite tinha show com artistas brasileiros e estrangeiros. Para assistir o show da meia-noite, mesmo sem freqüentar a sala de jogo, tinha que ter mais de 21 anos.

Jayme lembra que tinha que estar de paletó branco, gravata vermelha e sapato de duas cores, para merecer um simples olhar das moças. Mesmo assim, quando o rapaz queria ser olhado pelas meninas devia ficar sozinho, no ponto da chapelaria Bahiana, perto do Palácio Rio Branco, pois junto da turma elas não davam “bola”, não olhavam e ainda faziam cara de desprezo. Quando havia uma troca de olhar ou um aceno de cabeça era o sinal para que o rapaz se aventurasse a tirar uma linha, aproximando-se, podendo até marcar um encontro. Antes, porém, tinha que passar por uma sabatina, pois a primeira pergunta que tinha que responder era o que estava cursando.

Isto porque, naquela época, as carreiras que davam “status”, eram, na ordem, Medicina, Direito e Engenharia Civil, o que gerava um grande preconceito com relação às outras profissões. Até para se arranjar uma namorada era difícil, pois as moças que moravam nos bairros do centro, como Nazaré, Canela, Graça e Barra, só queriam namorar e casar com acadêmicos desses cursos. No caso de Jayme isso era um problema, quando dizia que estudava Agronomia, podia ouvir um “nem pensar” ou, um seco e lacônico, “xô batata!” Seus dois irmãos nunca tiveram problemas. A solução encontrada pelo jovem Jayme, juntamente com outros amigos, foi o de ir para a “periferia”, como o fim de linha de Amaralina, ou para a “terra dos índios”, como era chamada a península Itapagipana.

Além desses lugares, os jovens podiam “tirar uma linha” também nas chamadas festas de largo, passear no Campo Grande, na festa do 2 de Julho, lavagem do Bonfim, Boa Viagem no dia do Ano Novo. Mesmo quando iam paquerar em festa de largo, tanto rapazes quanto moças tinham que ir bem arrumados. O transporte utilizado era o bonde e muitas vezes, os rapazes não sentavam, preferiam fazer o trajeto em pé no estribo, como a maioria dos homens.

Quanto aos cinemas, Jayme freqüentava na Cidade Alta, o Guarani, o Glória (Tamoio), Liceu e Excelsior, e, na Baixa dos Sapateiros, o Aliança e o Cine Theatro Jandaia, indo neste último todos os domingos na “matinée” e às vezes à noite, na chamada “soirée”. Na época, podia-se ir e voltar do cinema caminhando, tarde da noite, às 23 horas, sem perigo, pois existia segurança nas ruas de Salvador. Os artistas de Hollywood que faziam sucesso naquele tempo eram Clark Gable, Greta Garbo, Neth Davis, Marlene Dietrich, Janet McDonald, Nelson Eddy e outros. Com relação à freqüência aos cinemas da época Jayme recorda que quando completou 14 anos foi advertido pelo porteiro e fiscal de menores que a partir daquela data, na matinée do Cine Excelsior, ele só entraria de gravata e calça comprida, não seria mais admitido se estivesse de calça curta.

O Jandaia, além de cinema, funcionava também como teatro e seus pais também o freqüentava quando vinham as companhias do Rio de Janeiro, notadamente a Companhia de

Comédias de Jaime Costa e a de Odilon e Dulcina. Eles iam de bonde de Nazaré para a Praça Municipal, tomando um outro para saltar no Jandaia, lembra Jayme.

Com relação às disputadas esportivas, os torcedores podiam assistir as partidas de futebol no Campo da Graça. Os torneios esportivos que atraíam rapazes e moças eram os disputados entre as escolas e realizados na Praça de Esportes, construída no Governo de Juracy Magalhães. Outras modalidades esportivas que atraíam os jovens eram os torneios de basquete disputados pelos times do Vitória, Bahiano, Atlético, Itapagipe realizados nas quadras do Bahiano de Tênis. No Yacht Club tinha a prática da natação e as disputas eram com o Yacht, Itapagipe e Vitória. Além de assistir aos eventos esportivos, Jayme, durante as férias escolares, costumava ir à praia, tomar banho de mar, no Porto da Barra, juntamente com o amigo-irmão Francisco Ribeiro, o Chiquito, que quando formado foi trabalhar como oficial médico da Aeronáutica.

Jayme tinha 14 anos quando foi ao Campo da Graça pela primeira vez. Quem o levou foi um colega do seu irmão Luiz, o futuro médico Patury. Na oportunidade viu o time do Bahia ser goleado pelo Vasco da Gama 4X1. A segunda vez foi em companhia de seu pai, que ia para a arquibancada de terno branco, gravata e chapéu de palha como todos os outros torcedores, quando assistiu o Ypiranga perder para o Santos por 3X1. Depois dos 16 anos passou a freqüentar o estádio sozinho, primeiro no Campo da Graça, depois na Fonte Nova, trajando roupa esporte, preferindo ficar no local da sombra, um pouco mais caro porque à tarde não batia sol.

Assim a juventude de Jayme foi sadia e tranqüila, curtindo bons momentos com os parentes e amigos de escola. Além do mais ainda freqüentava as festas de largo da cidade e o Carnaval nos Clubes. O Carnaval, que começava na tarde de sábado com o Baile Infantil do Bahiano de Tênis e à noite com a famosa passeata da Associação Atlética pela Avenida Sete, tendo em seguida a 1ª festa na sede do clube. Ele e os irmãos freqüentavam o Bahiano de Tênis e sua grande festa na Segunda-Feira Gorda. Ao Yacht Clube eles iam no domingo e na terça, quando os sócios do Bahiano e da Associação podiam entrar, pois era o “Adeus ao Carnaval”.

Como era de tradição, as famílias costumavam participar do carnaval de rua, sentadas nas cadeiras colocadas ao longo da avenida Sete. Sua família ficava defronte ao Relógio de São Pedro, num espaço cedido por um comerciante amigo, assistindo, com tranqüilidade, ao desfile dos clubes carnavalescos Fantoches da Euterpe, Cruz Vermelha e o Inocentes em Progresso. Era o tempo do lança-perfume Rodouro, das serpentinas e dos confetes.

Jayme lembra com saudosismo dessa época quando não havia violência no carnaval de rua e do surgimento do trio elétrico, sendo que o primeiro deles, o de Dodô e Osmar, foi patrocinado pela Fratelli Vita, de seu futuro cunhado Miguel Vita, casado com a irmã de Maria Antonina, esposa de Jayme. Dodô e Osmar tocavam um jingle da Fratelli Vita com a seguinte letra:

*Oh maravilha
Oh maravilhá
Quando a gente sente sede
Bebe guaraná
Garaná Fratelli Vita
Que é de fato guaraná oi
Garaná oi
Garaná.*

A paquera continuava como antes e depois de formado, o jovem e vistoso Jayme, com 1,73m de altura, cabelo e olhos castanhos, resolveu que a partir de então iria “tirar linha” na Península Itapagipana, tendo “a felicidade de encontra e casar com uma ‘índia’ chamada Maria Barreto”. Ele começou a freqüentar a península pela Boa Viagem, na festa de Nosso Senhor dos Navegantes, seguida da festa do Senhor do Bonfim, da festa da Ribeira e das regatas no Porto dos Tainheiros. Freqüentando tantas festas, brinca “até agrônomo tinha chance de arranjar uma namorada”. Jayme costumava ir também ao Largo do Papagaio, onde freqüentava a casa de um colega de turma, José Walter Ribeiro, cuja irmã muito dinâmica e alegre adorava promover festinhas em casa, o chamado “assustado”, à base do piano.

Mas seu destino estava selado e voltado para o Porto dos Tainheiros. Ele conheceu sua Maria quando foi assistir a uma regata, no tempo em que os clubes Itapagipe, São Salvador, Santa Cruz e Vitória disputavam regatas. Naquele tempo ele já trabalhava no Horto Florestal, em Ondina, e estava todo arrumado para ver se arranjava uma namorada. E foi tirando uma linha, que acabou combinando um encontro, com Maria, na festa matinal do Clube Fantoches, que acontecia aos domingos. Embora não sendo sócio, conseguiu entrar como “penetra” graças a um amigo, o Argeu, que lhe facilitou a entrada. Começaram o namoro dançando o bolero “Quizás, Quizás”, que estava na moda e era cantado por Gregório Barrios.

Tão logo a notícia correu na Península Itapagipana, a turma do Largo do Papagaio lhe enviou um aviso: “ela não é rica. Rico é o cunhado dela, o Miguel Vita, Diretor da Fratelli Vita”. Naquela época ainda existia o chamado “DIVA” – Departamento de Investigação da Vida Alheia”, que entrou em ação e mandou o aviso. Realmente, Maria morava na casa de sua irmã, Marfiza, esposa de Miguel.

Maria Antonina Barreto era filha de dona Moema e de Mario Barreto, funcionário público federal. Sua mãe morreu muito cedo, com apenas 33 anos de idade, deixando 11 filhos, todos com o nome iniciado pela letra M, com exceção do caçula que se chamava Francisco. Com a morte da sogra e constatando a inviabilidade do sogro sozinho cuidar dos filhos menores, Miguel Vitta, casado com Marfiza, arregaçou as mangas e partiu para mobilizar todos os parentes no sentido de ajudar na criação de seus cunhados que eram menores. Ele mesmo assumiu a responsabilidade de ajudar a seis dos irmãos de Marfiza, sendo que Maria, que viria a casar-se com Jayme, e Myrtes foram morar em sua casa. Os outros, eram quatro rapazes já em idade apropriada para trabalhar e por isso foram contratados de imediato como funcionários da fábrica da família. Miguel, que era filho do italiano José Vita, havia sido criado na escola do trabalho e, assim todos tinham que trabalhar, inclusive Maria e Myrtes. Como Myrthes era professora diplomada foi trabalhar no SESI, enquanto Maria, que sabia e gostava de costurar, ficou com a responsabilidade de atender as necessidades de fardamento da fábrica. Além disso, as duas ainda tomavam conta das crianças quando Miguel e Marfiza viajavam. Maria Antonina Barreto tinha cinco irmãs e todas se casaram, nenhuma ficou para “titia”, também pudera, pois segundo Jayme, “era cada morena que benza Deus! As filhas de Mario Barreto eram conhecidas pela beleza, simpatia e o corpo de “fiu-fiu”.

Para namorar Maria Antonina, todas as noites, sempre de paletó e gravata, Jayme tinha que fazer um longo percurso entre o bairro de Nazaré e a Cidade Baixa. Tomava dois transportes: o bonde até a Praça Municipal, onde usava o Elevador Lacerda, e na Praça Cairu, pegava um ônibus com destino à península itapagipana. Eles namoravam no portão com a luz da varanda acesa e sob vigilância como era costume da época, e isto, registre-se, devido aos “bons antecedentes” de Jayme e pelo fato de já ser Engenheiro Agrônomo.

Entre namoro, noivado e casamento levou muito pouco tempo, menos de dois anos, e assim no dia 13 de outubro de 1951, um sábado, o casamento foi realizado pelo Padre Dórea, na Igreja do Senhor do Bonfim com a presença de amigos e familiares. Jayme contava então com 26 anos de idade e Maria Antonina com 25 anos.

E assim, mais uma vez o número 13 definitivamente marcava a vida de Jayme e numa data também muito importante para sua religiosidade. Isto porque o chamado “Milagre do Sol”, ocorrido no período compreendido entre 13 de maio e 13 de outubro de 1917 e testemunhado por milhares de pessoas, nos campos de Cova da Iria, próximo à cidade de Fátima, em Portugal, só foi oficialmente aceito pela Igreja Católica como tendo sido um milagre no dia 13 de outubro de 1930. Anos depois, no dia em que se realizou o casamento de

Jayme com Maria, 13 de outubro de 1951, quando foram encerradas as comemorações do Ano Santo, o cardeal Tedeschini afirmava que o Santo Papa Pio XII também tinha presenciado um milagre semelhante ao de Fátima, nos jardins do Vaticano.

Como na época Jayme estava trabalhando como agrônomo responsável pelo abastecimento da Base Naval de Aratu, o casal passou a lua de mel na casa em que ele morava e que havia sido reformada, por ordem do Comandante Jardim, quando soube que ele ia se casar. A casa ficava defronte à Praia de Inema, um lindo lugar. Às noites, quando o filme exibido era bom, eles iam ao cinema da Base, que também era dotada de Posto Médico. Foi um período que Jayme reconhece como muito feliz, pois além do local ser muito agradável, eles tinham as mesmas regalias dispensadas às famílias dos oficiais. Foi também um período de aprendizagem e de observação das práticas militares (organização, disciplina e hierarquia), que exerceram profunda influência na maneira como ele passou a se comportar e a conduzir sua vida profissional.

No ano de 1951, Regis Pacheco foi eleito governador da Bahia e foi o responsável pela criação do Departamento de Colonização e Imigração, vinculado à Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio, com o objetivo de facilitar a ocupação agrícola no Estado. De acordo com registros na imprensa da época, o cacau, sozinho, já era responsável por 63% do total das exportações baianas. Outro produto agrícola que começava a se destacar era o chamado “cordão de ouro”, o sisal, que começava a ser industrializado em Conceição do Coité.

Quando deixou a Base Naval, em fins de 1953, o casal foi morar na Fazenda Pirajá, de propriedade de Miguel, seu concunhado, onde se dedicou à produção de hortifrutigranjeiros. Jayme e Maria formavam um casal muito unido e feliz, pois ela o apoiava em tudo, era o seu braço direito, além de ser mais corajosa do que ele no que dizia respeito a tomar decisões mais importantes como comprar e trocar de casa. Maria foi insubstituível companheira durante 46 anos em que viveram juntos e Jayme não se casou novamente, pois se não fossem “os desígnios de Deus, teríamos feito Bodas de Ouro” diz saudoso. Quem a conheceu não hesita em descrevê-la como uma pessoa muito alegre e decidida, “era uma casa cheia”, aonde chegasse marcava presença.

Como Maria era excelente modista e costureira, soube formar e manter uma clientela cativa, além de ter montado uma boutique que funcionava em casa, ajudando assim nas despesas da família. Marietinha, uma prima de Jayme, irmã de Luiz Monteiro, que morava no Rio de Janeiro, abastecia a boutique remetendo as roupas da moda que Maria revendia em Salvador.

Ela era organizada, inovadora e empreendedora tendo sido inclusive responsável pela compra do primeiro televisor da casa. Muito ativa, ela fazia parte do Clube do Livro e sabia manter-se sempre bem informada sobre o que se passava na cidade. Foi ela, por exemplo, quem ficou sabendo que o Montepio estava financiando apartamentos para funcionários públicos e não hesitou em estimular Jayme a adquirir um. Assim, a primeira casa própria deles foi na rua Teixeira Leal, Edifício Canadá, na Graça. Posteriormente, foi ela também quem localizou um terreno na Ondina, na rua Baependi, onde o casal construiu uma casa tipo apartamento, dividindo as despesas com a irmã de Jayme, que passou a morar no andar de cima e eles ficaram no térreo.

Tiveram um casal de filhos, Silvinha e Jayminho, que lhes deram três netos: Jayme Ramos de Queiroz Neto, nascido em 1983; Amália Maria Duarte Guimarães Ramos de Queiroz, nascida em 1985; e, André Ramos de Queiroz Camacan, nascido em 1986. Jayminho, formado em Direito, trabalha na Justiça do Trabalho e é casado com Rita de Cássia, em segundo casamento. Silvinha trabalhou na Coelba e quando ocorreu o falecimento da mãe, ela não titubeou, fechou seu apartamento e com o esposo Marivaldo e o filho André, foi morar com Jayme, passando a tomar conta do “velho pai”.

V

**REFLORESTANDO E PROTEGENDO
AS NASCENTES**

“A verdade sobre os homens como
sobre as coisas é difícil de encontrar, e
uma vez encontrada não menos difícil
de conservar”

Sainte-Beuve

O ano de 1948 foi propício para o início da vida profissional de Jayme Ramos de Queiroz devido ao surgimento de novas oportunidades decorrentes do pioneirismo o Governo Mangabeira que criou naquele ano o Horto Florestal e o Programa de Proteção às Nascentes dos Rios, em Maracás. A criação destes dois serviços favoreceu o ingresso do recém formado Engenheiro Agrônomo no serviço público, abrindo-lhe assim as portas para que o jovem de 23 anos de idade começasse uma nova etapa em sua vida, a fase profissional. Ele se agarrou às oportunidades com a garra e a determinação de ocupar espaços e provar aos antigos professores e à família, que a agronomia era importante, que alguma contribuição podia ser dada ao setor e que ele dava para muitas coisas.

Retornando a Salvador após a diplomação como Engenheiro Agrônomo, Jayme, no início do ano de 1948, foi, em companhia de mais dois colegas de turma, Celso Rodrigues e Francisco Teixeira, procurar emprego na Secretaria da Agricultura, que tinha como Secretário Nestor Duarte. Devido à ampliação dos serviços, a Secretaria estava precisando de novos agrônomos e eles foram imediatamente admitidos em caráter interino. Posteriormente, Jayme prestou concurso realizado pelo D.S.P, tornando-se funcionário efetivo admitido por concurso público. Devido à sua experiência com reflorestamento ele foi designado para o Parque de Ondina, aonde seria instalado o Horto Florestal, enquanto Celso Rodrigues foi para o Serviço de Colonização e Francisco Teixeira foi para a Fazenda Mocó, em Feira de Santana, onde eram criados equinos e asininos. Os demais colegas de turma preferiram procurar empregos nos órgãos federais, onde os salários eram melhores. E assim, no dia 14 de fevereiro de 1948 ele deu início à sua trajetória profissional vitoriosa.

No Parque de Ondina ele teve a sorte de trabalhar sob o comando de um abnegado agrônomo, Gratulino Mello, responsável pelas dependências do parque, uma escola, um orquidário, o futuro horto florestal, a ser inaugurado, e a futura residência do governador, transferida para lá, anos depois, no Governo de Lomanto Júnior. O Horto Florestal de Ondina foi inaugurado pelo Governador Otávio Mangabeira, com o plantio simbólico de uma muda de Pau-Brasil. Na oportunidade o governador, que era um grande orador, disse uma frase que Jayme lembra até hoje: “Que esta árvore cresça e com ela a Bahia”. O estilo administrativo de Mangabeira, primeiro governador eleito após a Era Vargas, era admirado pelo jovem Jayme, que teve outras oportunidades de ouvir sua eloquência, quando, por exemplo, no Cine Guarani, durante uma formatura de Engenharia Civil, ele estava discursando, quando faltou luz e no escuro continuou falando como se nada tivesse ocorrido. Quando a luz voltou, ele encerrou suas palavras e foi ovacionado de pé.

O horto foi estruturado para produzir mudas de plantas ornamentais (flamboyants e acácias) e mudas florestais (Eucalipto) entre outras. As mudas produzidas ali eram destinadas às Prefeituras Municipais, para fazendeiros e entidades interessadas no reflorestamento. Durante oito meses Jayme trabalhou com afinco sob orientação do Dr. Gratulino Mello e com o apoio do capataz Eduardo Iberti. O trabalho foi muito proveitoso, pois entre muitas outras coisas aprendeu, na prática, a balizar o terreno para o plantio das espécies florestais e a manejar os estufins, equipamento utilizado na preparação das mudas.

No mês de Setembro de 1948, o Governo Mangabeira criou o Programa de Proteção às Nascentes dos Rios, e Jayme foi designado para implantá-lo no município de Maracás. Este foi um novo desafio com a realização de muitas viagens em péssimas condições, que exigiam muita paciência e força de vontade.

A primeira viagem foi realizada em companhia do Dr. Gratulino, chefe do Serviço de Reflorestamento. Eles foram de Salvador a Maracás numa caminhonete da Secretaria pela BR-116, a chamada Rio-Bahia, só conseguindo chegar ao destino no dia seguinte, obrigando-os a pernoitar em Milagres devido a dois motivos: às péssimas condições da estrada e às constantes paradas do Dr. Gratulino, para colher sementes de espécies nativas. Ao chegarem em Maracás, foram recebidos com festa pelo médico e prefeito Álvaro Bezerra, demais autoridades municipais e, principalmente, pela população. Todos estavam satisfeitos pela escolha do município para a implantação do Programa de Proteção das Nascentes dos Rios, o que colocava Maracás em evidência, trazendo grandes benefícios e novas perspectivas de desenvolvimento.

Maracás foi escolhida porque é naquele município onde está situada a nascente do Rio Jiquiriçá, que banha as cidades de Santa Inês, Ubaíra, Jiquiriçá e Lage, desaguardo no município de Valença. O projeto tinha o objetivo de urbanizar as áreas em torno da nascente promovendo o seu reflorestamento. A missão confiada a Jayme foi cumprida, pois ele instalou o horto local e preparou as sementeiras das espécies a serem utilizadas. Para tanto contou com a ajuda do viveirista Pedro Batista, que trabalhava no horto de Ondina.

Os viveiros foram instalados na Fazenda Lagoa Preta, adquirida de uma família portuguesa, que possuía uma casa, conhecida na cidade como o “Chalé da Portuguesa”. As instalações da fazenda eram boas não precisando de reformas. Entretanto, Jayme criou um jardim ao redor da casa, plantando roseiras que deram um novo astral ao local, transformando a residência num local bonito e atrativo. Ele escolheu o plantio de rosas devido ao clima apropriado, o que talvez tenha estimulado outros moradores e produtores locais a seguirem o seu exemplo transformando anos depois Maracás na terra das flores.

O grande problema de Jayme em Maracás era, além do frio, o meio de transporte utilizado para chegar lá. Ele passou a fazer o percurso entre Salvador e Maracás usando o navio Porto Seguro, da Companhia Bahiana de Navegação, às 7 horas da manhã, chegando no Porto de São Roque às 9 horas e em seguida pegava o trem da Viação de Nazaré com destino a Jaguaquara, aonde chegava às 19 horas. Como nem sempre encontrava transporte para Maracás, pernoitava em Jaguaquara, na pensão do “Seu Léo”, seguindo viagem no dia seguinte. A viagem de trem era péssima devido à poeira, pois a linha não era britada e o trem chocalhava como lata velha, aumentando o cansaço. Mas nada disso tirava o entusiasmo do jovem agrônomo pelo sucesso do projeto. Com o asfaltamento da Rio-Bahia, ele passou a viajar de ônibus até o entroncamento de Jaguaquara, situado a 40 km de Maracás, completando o percurso em carro alugado.

As histórias das viagens feitas por Jayme neste e em outros percursos demonstram quanta sorte ele tem e como seu anjo da guarda sempre o protege nas condições mais adversas possíveis. Certa feita, indo para Maracás, pela Rio-Bahia, deveria saltar, como de costume, no entroncamento de Jaguaquara para pegar um carro de praça para atingir seu destino. Aconteceu o imprevisto, pois o ônibus quebrou muito antes do entrocamento e todos os passageiros tiveram que descer e ficar esperando um outro ônibus que os levassem a seus respectivos destinos. No caso de Jayme precisava aguardar um ônibus que passasse pelo entroncamento de Jaguaquara. Pegou sua bagagem e se posicionou à beira da BR à espera de sua condução. Não demorou nem cinco minutos quando, como se tivesse saído do nada,

surgiu um jeep do Ministério da Agricultura conduzindo Djalma, um colega dele. Ao avista-lo no acostamento mandou parar o jeep e perguntou:

- Jayme, para onde você vai?
- Para Maracás...
- É para lá mesmo que estou indo. Suba aqui e vamos embora.

E assim, este como outros fatos já ocorridos e que vieram a ocorrer ao longo de sua vida, demonstram que Jayme é um homem que sempre teve muita sorte em tudo, só não ganhando na loteria esportiva ou na mega sena. Tempos depois, em papo descontraído com seu concunhado Miguel Vita, Jayme contou algumas historinhas vividas em suas viagens. Algumas tão incríveis que Miguel exclamou: “você até parece que é filho de padre!”. Recordando este episódio e avaliando a sorte que sempre lhe acompanhou Jayme disse acreditar que ele é “filho de Deus, pois em minha caminhada pela vida sempre trilhei o caminho da humildade, sendo amável com todos, tendo paciência e, assim alcançando as graças do Senhor”.

No período da Guerra, o governo, por motivos de segurança, tinha enviado para Maracás e outros municípios, algumas famílias de imigrante alemães e italianos. A presença destes europeus na região foi de fundamental importância para o desenvolvimento e plantio de algumas espécies de hortigrangeiros, como o tomate e o pimentão, em consórcio com fazendeiros locais. Entre os imigrantes havia um artista, o escultor John Bunges, que esculpiu a imagem da padroeira, Nossa Senhora das Graças, que se encontra na Igreja construída pelo Padre Flamarion em Maracás.

Os imigrantes italianos adquiriram fazendas e se integraram à comunidade, tendo alguns deles ingressado na política, a exemplo de Vicente Mariniello, que chegou a ser eleito prefeito do município. Além da família Mariniello, outras famílias italianas também marcaram presença na região, a exemplo dos Tranzillo, os Morbeck e os Pagannucci.

Em resumo, a estada de Jayme Ramos de Queiroz em Maracás transcorreu sem problemas profissionais nem de saúde. No fim do expediente de cada dia, a distração local era “bater papo” na farmácia, o ponto mais tradicional das pequenas cidades do interior. Outro local, preferido por profissionais liberais de passagem pela cidade, era a porta do cartório do escrivão Anísio Moura Dias, aonde as lideranças locais, a exemplo do promotor Anacleto Freire e do então advogado Josaphat Marinho, que militava na região do Vale do Jiquiriçá, se reuniam para jogar conversa fora.

Jayme destaca que o Governo Mangabeira além de ter criado em Maracás um projeto pioneiro, de reflorestamento, durante a gestão do secretário Nestor Duarte, instalou também

nos municípios vizinhos, Itiruçu e Jaguaquara, dois núcleos coloniais, com imigrantes italianos, destinados à produção de hortigranjeiros. A instalação das colônias beneficiou a região, pois estimulou a produção de hortigranjeiros também nos municípios vizinhos de Santa Inês e Itaquara. Estes quatro municípios, com o passar dos anos, ficaram responsáveis por quase 60% do abastecimento de Salvador e região metropolitana. Alguns anos mais tarde, quando Jayme Ramos de Queiroz já presidia a Ceasa, coube a Jaguaquara, líder na produção, sediar a instalação do Mercado do Produtor, integrante do Sistema Nacional de Centrais de Abastecimento como mercado satélite, do governo federal.

Mais recentemente, durante a administração do Prefeito Fernando Carvalho, no início deste século, houve em Maracás uma mudança de mentalidade, pois com suas idéias de publicitário bem sucedido em Salvador, ele soube colocar o município em evidência, denominando-o de “Terra das Flores”. A Prefeitura de Maracás foi classificada em primeiro lugar na categoria Município Sustentável do Prêmio Ambiental 2005, devido à ação de preservação da nascente do Rio Jiquiriçá, um trabalho que foi iniciado por Jayme Ramos de Queiroz na década de 40. O cultivo de flores na região é favorecido pelo clima frio. Fernando Carvalho¹² também promoveu durante suas duas gestões a festa do São João, levando para a cidade grande número de visitantes, criando o slogan, “São João quente na terra do frio”. Além destas promoções, construiu escolas e calçou toda a cidade.

Comparando com a época em que lá esteve implantando o projeto de reflorestamento, Jayme diz: “Hoje, Maracás é bem servida por estradas, chegando aos antigos distritos de Planaltino e Lajedo do Tabocal, todas asfaltadas, com acostamento e sem passar por dentro das cidades, evitando problemas de trânsito. Além disso, atualmente é uma cidade bem arborizada, pois tanto o ex-prefeito Fernando Carvalho, como o atual prefeito Nelson Portela, preservaram o reflorestamento e a produção de mudas iniciadas pelo horto que implantei em 1948-1949, além de ajardinarem o local da nascente do Rio Jiquiriçá”.

E assim, Jayme Ramos de Queiroz trabalhou um ano em Maracás, quando foi requisitado pelo Ministro da Marinha, para servir na Base Naval de Aratu, no projeto de aproveitamento das Fazendas Pombal e Boca do Rio, que haviam sido desapropriadas pela Marinha, com o objetivo de produzir hortifrutigranjeiros, ou seja, verduras, frutas, leite e ovos, para abastecer as unidades do 2º Distrito Naval. Sua ida para a Base Naval de Aratu, onde permaneceu durante quatro anos serviu para consolidar a formação do homem

¹² Durante a gestão de Fernando Carvalho como Prefeito de Maracás, a Prefeitura desapropriou uma área urbana de 24 mil metros quadrados, próxima à nascente do Rio Jiquiriçá, onde foram plantadas 12.600 árvores de 27 espécies. Com isso foi revitalizado o rio, aumentando a quantidade de água em sua nascente. A Prefeitura mantém ainda uma área de 128 hectares onde preserva baraúna e aroeira.

comprometido com o bem público, com a seriedade administrativa, organização e disciplina no trabalho.

VI

O MARISCO ENTRE A ROCHA E O MAR

“Bastará um retrato dum homem de 70 anos, que encerra a sua vida orgulhoso do seu passado, para nos fazer compreender o homem de 30 anos, seguro de si, e confiante no seu futuro”.

Lucien Febvre

Durante o ano de 1949, o comandante do 2º Distrito Naval, Almirante Nelson Noronha de Carvalho, resolveu aproveitar as fazendas Pombal e Boca do Rio, desapropriadas pelo Ministério da Marinha para a construção da Base Naval de Aratu e que já possuíam instalações e plantações (estábulo, árvores frutíferas) para melhorar o abastecimento do Distrito. Então, o comando do Distrito solicitou aos técnicos do Ministério da Agricultura, sediados em Salvador, a elaboração de um projeto que aproveitasse as fazendas com o objetivo de produção de leite, verduras e ovos para o abastecimento não só da Base, como também das unidades localizadas em Salvador. Concluído o projeto, os técnicos foram convidados para sua execução pelo Comandante Cabral, encarregado pelo Almirante para adoção das providências necessárias, mas nenhum deles aceitou, com receio de não se dar bem com os militares.

Na época, Geraldo Mutti, tendo conhecimento de que seu primo Jayme, naquele momento em Maracás, gostaria de voltar a trabalhar em local mais próximo da família, depois de consultá-lo submeteu o nome do Engenheiro Agrônomo Jayme Ramos de Queiroz à apreciação do Comandante Cabral, que procurava um técnico para assumir a implantação do projeto de abastecimento do 2º Distrito Naval. Geraldo Mutti trabalhava como escriturário do Comandante Cabral, que acabou providenciando a requisição de Jayme.

A transferência para a Base Naval de Aratu não foi fácil, pois o diretor do Departamento de Produção Vegetal – DPV, da Secretaria da Agricultura, resistiu muito, mas o ofício de requisição estava assinado pelo Ministro da Marinha, na época o Almirante Silvio Noronha. Sem alternativas, a requisição foi atendida. E assim, mais uma vez a sorte, ou seu anjo da guarda, estava ao lado de Jayme que também estava pronto e disposto para assumir as

novas oportunidades que a vida lhe proporcionava. A nova função lhe dava direito a residência, na Base Naval de Aratu, além de uma gratificação que era superior ao salário pago pelo Estado. Após sua transferência procurou os técnicos do Ministério responsáveis pela elaboração do projeto, seus colegas agrônomos, quando foi tachado de “maluco”, por ter aceitado ir trabalhar com os “milicos”. A verdade é que nem eles nem o próprio Jayme, na época, podiam avaliar o quanto aquele trabalho seria importante e determinante no sucesso de sua carreira profissional.

A casa onde Jayme foi instalado ficava defronte da Praia de Inema, em São Tomé de Paripe, de onde ele se deslocava para Salvador e vice-versa, inicialmente de trem, com direito a um passe. Acostumado a enfrentar desafios e tendo todas estas vantagens, na verdade, ele não podia recusar o convite, passando a trabalhar com os militares da Marinha, cuja fama de educados e atenciosos era conhecida. Tinha como vizinho o Tenente Sampaio, que conversava muito com ele sobre a Marinha e seus “macetes”, num ambiente de cordialidade.

Iniciou os trabalhos organizando e melhorando as instalações existentes e construindo o aviário e a pocilga para os respectivos criatórios, além de instalar uma horta. Para tanto conseguiu dois trabalhadores acostumados com horticultura, indicados por Celso Silva, que os conhecia pessoal e profissionalmente. A fazenda já possuía instalações como curral e estábulo, e contava com alguns trabalhadores rurais a exemplo do vaqueiro Ângelo e do capataz José dos Reis, conhecido por são Zeca. O Tenente Sampaio, oficial da reserva, era o responsável pela segurança da área.

À medida que as atividades iam se desenvolvendo, Jayme ia requisitando equipamentos e suas necessidades sempre foram atendidas. O Comando do 2º DN, por exemplo, teve que comprar um trator de esteira para a execução dos serviços de aração da terra e outras atividades agrícolas. Aumentavam as responsabilidades e também os benefícios. O Comandante Jardim entendeu que ele precisava de transporte próprio para desenvolver suas atividades e colocou uma caminhonete para lhe servir, além de lhe conceder “Regalias de Oficial”, o que lhe dava direito, inclusive, a portar uma Pistola Colt 45, com a obrigação de utilizá-la para a munição não ficar velha. Jayme lembra de a ter experimentado uma vez, mas devido ao “coice” que recebeu, preferiu deixá-la guardada.

Logo no início de suas atividades na Base Naval, Jayme foi chamado pelo Almirante que o informou da visita que o Ministro da Marinha faria à base, com a presença do então Governador Régis Pacheco, quando seria servido um almoço à baiana e que ele deveria preparar toda a recepção, acrescentando um detalhe: “a comida não deve causar problemas gástricos em nenhum dos convidados, principalmente, no Ministro”. Recordando do fato

Jayme disse que gelou, pois “tinha entrado numa fria”. Procurou então qual o restaurante que aceitava encomendas, localizando um no Mercado Modelo. Explicou para quem seria servido o almoço e que a comida não poderia provocar “dor de barriga”. O responsável do restaurante então disse que não se preocupasse, pois ele usaria uma semente chamada “burungundum”, que evitava qualquer problema. Deve ter funcionado, pois não houve reclamações, mas o próprio Jayme que é Engenheiro Agrônomo ainda hoje não sabe que tipo de semente é esta e sobre a palavra não existe qualquer registro no Aurélio, o pai dos burros.

Com a mudança da responsabilidade da construção da Base para uma comissão, diretamente subordinada ao Gabinete do Ministro, comandada pelo Engenheiro Naval Comandante Neiva e por dois oficiais, o Comandante Pacheco (Intendente) e o Comandante Jardim, Jayme Ramos de Queiroz ficou entre fogo cruzado, entre dois comandos: o da Comissão para Construção da Base Naval de Aratu e o do 2º Distrito Naval. Tal fato, segundo interpretação do Comandante Jardim, o transformou num “marisco”, pois estava entre o mar e o rochedo: a CCBNA e o 2º DN. Entretanto, a comissão lhe deu todo apoio, embora ele continuasse subordinado ao 2º Distrito Naval. Vale lembrar que na área da Base também funcionava a 4ª Companhia de Fuzileiros Navais, comandada pelo Comandante Aristides. Com todas estas modificações e movimentação militar, com tantos comandantes ao seu redor, as responsabilidades de Jayme aumentaram ainda mais, pois a padaria da Base passou também a estar sob sua direção.

Tanto os oficiais do 2º DN e os da CBNA demonstravam, com suas atitudes, estar satisfeitos com os serviços prestados por Jayme e principalmente por sua conduta. Ele passou a se comportar como militar, pedindo licença para entrar na sala dos comandantes e terminado o despacho perguntava “mais alguma coisa senhor?”, pedindo então licença para retirar-se. Como “marisco” Jayme aprendeu a seguir todas as normas militares e por isso sempre foi bem tratado e respeitado. Como civil, teve que aprender rapidamente as normas de disciplina e os regulamentos militares para executar sua missão sem problemas.

Sem dúvidas, experiência na Base Naval foi enriquecedora e permitiu ao jovem agrônomo observar de perto, entre outros aspectos, o rígido respeito à hierarquia, à disciplina, à obediência e como a organização militar se processava. Tais conhecimentos, ele confessa, “muito me auxiliaram ao longo da minha profissional. Acredito ter sido uma das razões de ter sempre me saído bem nos cargos que ocupei”.

No período que passou na Base, ocorreu o seu casamento, tendo o Comandante Jardim, ao tomar conhecimento de que ele ia se casar, mandado reformar a casa para receber Maria Antonina Barreto Ramos de Queiroz. Sua filha, Silvia Maria, nasceu quando o casal

ainda estava na Base, sendo muito paparicada pelas famílias dos oficiais residentes. Sua mulher Maria mantinha excelente relacionamento com as esposas dos militares.

Tudo estava correndo bem, com o fornecimento de leite, ovos, verduras, frutas e pão, quando o Chefe do Estado Maior do 2º DN, Comandante Aroldo Zany, procurou Jayme e comunicou que a partir de então ele iria ser o responsável também pelo fornecimento de carne ao 2º DN, devido ao desentendimento que tiveram com o fornecedor Fausto Oliveira, do Matadouro São Roque. O Comandante Zany conseguiu a indicação de um fazendeiro chamado Euvaldo, no município de Tanquinho de Feira, sendo necessário manter um contato pessoal com ele e assim procederam. Viajaram juntos para Tanquinho de Feira, na véspera do Ano Novo, com a garantia de que retornaríamos a tempo de ir ao Reveillon, pois eu tinha reservado mesa no Clube Bahiano de Tênis, que naquele tempo era com traje a rigor (smoking). Deu tudo certo como o previsto. Acertaram o fornecimento de cinco a seis por semana, a depender da necessidade do Distrito. O transporte dos bois seria feito pela Leste Brasileira.

Em decorrência desta nova atividade, Jayme teve que escolher um local perto do estábulo, melhorando as condições, puxando uma tomada de água, para realização do abate. O problema era o couro e quem iria tratar do chamado “fato”. O couro foi fácil, pois existia em Paripe um curtume que compraria a “produção”. Quanto ao “fato”, teve que arranjar uma “fateira” no matadouro do Retiro, acertando com D. Joana, que resolveu o problema, juntamente com suas auxiliares. O transporte do couro e dos miúdos era feito na caminhonete colocada à sua disposição, utilizando os serviços dos motoristas da Base, conhecidos pelos apelidos de “Bolero”, “Vermelho” e “Aranha”, que ajudaram muito no trabalho de Jayme e sempre com muita boa vontade. Em média, eram abatidos cinco bois por semana e assim, a chamada “Operação Carne” também foi realizada a contento tudo dando certo.

Como de praxe nas organizações militares, de tempos em tempos, a Marinha também executa o princípio da rotatividade de comando, mudando todos os seus oficiais, inclusive o Almirante comandante dos Distritos. Assim, durante o tempo que passou na Marinha, Jayme trabalhou com quatro comandantes: primeiro, o Almirante Nelson Noronha, depois chegou o Almirante Roxo, seguido pelo Almirante Amorim do Vale e, por fim, o Almirante Borges Fortes.

Depois de quase quatro anos fora Secretaria da Agricultura, Jayme achou que era chegado o momento de retornar, aproveitando que o Secretário da Agricultura que substituiu o agrônomo Nonato Marques, que se candidatou a Deputado Federal, era o médico e amigo de sua família, o Dr. Luiz Pedreira Torres, que lhe tratava carinhosamente por “Queiroizinho”. O

momento era propício também porque estava havendo mudança no comando do 2º Distrito Naval com a chegada do Almirante Borges Fortes, que deveria promover mudanças na administração. Jayme o procurou e acertou tudo antes com ele, que concordou plenamente com as razões apresentadas. Jayme foi substituído pelo agrônomo e colega Walter Sá Menezes, contra-parente do Almirante Paraguassú de Sá, sucessor do Almirante Borges Fortes. Apesar de existir um “parentesco longe”, ele não agüentou seis meses e perguntou a Jayme, depois, como eu tinha agüentado trabalhar ali durante quatro anos.

VII

CORRENDO PISTA PARA LEVANTAR VÔO NA CARREIRA

“Assim como não há retrato que nos possa oferecer a verdade em toda a extensão da palavra, também não há história que esteja nesse caso; mas sempre serão os melhores e as melhores narrativas que produzam da melhor maneira o efeito do conjunto”.

Macaulay

Em seu retorno à Secretaria da Agricultura ele encontrou como Secretário o Dr. Luiz Pedreira Torres, um amigo da família. O reingresso foi facilitado, pois pela primeira vez no serviço público, Jayme Ramos de Queiroz teve a oportunidade de escolher a repartição para onde queria ir. Optou pelo Instituto Biológico da Bahia, situado na Av. Ademar de Barros, em Ondina, construído no Governo de Otavio Mangabeira. O Biológico tinha como objetivo promover a defesa e a pesquisa animal e vegetal, sendo dirigido pelo Veterinário Fulvio José Alice, um cientista pesquisador de reconhecido valor. Jayme foi lotado na Seção de Botânica, da Divisão Vegetal.

Mesmo trabalhando numa área de pesquisa, às vezes Jayme era designado para atender o Departamento de Defesa Sanitária Vegetal, sendo desse modo, designado para combater a “cigarrinha” das pastagens, praga que estava assolando as fazendas de Itambé e Itapetinga, juntamente com a equipe de técnicos do Departamento. Sobre este período no Biológico, que lhe permitiu desenvolver outras habilidades e alargar seus conhecimentos sobre os problemas e necessidades da agropecuária baiana, em tom crítico ele lembra de um problema encontrado e que ainda hoje persiste: “os fazendeiros pediam ajuda ao Governo, mas quando os técnicos chegavam às suas propriedades, eram recebidos pelos vaqueiros ou capatazes. Este fato é uma das características da agricultura brasileira, chamado de ‘absenteísmo’, notadamente nas fazendas de gado”.

Na oportunidade em que deixou a Base Naval, o Governador Régis Pacheco tinha criado uma gratificação diferenciada para valorizar os especialistas, o chamado “Nível Universitário”, que representava um acréscimo de 20% ao salário. Mesmo assim, quando

Jayme foi para a ponta do lápis e fez as contas, o salário não dava para alugar um apartamento e tanto o pai como seu concunhado, Miguel José Vita, o ajudaram. Sabendo da situação, Miguel o convidou para cuidar da Fazenda Pirajá, podendo morar lá.

Jayme aceitou o convite, pois a fazenda possuía instalações para produzir leite, ovos, frutas e verduras, necessitando apenas de quem organizasse a produção com conhecimentos técnicos. O trabalho a ser desenvolvido era semelhante ao da fazenda da Marinha, pois a produção de hortigranjeiros era para atender ao pessoal da Fábrica Fratelli Vita e podia ser realizado simultaneamente com suas funções na Secretaria da Agricultura.

Trabalhando no Instituto Biológico e morando em Pirajá, no entanto, começou a trazer um problema para Jayme no que se refere ao retorno para casa, à noite, pois na ida para o Biológico ele pegava carona do caminhão que transportava a “água pura e cristalina da fonte de Pirajá” até a Calçada, daí indo de ônibus até Ondina. Mas a volta era um problema. O expediente no Biológico, como nas demais repartições, encerrava-se às 18 horas e o diretor, não abria mão do horário. Aí Jayme tinha que pegar um ônibus até a Praça Cairu, onde pegava outro ônibus para Pirajá às 19 horas, chegando em casa muito tarde. Depois de trabalhar no Biológico, convivendo com estas dificuldades por cerca de quatro anos, ele achou que devia mudar novamente.

A solução encontrada foi solicitar transferência para a sede da Secretaria, situada na Praça Castro Alves, o que somente aconteceu quando o Secretário da Agricultura já era Dr. Jayme Guimarães, que atendeu ao pedido de transferência intermediado por Dr. Bráulio Xavier, amigo da família. Neste ponto, Jayme faz questão de frisar possíveis coincidências de sua vida e que envolveram o Rotary Club, pois de alguma forma sempre esteve envolvido e foi ajudado, direta e indiretamente, por rotarianos. No momento que precisou Miguel Vita, que além de concunhado era rotariano, lhe deu a mão. Quando queria ser transferido do Biológico, mais dois rotarianos entraram em ação: Bráulio Xavier e Jayme Guimarães. Coincidência ou não, ele destaca este fato e outros que lhe sucederam ao longo da vida envolvendo rotarianos, salientando que ele ainda não era rotariano, pois só ingressou no Rotary Club da Bahia no dia 18 de junho de 1970.

Na sede da Secretaria, foi designado para servir no Departamento de Indústria e Comércio, que era dirigido na ocasião pelo Dr. Osvaldo Sá Menezes, Procurador do Estado, muito competente e atencioso, que o recebeu muito bem, pois o Departamento estava precisando de quem pudesse realizar as tarefas técnicas. Dentre as funções do Departamento estava a de registrar a exportação dos produtos agrícolas, administrar o Instituto Mauá e conceder isenção às indústrias que estavam se instalando no Estado e que tinham ligações

direta com a agricultura. E assim, pouco tempo após sua transferência, Jayme começou a realizar viagens pelo Estado a fim de proceder, por exemplo, levantamentos como o das usinas de beneficiamento de algodão, existentes na região algodoeira do Estado. Na oportunidade ele fez viagens pelos municípios de Brumado, Guanambi, Irecê e Urandi, conhecendo de perto cada uma dessas regiões.

O governador nesta ocasião era o Dr. Antonio Balbino, que foi substituído pelo General Juracy Magalhães, que governou no período de 1959 a 1963, que precedeu a revolução de 1964. Com a mudança de Governo, o Dr. Sá Menezes foi substituído pelo jornalista e escritor Walfrido Moraes, tendo como Secretário da Agricultura o Dr. Lafaiete Coutinho, que morreu no exercício da função vitimado por um enfarto fulminante. Na época Jayme foi designado para chefiar a Seção de Comércio e, quando Walfrido Moraes, viajava ele assumia o Departamento, começando assim, como dizia sua mulher Maria Antonina, a “correr pista para levantar vôo na minha carreira de funcionário público”.

Outro fator que contribuiu positivamente para que a carreira de Jayme decolasse, foi o curso de Pós-Graduação em Administração Pública, na Escola de Administração da UFBA, realizado no período de julho a dezembro de 1963, em convênio com o Estado, pois o Governador Juracy Magalhães desejava aprimorar o conhecimento dos funcionários, para melhor servir ao Estado. Na ocasião, a Escola de Administração tinha o professor Lafaiete Pondé como diretor, e os professores do curso eram João Eurico Mata, José Rodrigues de Sena, Jorge Hage, Rômulo Galvão e como convidados os professores Vitor Gradin e Ivan Fachinetti. Foi neste curso, que além da parte teórica, os alunos tinham que levantar todos os dados e atividades de suas respectivas repartições, permitindo, assim, um amplo conhecimento da administração pública.

Com a morte de Lafaiete Coutinho o Deputado João da Costa Pinto Dantas Júnior foi nomeado como novo Secretário da Agricultura com a recomendação de não exonerar nenhum dos diretores indicados por seu antecessor. Porém, após pouco tempo, Walfrido Moraes foi requisitado pelo Governo Federal, pelo Presidente Jânio Quadros, para ocupar o cargo de Superintendente da SUNAB. Com o afastamento dele, na qualidade de chefe da Seção de Comércio, Jayme Ramos de Queiroz passou a ser o Diretor, em caráter interino, pois o Dr. Walfrido poderia retornar a qualquer momento, tendo em vista o fato de que ele não estava satisfeito com sua nomeação para a SUNAB.

Tendo sido eleito, Lomanto Júnior tomou posse como novo Governador da Bahia no dia 07 de abril de 1963, substituindo a Juracy Magalhães, nos destinos administrativos da Bahia. Como Secretário da Agricultura foi nomeado o veterinário Renato Medeiros Neto,

com quem Jayme havia trabalhado no Instituto Biológico. Como ainda estava respondendo pelo expediente do Departamento de Indústria e Comércio Jayme procurou o novo Secretário para saber se ia ou não continuar na função, tendo sido informado que tinha que atender ao acordo político e assim foi designado para a direção do Departamento o ex-deputado estadual Ciro Fialho, que era funcionário previdenciário. Durante o tramite legal para que ele fosse colocado à disposição do Estado, Ciro Fialho sofreu um acidente e Jayme permaneceu como diretor interino durante quase três meses na diretoria do Departamento. Quando ele assumiu, não apenas manteve Jayme na chefia da Seção de Comércio como também solicitou que ele cuidasse da burocracia e das “bordadeiras” do Instituto Mauá, pois ele, Ciro Fialho, não tinha muita paciência e achava que o Instituto deveria partir para fazer confecções. Justamente ao contrário do objetivo para o qual havia sido criado pelo Secretário da Agricultura do Governo Landolfo Alves, o Agrônomo Joaquim Medeiros. O Instituto Mauá, que então era dirigido por dona Regina Bandeira, tinha a finalidade de desenvolver o artesanato e oferecer cursos para as moças sem condições financeiras, que depois de capacitadas poderiam trabalhar em suas respectivas casas para o Instituto, que as remunerava pelos trabalhos executados. O lema do Instituto era “a aranha vive do que tece”.

Em 1964 o país vivia um período conturbado sob o comando do Presidente João Goulart. No dia em que Jayme Ramos de Queiroz comemorou seus 39 anos de idade, dia 13 de março de 1964, realizava-se no Rio de Janeiro o comício da Central do Brasil, quando João Goulart anunciou o início das “Reformas de Base”, que implicavam em profundas alterações nas estruturas econômicas e sociais do Brasil. O cunho populista das propostas de Goulart acabou assustando as elites, favorecendo o Golpe Militar que ocorreu poucos dias depois, no dia 31 de março.

Com o Golpe de 1964, ocorreram muitas mudanças na Secretaria da Agricultura. O diretor do Departamento de Indústria e Comércio, Ciro Fialho, teve que retornar à sua repartição e cargo de origem, e mais uma vez Jayme voltou a ser diretor interino. O Governador Lomanto Júnior fez mudanças no seu secretariado, substituindo o Veterinário Renato Medeiros Neto pelo Veterinário Fulvio José Alice, que era diretor do Instituto Biológico e antigo chefe de Jayme. Devido ao fato de sempre ter respondido pelo expediente do Departamento, o novo Secretário achou justo que Jayme pleiteasse junto ao Governador a sua efetivação na chefia. Por meio de amigos, pleiteou o cargo. Mas, ao tomar conhecimento do pedido de Jayme, o chefe da Casa Civil do Governador, professor João Eurico Mata, quew tinha sido seu professor durante o curso de Pós-Graduação da UFBA, mandou chamá-lo e fez a seguinte comunicação:

Jayme, eu falei com o Governador que vou precisar de você, pois o Governo vai lançar o Programa da Reforma Administrativa do Estado, sob a minha coordenação, e você será o representante da Secretaria de Agricultura, na função de coordenador, recebendo uma gratificação e na conclusão dos trabalhos, terá direito a uma viagem de estudos nos Estados Unidos, para aprimoramento da administração pública.

Para Jayme Ramos de Queiroz aquela era a oportunidade que estava precisando para aprimorar-se ainda mais e, então, abraçou o novo desafio com muita dedicação. Coincidência ou não, mais uma vez a sorte estava do seu lado e o professor João Eurico Mata era rotariano. Assim que o programa da Reforma Administrativa¹³ foi iniciado, Jayme foi posto à disposição do convênio – Secretaria da Educação, Escola de Administração da UFBA, ISP, SUDENE, USAID – organismos de grande importância, devido à amplitude do programa. A Reforma Administrativa, no entendimento de Jayme, foi talvez uma das maiores realizações do Governo Lomanto Júnior, pois proporcionou uma grande transformação na estrutura administrativa do Estado:

A estratégia usada foi singular e pioneira, pois os próprios funcionários do Estado, assistidos, treinados e assessorados por professores, pesquisadores e técnicos do Instituto de Serviço Público da Escola de Administração da UFBA, além de técnicos da Escola de Administração de São Paulo e da Fundação Getúlio Vargas, realizaram todas as tarefas, inclusive a sua implantação, e após a conclusão dos trabalhos, os coordenadores assumiram, nas respectivas Secretarias, o cargo de Assessor-Chefe.

Complementando o treinamento, todos os participantes do Programa de Reforma Administrativa realizaram uma viagem aos Estados Unidos, onde tiveram aulas na Escola de Administração Pública da Universidade do Sul da Califórnia, e da Universidade Estadual da Pensilvânia, além de visitar repartições públicas, para observar o seu funcionamento. A turma era formada pelos coordenadores, representando as diversas repartições, sob a chefia do Prof. João Eurico Mata, assistido pelo Prof. John Wood, da Escola de Administração Pública do Sul da Califórnia.

¹³ A implantação da Reforma Administrativa foi feita por meio da publicação e implementação de um conjunto de quatro Leis datadas de 11 de abril de 1966: a Lei nº 2321 de Organização da Administração Estadual; Lei nº 2322, de Administração Financeira Patrimonial e Material do Estado; a Lei nº 2323, Estatuto dos Funcionários Públicos; e, a Lei nº 2320, Procuradoria Geral do Estado. Com estas leis foram criadas novas Secretarias no Estado da Bahia: Assuntos Municipais e Serviços Urbanos; Indústria e Comércio; Trabalho e Bem Estar Social; Minas e Energia; e, Transporte e Comunicações. Além das Secretarias foram criados também os Sistemas de Programação e Orçamento com a Assessoria Geral de Programação e Orçamento (AGPO) e as Assessorias Setoriais de Programação e Orçamento (ASPO), além de implantado o Sistema de Administração Geral com o Departamento de Administração Geral (DAG) e os Serviços de Administração Geral (SAG), que também eram subordinados diretamente ao Governador.

Após a viagem aos Estados Unidos, que encerrou o programa de treinamento dos que seriam os responsáveis pela implantação da Reforma Administrativa do Estado, ainda no Governo de Lomanto Júnior, todos os representantes das Secretarias, foram nomeados Assessores Chefe da Assessoria Setorial de Programação e Orçamento – ASPO. O grupo era constituído por nove coordenadores, todos pós-graduados em Administração Pública e 48 funcionários analistas. Assim, no seu retorno Jayme assumiu a Chefia da Assessoria de Programação e Orçamento da Secretaria da Agricultura e a partir de então tudo se descortinou em sua carreira vitoriosa.

VIII

DE INTERINO A PROFESSOR DE ECONOMIA RURAL

“Na esqueçamos que os grandes
homens se constituem, tanto dos
defeitos quanto das virtudes”.
Ernest Renan

Quando ainda muito jovem, Jayme Ramos de Queiroz evitou fazer Direito e Engenharia alegando que era tímido e não gostava de falar em público e porque não gostava de matemática. Ironicamente se transformou, anos depois em professor de Economia e exerceu por muitos anos a função de responsável pelo orçamento e planejamento da Secretaria da Agricultura, lidando diretamente com números, além de ter se transformado também em palestrante muito requisitado, revelando sempre muito bom humor e completo domínio da arte de falar em público. Os caminhos que o transformaram em professor ocorreram paralelamente à sua vida profissional como agrônomo, pois a lei permite que o funcionário público possa acumular duas funções, uma técnica e outra vinculada ao magistério. Jayme soube aproveitar, no momento adequado todas as oportunidades que foram surgindo e que também atendiam às suas necessidades pessoais. E assim ele também se fez professor.

Durante o governo de Lomanto Junior, mais precisamente durante o ano de 1965, o Governo do Estado estava organizando a Faculdade de Agronomia do Médio São Francisco, situada no município de Juazeiro, com o objetivo de estimular o desenvolvimento agrícola na região. O diretor da Escola nomeado era o Dr. Luiz da Rocha Salles, que tinha sido Diretor da Escola de Agronomia de Cruz das Almas no período em que Jayme lá estudava. Para fazer a Escola funcionar ele estava recrutando os futuros professores entre os técnicos da própria Secretaria da Agricultura e da CODEVASF. A seleção estava sendo feita de acordo com as funções exercidas por eles e que tivesse afinidades com as disciplinas a serem ministradas: como Fitopatologia (doenças de plantas), Entomologia (insetos, pragas das plantas), Botânica, Solos, Química Agrícola, entre outras.

Todavia, Luiz Salles estava encontrando dificuldade para encontrar entre os técnicos da Secretaria, alguém que tivesse condições para assumir as disciplinas de Administração

Rural, Economia Rural e Introdução ao Desenvolvimento Econômico. Então, ele recorreu ao Professor Ivan Fachinetti, que estava trabalhando na Comissão de Planejamento Econômico (CPE) e também colaborando com o programa da Reforma Administrativa do Estado, da qual Jayme fazia parte como coordenador da área de Agricultura. Fachinetti, sem titubear, indicou Jayme para ensinar as disciplinas Administração Rural e Introdução ao Desenvolvimento Econômico, pois o conhecia desde o curso de Pós Graduação na Escola de Administração da UFBA e sabia que ele teria condições de se sair bem da empreitada.

E assim Jayme foi convidado e aceitou o convite de Luiz da Rocha Salles como uma nova missão a ser cumprida: ser professor da Escola de Agronomia do Médio São Francisco, ministrando a disciplina Introdução ao Desenvolvimento Econômico e a de Economia Rural, nos impedimentos do seu titular. A partir de 1º de março de 1965 Jayme Ramos de Queiroz foi nomeado pelo Governador Lomanto Júnior para exercer o cargo de Professor Interino da 25ª Cadeira, nível 18 C, da Disciplina Introdução ao Desenvolvimento Econômico da Faculdade de Agronomia do Médio São Francisco, no Município de Juazeiro.

Como aconteceu a cada novo desafio profissional, Jayme teve também desta vez, como nas anteriores, que enfrentar um longo percurso e fazer longas viagens. Para se deslocar de Salvador a Juazeiro, o meio de transporte usado era o trem noturno da Leste, que saía de Salvador às 16 horas e chegava a Juazeiro no dia seguinte, por volta das 7 horas da manhã. Devido não só ao compromisso dos professores com suas outras atividades técnicas em suas respectivas repartições, mas também devido à distância, ficou estabelecido que as aulas de cada disciplina seriam ministradas no formato de módulos concentrados, ou seja, uma semana por mês para cada disciplina, o que gerou muitas críticas à Escola. Após a construção da rodovia pelo Governador Lomanto Júnior, a viagem passou a ser feita de ônibus, que saía de Salvador às 20 horas e chegava às 7 horas. Em Juazeiro, tanto Jayme como os demais professores se hospedavam na pensão de Dona Kalu.

Mais uma vez a sorte soprou para Jayme e ele não permaneceu por muito tempo como professor da Escola de Juazeiro. Com a aposentadoria do professor Gilberto da Matta, da disciplina de Economia Rural da Escola Agrônômica da Bahia, em Cruz das Almas, ele foi surpreendido com a inscrição de seu nome no concurso para preenchimento da vaga à sua revelia. Sua inscrição foi realizada por seu colega e então Diretor da Escola, Moysés Waxman, que tinha sido seu contemporâneo durante o curso de Agronomia naquela escola e que havia se graduado em 1945, dois anos antes de Jayme. Durante o período da Escola quando ainda estudantes, Jayme e Moisés construíram uma boa amizade que foi preservada depois de formados. Moisés Waxman sempre fez boas referências sobre as atitudes e o modo

de ser de Jayme e na primeira oportunidade que teve de tê-lo por perto, não hesitou, inscreveu o nome do amigo, pois acreditava que ele seria o nome ideal para substituir o professor Gilberto Matta. Jayme aceitou o desafio que o amigo lhe fizera como sendo uma nova oportunidade, uma nova porta que se abria em sua carreira já então dando mostras de que estava no caminho certo.

O concurso consistia numa prova de títulos e uma prova prática, proficiência didática, ou seja, ministrar uma aula com o ponto sorteado perante os docentes e discentes do curso. Quem também se inscreveu concorrendo à vaga foi o Agrônomo Julio Danilo Velloso Calazans, mas o escolhido pela Congregação, em votação secreta, acabou sendo Jayme Ramos de Queiroz. Imediatamente ele começou a providenciar sua transferência da Escola de Juazeiro para a de Cruz das Almas, que à época ainda pertencia à Secretaria de Educação do Estado, embora já estivesse tudo certo para sua incorporação pela UFBA. A Secretaria de Educação, no entanto, não baixou a necessária Portaria, pois entendia que um funcionário interino não podia ser removido.

Jayme ficou com receio de perder a vaga de professor conquistada por concurso, já que no fim do ano de 1967, ocorreria a incorporação da Escola pela UFBA. Como na ocasião ele respondia pelo expediente da Secretaria da Agricultura, por força do Decreto de 18 de Julho de 1967, tendo acesso direto ao Governador, não hesitou nenhum momento, entrando de imediato em contato com o Governador Luiz Viana filho, a quem explicou a situação. O Governador solicitou, então, que ele providenciasse um parecer jurídico.

Ele então foi a campo, submetendo o problema ao então Procurador do Estado, Dr. Raimundo Vasconcelos, que elaborou um parecer sobre o assunto. Quando retornou ao Governador o fez em companhia do então Chefe da Casa Civil, Hilton Rodrigues, que já levou o decreto pronto, pois tendo em vista o gabarito do autor do parecer, tinha certeza que o Governador o assinaria. Foram recebidos no Palácio de Ondina, onde Dr. Luiz Viana Filho, com a fidalguia de sempre e, após a leitura do parecer, assinou o decreto transferindo Jayme da Escola de Agronomia do Médio São Francisco para a Escola Agronomia de Cruz das Almas.

Como o decreto foi assinado no dia 29 de dezembro de 1967, o Governador o entregou a Jayme, dizendo: “Tome seu presente de Ano Novo”.

Bem mais perto de Salvador do que Juazeiro, Jayme não teve problemas de se adaptar rapidamente à nova realidade. As aulas de Economia Rural, em Cruz das Almas, eram aos sábado, das 7 às 10 horas da manhã, e ele ia dirigindo uma caminhonete Rural Willys, de sua propriedade, saindo de casa às 5 horas da manhã e chegando no horário da aula, sem nunca

ter tido um acidente. Na escola chegou a exercer o cargo de Chefe do Departamento de Economia, Sociologia e Extensão Rural, quando o Diretor era o professor Zinaldo Figueirôa de Sena, formado na Escola e do qual tinha sido aluno.

Na gestão do professor Roberto Santos na Reitoria da UFBA, foi implantada em 1968 a Reforma Universitária, passando os cursos a serem estruturados em Departamentos e Colegiados. Desta forma, a disciplina Economia Rural passou a integrar o Departamento de Economia Aplicada da Faculdade de Ciências Econômicas, permitindo sua transferência para Salvador, tendo em vista que ele lecionava a mesma disciplina na Escola de Veterinária, por ser obrigatória para veterinários, a partir do primeiro semestre de 1971. Mais uma vez o destino lhe favorecia.

O Diretor da Faculdade de Ciências Econômicas era o professor Paulo Rebouças Brandão, que o recebeu de braços abertos. Em Abril de 1975 Jayme foi indicado para a Chefia do Departamento de Economia Aplicada. Na época, preocupado com as conseqüências ele teria tido “Dr. Paulo, eu sou agrônomo e não economista. Isto pode criar problemas com os outros professores”. O diretor da Faculdade respondeu que a indicação do nome dele era devido ao “comportamento e atitudes sensatas e educadas” que ele tinha e que por isso não haveria nenhum problema, como de fato não teve.

Jayme passou a ministrar a disciplina Economia Rural, que era optativa, o que acabou permitindo que viesse a ser professor também de estudantes de outros cursos como Veterinária e Administração de Empresas. Dessa forma acabou sendo professor de muitas pessoas que se destacaram na comunidade, a exemplo de Filemon Matos, Conselheiro do Tribunal de Contas do Estado; Ana Benvinda, que foi Secretária de Administração do Estado; Aroldo Cedraz, que foi Secretário de Estado, Deputado Federal e hoje é Ministro do Tribunal de Contas da União, dentre muitos outros.

Durante quase 30 anos Jayme exerceu a profissão de professor universitário até o ano de 1995, quando foi atingido pela aposentadoria compulsória. Naquela oportunidade, o Prof. Paulo Brandão, ainda Diretor da Faculdade de Economia da UFBA, referindo-se a aposentadoria de Jayme fez o seguinte registro: “o referido fato traduz-se para esta Faculdade numa irreparável perda em seu quadro de professores, devido a grande competência e elevada dedicação com que o ilustre professor desempenha as suas funções de mestre”.

Provas de que Jayme Ramos de Queiroz se saiu também vitorioso na função de professor, contribuindo para a formação de inúmeros profissionais, servindo-lhes de exemplo de conduta ética e de profissional comprometido com suas obrigações podem ser identificados em grandes e pequenos fatos. As homenagens mais simples e espontâneas acabam sendo as

mais representativas, tais como, dentre outras, o fato de, em 1969, ter sido escolhido como Paraninfo da turma que estava se formando na Escola de Agronomia; em 1972, foi escolhido como Professor Homenageado pela turma de Economia da UFBA; e, em 2008, quando a turma de Agronomia de 1968 estava comemorando 40 anos de formatura, lhe prestou uma homenagem com uma placa de prata na qual está registrado: “Ao mestre Jayme Queiroz com a gratidão pelos ensinamentos, da turma de Agronomia de 1968, da velha Escola de Agronomia da Bahia, botão que desabrochou na atual UFRB – Cruz das Almas, dezembro de 2008”.

Jayme Ramos de Queiroz reconhece que, em parte, o sucesso de sua carreira, como professor e como Agrônomo, foi influenciado pelo curso de Pós Graduação em Administração Pública que realizou na Escola de Administração da UFBA. Tal constatação o faz recordar de imediato o conselho de seu pai Maximiano, que sempre dizia: “Nunca deixe de estudar, pois é estudando que se adquire conhecimento e se consegue subir na vida”.

IX

DE BUROCRATA CEGO A SECRETÁRIO DA AGRICULTURA

“O indivíduo e o homem político são inseparáveis, seus sentimentos e seus atos se subordinam uns aos outros, sua vida privada e sua vida pública se desenrolam simultaneamente”.

Emil Ludwig

Dr. Luiz Viana Filho, ex-chefe da Casa Civil do Presidente Humberto de Alencar Castelo Branco, assumiu o Governo da Bahia no dia 15 de março de 1967, dois dias após Jayme Ramos de Queiroz ter completado 42 anos de idade. O sucessor de Lomanto Junior manteve Jayme como Chefe da ASPO da Secretaria, além de ter nomeado o Agrônomo Edson Marques como novo Secretário da Agricultura. Devido à necessidade do serviço, o Secretário precisava viajar para tratar dos interesses dos programas no Rio de Janeiro ou Brasília, sendo necessária a nomeação de um substituto, o que foi feito por meio do Decreto de 18 de Julho de 1967, que designava Jayme para responder pelo expediente da Secretaria nos impedimentos do titular. Com este decreto, estava selado o caminho de Jayme ser galgado definitivamente ao cargo de Secretário da Agricultura, o que realmente aconteceu, pelo Decreto de 14 de fevereiro de 1969, quando assumiu efetivamente o cargo, permanecendo até o fim do governo, em Março de 1971.

O período de governo de Luiz Viana foi um período difícil, pois a partir do dia 13 de dezembro de 1968 entrou em vigor o Ato Institucional nº 5, que foi instituído pelo Presidente Costa e Silva. Naquele dia 13, em cadeia nacional de rádio e televisão, o Ministro da Justiça, Gama e Silva, fez a leitura do texto do AI-5 e do texto do Ato Complementar nº 38, que decretava o recesso do Congresso Nacional¹⁴. O ato abrangia inúmeras medidas tais

¹⁴ O Marechal Arthur da Costa e Silva assumiu a Presidência em 15 de março de 1967 e governou até 31 de agosto de 1969, quando foi acometido por um derrame cerebral. No início de seu governo ele enfrentou uma onda de protestos. Cresceram as manifestações de rua e ao mesmo tempo o autoritarismo e a repressão. Em 17 de abril de 1968 mais de 60 municípios, inclusive as capitais, foram transformadas em área de Segurança Nacional. O clima de instabilidade levou ao AI-5. Ao morrer, uma junta militar assumiu o governo e baixou a Emenda nº 1

como: pena de morte para crimes políticos, prisão perpétua, fim das imunidades parlamentares, transferência de vários poderes legislativos para o executivo, cassação de mandatos e suspensão dos direitos políticos e direitos individuais. A partir daí, por um período de 10 anos, foi imposta uma severa censura à imprensa. Com o Ato nº 5 todos os governos estaduais foram afetados e o Governo de Luiz Viana também sofreu uma forte interferência da 6ª Região Militar, o que obrigou o Governador a modificar o seu secretariado, substituindo os titulares de Minas e Energia, o da Educação e o da Agricultura.

Se não bastasse o fato do Secretário Edson Marques ter sido afastado, dois outros funcionários da Secretaria, o Chefe de Gabinete, Eulógio Moreira Caldas, e o Superintendente do GERFAB, Sólon Rangel, foram detidos e colocados em prisão incomunicável, não havendo, segundo Jayme, razão para isso, e mesmo que existissem, eram pequenas falhas, pois eles não eram burocratas e talvez por isso não estavam com as contas em perfeita ordem. Com a prisão dos colegas, Jayme foi alertado que como substituto de Edson Marques e Assessor-Chefe da ASPO, ele devia se preparar, pois poderia ser o próximo.

Tendo sido advertido, não perdeu tempo e se antecipou à situação. No mesmo dia, uma sexta-feira, ele procurou seu irmão José Queiroz, então Superintendente do INSS. Como todas as repartições federais, o INSS também estava sob inspeção militar, tendo sido designado um coronel para acompanhar suas atividades. Imediatamente seu irmão entrou em contato com o coronel na 6ª RM e ele informou que o responsável pela Secretaria da Agricultura era o Major Dario Montilla, passando o telefone para que ele pudesse falar diretamente com Jayme.

O Major marcou o dia e hora, próxima segunda-feira que coincidentemente era a segunda-feira da Festa da Ribeira, para que Jayme comparecesse à 6ª Região, levando todos os documentos principalmente os relativos às despesas de viagem, diárias e adiantamentos. Jayme teve então um fim de semana “daqueles”, trabalhando para preparar tudo, com o apoio de dois colegas da administração, pois como “Burocrata Cego” não podia falhar. Jayme era conhecido na Secretaria como “Burocrata Cego”, devido a ser responsável pela implantação das leis e regulamentos da Reforma Administrativa, que ele seguia à risca.

Na segunda-feira da Festa da Ribeira, às 8 horas, Jayme chegou à 6ª Região Militar, levando todos os documentos solicitados e se apresentou à comissão militar, chefiada pelo

de 1969, cujo conteúdo revogava a Constituição de 1967. A Junta Militar governou por dois meses, de 31 de agosto a 30 de outubro de 1969, quando o general Emilio Garrastazu Médici assumiu a presidência, permanecendo no comando dos destinos da nação até 15 de março de 1974. O General Ernesto Geisel então assumiu a Presidência e procedeu o projeto de Abertura Política “lenta, gradual e segura”, além de ter extinguido o AI-5. Geisel governou de 1974 a 1978.

Major Montilla, que já possuía cópia de tudo o que Jayme tinha em mãos. A documentação havia sido fornecida pela Secretaria da Fazenda, por autorização do Secretário Boris Tabacoff. No confronto das documentações não foi encontrada nenhuma irregularidade. Mesmo assim, durante quatro horas seguidas, Jayme Ramos de Queiroz foi submetido aos questionamentos: “Perguntado”... “Respondeu...”. Mas, ele estava preparado e com a consciência tranqüila, pois não tinha qualquer adiantamento, diárias ou despesas de viagem em meu nome. Como tudo estava em ordem, ele foi liberado, uma vez que além de obedecer às leis, quando tinha dúvidas de como proceder, ele sempre teve o cuidado de procurar o Tribunal de Contas e ou a Procuradoria Geral do Estado para esclarecimento e orientação. Depois do sufoco ele retornou para casa, contente por não ter sido preso.

Para Jayme manter-se tranqüilo e seguro, confiante em si mesmo, perante a comissão de inquérito militar concorreram dois motivos: O primeiro, o fato de ter certeza de estar agindo e fazendo tudo de acordo com a lei. O segundo, a experiência que adquiriu quando estava à disposição do 2º Distrito Naval, servindo na Base Naval de Aratu. Sempre surgia uma comissão para fiscalizar as obras da Base. Em uma delas, criada pelo Ministro da Marinha e Comandada pelo Almirante Aché, Jayme foi ouvido, pois queriam saber porque a Marinha estava se envolvendo com vacas, galinhas e horta.

Naquela oportunidade Jayme também chegou a ser ouvido por três oficiais, tendo levado todos os documentos, livros da contabilidade que havia montado, registrando todas as receitas e despesas. Após três horas o Almirante Aché lhe disse: “está tudo bem, porém, sua contabilidade não está nos moldes da Marinha”. Imediatamente Jayme respondeu: “Eu não sou da Marinha. Sou funcionário do Governo do Estado, requisitado pelo Ministro da Marinha, Almirante Silvio Noronha”. Como não sabia que Jayme prestava serviço na Marinha devido a uma requisição, o Almirante Ache acabou se dando por vencido, considerando que estava tudo sob controle. Quando Jayme foi requisitado para trabalhar na Base Naval, ele solicitou ao intendente, Comandante Carvalho, um escrevente da Marinha para fazer a contabilidade e ele autorizou a contratação de um auxiliar de contabilidade para registrar toda a movimentação financeira, por isso a contabilidade não estava nos moldes militares, mas estava correta.

O episódio ocorrido na Secretaria da Agricultura, com a prisão de funcionários e a substituição de alguns Secretários no Estado tinha uma explicação que circulava por debaixo do pano. Comentava-se na época, que tinha havido um desentendimento entre o Marechal Castelo Branco e a chamada “Linha Dura”, pois o Marechal resistia à indicação do General Costa e Silva para sucedê-lo na Presidência da República, alegando que as condições de saúde

do General não lhe permitiam assumir tamanha responsabilidade, o que veio a confirmar-se posteriormente, com o falecimento de Costa e Silva, de derrame cerebral, no exercício da presidência. Este desentendimento acabou repercutindo no Governo da Bahia, uma vez que Luiz Viana Filho, havia sido indicado Governador por Castelo Branco, de quem fora Chefe da Casa Civil, além do fato dele ter nomeado, como Secretário de Minas e Energia, o Dr. Oliveira Brito, que tinha sido Ministro do Governo de João Goulart. Jayme acredita que estes fatos e outros que aconteceram, concorreram para que tenha havido uma pressão da 6ª Região Militar sobre o Governo do Dr. Luiz Viana Filho.

O Secretário Edson Marques tinha desenvolvido um bom trabalho técnico, destacando-se a criação do GERFAB – Grupo de Erradicação e Combate à Febre Aftosa, o programa de Crédito Rural através do Instituto Baiano de Crédito Rural – IBCR e o Programa de Sementes Seleccionadas. Mesmo assim, em seu primeiro despacho com o Governador Luiz Viana, ele foi solicitado a fazer um levantamento da situação dos convênios e compromissos assumidos pelo Secretário Edson Marques. E, recomendou que quando viajasse para o Rio de Janeiro, que ele fizesse uma programação para passar cinco dias, pois “no Rio não se resolve nada com rapidez, já que o carioca chega no trabalho às 10 horas, sai para almoçar às 12 horas, volta às 14 horas e sai às 17 horas”. No Rio de Janeiro ainda estavam as autarquias do Ministério da Agricultura, e existiam muitos assuntos a serem tratados com elas.

O interessante é que o Governador Luiz Viana Filho fez a mesma observação que Mamede Paes Mendonça lhe faria anos depois: “Se vai demorar no Rio, deve levar a Senhora”. Provavelmente porque ambos deviam conhecer a letra da música que diz: “casado também namora, casado é namorador, quando está longe da senhora”. Na primeira viagem que fez ao Rio de Janeiro, Jayme levou Maria e seus dois filhos que estavam de férias. Ele foi de ônibus leito, na chamada Rodonave da Viação Itapemirim, ônibus confortável, com apenas 17 poltronas, e a bordo eram atendidos por uma “rodomoça”.

A vigilância exercida pelos órgãos de segurança sobre as atividades do governo estadual era mantida de perto. Uma prova disso é que quando Jayme fez aquela viagem para o Rio, com a esposa e filhos, ele foi surpreendido por uma visita inesperada. Logo pela manhã, no dia seguinte ao que chegou ao Rio, quando estava na porta do Hotel Riviera, situado no Posto 6, em Copacabana, o Major Dario Montilla apareceu do nada, lhe cumprimentando e comunicando que morava no Rio e que ele podia ter avisado que ia chegar para que ele tivesse a chance de recebê-lo e de ser útil durante sua estada. Jayme Ramos de Queiroz achou aquela “coincidência” muito estranha. Como é que o Major sabia exatamente onde ele estava hospedado e que tinha viajado com sua família, e de ônibus? Entretanto, como foi

perguntado, explicou que como não estava viajando às custas do erário público, teve que viajar de ônibus, pois de avião a viagem com todos os membros da família seria muito dispendiosa já que ele estava pagando as despesas com seu salário.

Com a visita inesperada do Major Montilla, na porta do Hotel Riviera, no Rio de Janeiro, Jayme passou a ter certeza de que os militares acompanhavam tudo o que se passava na Secretaria, tanto assim que eles sabiam da sua viagem e o hotel em que ele estava hospedado, já que apenas os auxiliares mais diretos sabiam da viagem, mas desconheciam maiores detalhes. Acreditava-se que havia um informante dentro da Secretaria da Agricultura como também em todas as outras repartições públicas. Este ambiente de fiscalização permanente provocava na Secretaria, segundo Jayme, uma “guerra de nervos”, que só desanuviou quando o Presidente Médici assumiu o governo, após a morte de Costa e Silva, mudando a oficialidade da 6ª Região Militar, que era ligada a Costa e Silva. O que, em parte, confirma os rumores que circulavam em relação ao posicionamento de Costa e Silva com relação a Luiz Viana, mas tal fato pode parecer um paradoxo, pois o Governo do General Emilio Garrastazu Médici ficou conhecido como “os anos negros da ditadura”, pois a luta contra as oposições foi conduzida com mão de ferro.

Quando retornou do Rio, onde tinha ido conhecer e verificar o andamento dos convênios, Jayme promoveu uma reunião com todos os Diretores, Chefes de Seção e demais funcionários, quando pediu o apoio e a colaboração de todos e explicou a situação referente àquele acompanhamento ou fiscalização realizada pela 6ª RM. Ele relatou a visita do Major Montilla no Rio, o que demonstrava que havia um acompanhamento de perto, quase que uma marcação homem a homem, de todas as atividades da Secretaria. Aproveitou para recomendar que tivessem cuidado e atenção redobrada na utilização das verbas públicas. Jayme recebeu todo o apoio dos companheiros, pois “eles estavam satisfeitos com a minha indicação, pois sempre tratei todos muito bem, procurando atendê-los nos seus problemas”.

Como Secretário da Agricultura, Jayme Ramos de Queiroz manteve a mesma equipe, pois conhecia a capacidade dos Diretores dos Departamentos, mudando somente o Chefe de Gabinete e o Superintendente do GERFAB, pois ambos tinham sido detidos, além de ter nomeado um novo Assessor Chefe para o lugar que ele ocupou. Como Chefe de Gabinete ele nomeou Dr. Leman Palmeira, Bacharel em Direito, Delegado de Polícia aposentado e ex-diretor do Departamento de Cooperativismo na gestão do Secretário Lafaiete Coutinho. Quando submeteu o nome de Leman ao Governador para sua aprovação e nomeação, ele disse que “o Chefe de Gabinete é de sua escolha e ninguém pode interferir, pois o que ele fizer

reflete na sua pessoa. É de sua absoluta confiança”. Apesar disso, afirma Jayme “o Governador conhecia Dr. Leman e aprovou o nome, além de ficar satisfeito com a escolha”.

A outra modificação foi no GERFAB. Jayme colocou um veterinário do quadro de veterinários do próprio Grupo, José Conceição Sobrinho, que possuía boas referências, principalmente dos pecuaristas da região de Itambé e Itapetinga, e seus respectivos Prefeitos. Para a vaga deixada por ele mesmo, como Assessor Chefe da ASPO, ele nomeou um antigo colega, Humberto Martins, que era “tão Caxias quanto eu”.

Além manter e implementar os programas de Sementes Seleccionadas, IBCR e o combate à Febre Aftosa que foram iniciados por Edson Marques, Jayme desenvolveu o Programa dos Preços Mínimos, assinando um convênio com a Companhia de Armazéns e Silos do Estado da Bahia, dirigida na ocasião pelo Dr. Jayme Guimarães, para construir dois armazéns no Município de Irecê. Demonstrando perfeito conhecimento de sua área Jayme faz questão de explicar, muito à vontade, porque o Programa de Preços Mínimos é uma importante política agrícola e como sua adoção permite fazer os estoques reguladores, que são essenciais nos períodos em que ocorrem as crises de alimentos. E aqui, interrompendo seu depoimento de vida pessoal, entrou em cena o técnico, o Engenheiro Agrônomo, que sabia a razão exata de todas as medidas adotadas em sua gestão, para explicar:

Antes do plantio e após o levantamento dos custos de produção dos produtos, o Governo estabelece um preço mínimo e, então, informa ao produtor que, em caso de excesso de safra, deverá adquirir aquele produto pelo preço mínimo estabelecido com antecedência, evitando, dessa forma, o prejuízo e o desestímulo por parte do agricultor. No popular, significa ‘plante que o Governo garante’.

Para realizar o Programa de Preços Mínimos o Governo precisa dispor de uma rede de armazéns, pois a armazenagem é essencial para a execução do programa, pois somente com ela é possível a formação do estoque regulador. Por isso, a construção de dois armazéns em Irecê, inaugurados na minha gestão, por ser aquela região uma grande produtora de feijão. Infelizmente a CASEB foi extinta posteriormente, bem como a CAMAB, ECOSAMA E CASEMBA, todas integrantes do FUNDAGRO – Fundo de Desenvolvimento Agro Pecuário-, idealizado pelo Dr. Rômulo Almeida, explicando-se a sua criação com o fato de ser necessária para o desenvolvimento da agricultura a exigência de rapidez na liberação de recursos e outras providências, pois depende das condições climáticas, não podendo passar a época do plantio e colheita dos produtos agrícolas. Cada uma dessas empresas tinha uma função primordial: a CAMAB vendia, a preços justos, material agrícola aos agricultores; a CASEMBA vendia os produtos agrícolas, tendo uma participação decisiva nos momentos de crise de abastecimento, notadamente no Governo Lomanto Junior, vendendo frangos e a ECOSAMA tinha por objetivo a mecanização das lavouras, promovendo, sobretudo, o combate à erosão dos solos.

Além desse Programa de preços Mínimos, a gestão de Jayme Ramos de Queiroz desenvolveu outros grandes programas, de fundamental importância para o desenvolvimento agropecuário do Estado. Entretanto, as dezenas de pequenas intervenções processadas em vários municípios do Estado, que podem até ser consideradas menores, tiveram um grande impacto no desenvolvimento das regiões onde foram implementadas. Dentre outras, destacam-se: no Centro Regional de Senhor do Bonfim foi implantada uma Casa de Vegetação para serviços de reflorestamento de toda a região; a recuperação das instalações do Parque Zôo Botânico Getúlio Vargas; assinatura de convênios para atender projetos de Crédito Rural; construiu e recuperou inúmeros açudes em vários municípios, além de perfurar poços tubulares; no Instituto Biológico promoveu a melhoria dos laboratórios de pesquisa criando as bases necessárias para o combate e controle de doenças e pragas; construiu casas de vegetação destinadas às pesquisas bem como para aumentar a produção de mudas do Jacarandá da Bahia e outras espécies distribuídas por inúmeros municípios; nos Núcleos Coloniais reformou e ampliou as instalações dos Postos Médicos e das Escolas, além de construir instalações de escritórios, almoxarifados, galpões para máquinas e casas para os respectivos administradores.

Jayme lembra que todos estes trabalhos foram realizados com muito esforço, em virtude da situação financeira do Estado, motivada pela queda do preço da arroba do cacau, cultura responsável na época por quase 80% da receita do Estado.

Foi durante o Governo Luiz Viana que foi aprovado pelo BNDE o projeto de construção da Central de Abastecimento. Todavia, devido à Lei 5727 do Governo Federal, não foi possível iniciar a construção na sua gestão, só acontecendo durante o Governo Antonio Carlos Magalhães e sob a coordenação de Jayme. A solenidade de assinatura do contrato foi no Rio de Janeiro, na sede do banco, com as presenças do Governador Luiz Viana, do futuro Governador Antonio Carlos e a dele, na condição de Secretário da Agricultura.

Na ocasião Jayme se encontrava em Brasília, participando de um Congresso Nacional de Agricultura, iniciativa do Ministro Ivo Arzua, do Governo Costa e Silva. O congresso foi encerrado na sexta-feira e ele deveria estar no Rio de Janeiro na segunda-feira para assinatura do contrato de empréstimo. No encerramento do congresso o Ministro fez um discurso exaltando com muita veemência o Governo Costa e Silva. Jayme acredita que ele não sabia o que estava acontecendo, pois já estava sendo providenciado o transporte do Presidente para o Rio de Janeiro, acometido que fora por um derrame. Sobre o episódio Jayme lembra:

Viajei para o Rio no sábado e no domingo fui acordado pela Procuradora do Estado no Rio, dizendo que a assinatura do contrato tinha sido adiada para terça-feira, pois segunda-feira seria feriado bancário devido ao falecimento do Presidente e sua substituição por uma Junta Militar.

No Brasil nós dormimos com um Presidente e acordamos com outro, pois novamente isto aconteceria comigo por ocasião da posse de ACM como Ministro das Comunicações de Tancredo Neves. Saiu da Bahia para Brasília, um avião lotado de amigos de ACM para assistir à solenidade. Devido à dificuldade de hotel, hospedei-me na casa de um amigo que avisou que no dia seguinte acordaríamos cedo para conseguirmos estacionamento na posse de Tancredo¹⁵. Mais uma vez dormi com um Presidente e acordei com outro, José Sarney.

Com a consciência tranqüila de quem venceu todos os obstáculos e principalmente as dificuldades políticas encontradas na época, Jayme encerrou seu período como Secretário da Agricultura para assumir novas funções. Em seu discurso de transmissão de cargo para o novo Secretário da Agricultura, Dr. Raymundo Fonseca, disse:

Sinto-me profundamente emocionado pela saudade ao deixar o convívio dos meus companheiros de trabalho, sem distinção de cargo ou categoria social, e que comigo percorreram este duro caminho, cheio de dificuldades e asperezas, durante o período de dois anos, que, apesar de não ser muito longo, foi talvez um dos mais difíceis já percorridos por um Secretário da Agricultura, em face dos acontecimentos por demais conhecidos. Mesmo com estas dificuldades, mas trilhando sempre o caminho da humildade, da prudência, do bom senso, e contando com o valioso auxílio de todos os nossos companheiros e amigos, podemos hoje sair de cabeça erguida, tranqüilo, pela grata certeza de que cumprimos com o nosso dever. (...) Com alegria do dever cumprido podemos dizer como São Paulo, o Apóstolo, 'Combati o bom combate, guardei a fé'.

Deixando a Secretaria da Agricultura, o Governador Antonio Carlos Magalhães, cujo primeiro período de governo foi de 15 de março de 1971 a 15 de março de 1975, designou Jayme Ramos de Queiroz para construir a Ceasa, na condição de seu Diretor presidente. Na Ceasa Jayme dá início a uma outra etapa de sua vida profissional vitoriosa.

¹⁵ Tancredo Neves foi eleito e deveria tomar posse no dia 15 de março de 1985, mas acometido por doença sofreu sete intervenções cirúrgicas vindo a morrer no dia 21 de abril. José Sarney, que foi empossado interinamente como Presidente foi investido oficialmente no cargo no dia 22 de abril de 1985, após a morte de Tancredo. José Sarney governou de 1985 a 1990, um ano a mais que o previsto na carta de compromisso da Aliança pela qual chegou ao poder devido a uma suposta compra de votos por mais um ano de governo.

X

AGORA JAYME, BOTE A CEASA PARA FUNCIONAR...

“Dizer-te que eu próprio não me conheço perfeitamente, ou que, pelo menos, acho-me muitas vezes em contradição comigo mesmo, não é exagerar”.

José Veríssimo

Foi durante o Governo de Luiz Viana Filho, quando Jayme Ramos de Queiroz exercia o cargo de Secretário da Agricultura, que foi aprovado pelo BNDE, atual BNDES, o projeto de financiamento para a construção da Central de Abastecimento de Salvador – CASAL, que depois passou a chamar-se CEABA, devido à ampliação do projeto original, que passou a atingir todo o Estado, e, posteriormente, CEASA. Devido às modificações do projeto original que previa um novo local, não foi possível iniciar a obra, que só veio a ser construída pelo Governo de Antonio Carlos Magalhães.

Jayme era Secretário da Agricultura, quando o futuro governador, já nomeado, Dr. Antonio Carlos Magalhães, lhe comunicou que ele iria para a CEASA, e que antes dele assumir o Governo do Estado, ele deveria resolver todos os problemas existentes. Jayme então teve que ir a Brasília e resolver os problemas, que não eram poucos, com o Diretor-Presidente da COBAL, Dr. Rubens José de Castro Albuquerque, que era tido como homem muito exigente. Dentre os problemas que ele tinha para resolver destacavam-se: convocar a Assembléia Extraordinária para constituir a nova diretoria, demitindo a existente; retificar o local em que seria construída a CEASA; conseguir que o Diretor Financeiro, que era indicado pela COBAL, fosse indicado pelo Governo do Estado, além da contratação da empresa de consultoria, necessária pelo volume de obras a serem realizadas.

Os problemas foram contornados e tudo deu certo. Coincidentemente mais uma vez o Rotary estava no seu caminho. O homem exigente era seu companheiro rotariano, pois desde 1970 Jayme já integrava o Rotary Club da Bahia por indicação do Procurador Raimundo Pereira, que foi seu padrinho. Assim, ele conseguiu: que o Diretor Financeiro fosse o amigo e colega Armando Carneiro da Rocha Filho; que a empresa de consultoria fosse a SERETE, a

mesma que estava assessorando a construção da CEASA de Brasília; e a convocação da Assembléia Extraordinária, evitando aborrecimentos, como queria o futuro governador ACM, que conhecia o comportamento de Jayme de perto, pois foram contemporâneos no Ginásio da Bahia e se conheciam também dos ambientes que costumavam frequentar. Jayme inclusive tinha um dos irmãos de ACM como companheiro durante a juventude quando saíam juntos para paquerar.

Assim, ele foi também o responsável pela instalação da CEASA, exercendo a função de diretor presidente durante 12 anos, quando pode desenvolver inúmeros projetos para o melhor abastecimento da região metropolitana de Salvador, além de ter aproveitado o período para se aprimorar nas técnicas administrativas.

Mais uma vez o espírito técnico de Jayme se apresenta durante os depoimentos para traçar um breve histórico da CEASA, pois assim ele dá nome aos bois e os devidos créditos a quem merece. Segundo ele, tudo começou no Governo de Antonio Balbino, quando foi criada a Comissão de Planejamento Econômico – CPE, constituída por renomados técnicos como Rômulo Almeida, e que foi encarregada pelo governador para desenvolver o planejamento econômico do Estado. Então, explica Jayme:

Baseados na experiência da CEASA de São Paulo, os técnicos projetaram, inicialmente, uma Central de Abastecimento para Salvador, a CASAL, que seria localizada na Ilha de Santa Luzia, situada no Porto dos Tainheiros, em Itapagipe, pois grande parte do abastecimento de Salvador, ainda era feito por saveiros vindos do Recôncavo. Com as modificações havidas, a inauguração de novas estradas de rodagem e a descoberta de novos campos petrolíferos no Recôncavo, o projeto foi ampliado para atingir todo o Estado, passando a central a ser chamada de CEABA – Central de Abastecimento da Bahia, sendo a sua localização transferida para o Vale do Camurugipe, onde atualmente está instalado o DETRAN.

No Governo de Dr. Luiz Viana Filho foi então constituída a diretoria da CEABA e dada entrada do projeto no BNDE. Nesse ínterim, o governo militar do Presidente Médici criou o Programa de Centrais de Abastecimento, baseado na experiência válida das centrais de São Paulo e Pernambuco, esta última construída pela SUDENE, através da Lei nº 5.727, de 04/11/1971, e regulamentada pelo Decreto 70.502, tendo sido criado o Sistema Nacional de Centrais de Abastecimento – SINAC, que tinha como órgão gestor do sistema a Companhia Brasileira de Alimentos – COBAL, sendo criado, também, o Grupo Executivo de Melhoria do Abastecimento – GEMAB, constituído por vários Ministérios.

A diretoria da CEABA começou os seus trabalhos, mas o local escolhido no Vale do Camurugipe apresentava vários problemas, principalmente o grande volume de terraplenagem e a remoção de uma adutora da SAER, atualmente EMBASA.

O GEMAB, ao tomar conhecimento do nosso projeto, enviou um técnico, Sr. Jorge Carrano, que após estudo de viabilidade, apontou como principais inconvenientes da pretendida localização, além dos já citados, que elevariam muito os custos da construção, o crescimento do volume de tráfego

de veículos naquela região, em consequência do desenvolvimento de Salvador, o que acarretaria sérios problemas para a Cidade. Parece que o técnico Jorge Carrano acertou, pois o tráfego hoje na área do Iguatemi é um caos.

Jayme participou dos estudos para a escolha de um novo local para a central. Considerando a existência, no projeto do Centro Industrial de Aratu – CIA, de um local reservado para a construção de um Centro de Abastecimento, e que apresentava os requisitos básicos, houve a aprovação de comum acordo, entre o Governo do Estado e o GEMAB, para a nova localização.

Com a posse do novo Governador, Jayme foi substituído na Secretaria da Agricultura pelo Engenheiro Agrônomo Raimundo Fonseca Souza, que era professor da Escola Agrônômica da Bahia e um técnico reconhecido pela competência, além de ser um homem muito prudente e ponderado. De imediato Jayme assumiu a diretoria da CEASA e deu início à sua construção. O contrato foi assinado com a SERETE, de São Paulo, que estava construindo a CEASA de Brasília. A obra da CEASA da Bahia era complexa e grande, pois constava de terraplenagem – 3 milhões de metros cúbicos – rede própria de esgotos com lagoa de oxidação; redes elétricas com cinco sub-estações; redes de água tratada, bruta e de incêndio; frigorífico; pavimentação; oito galpões; prédio da administração com dois pavimentos; torre de água; restaurante e portaria.

A portaria da CEASA, além das funções específicas de segurança e fiscalização, foi projetada para executar, também, a coleta de dados estatísticos, como a procedência dos caminhões, os produtos hortigranjeiros transportados, embalagens utilizadas, permitindo o conhecimento, importante e necessário, de dados que seriam computados para a elaboração do Boletim mensal da CEASA. A portaria ocupava uma área de 65m², possuindo 198m² de área coberta, sendo constituída por um escritório, local da guarda e sanitário. A grandiosidade da obra da CEASA com uma variedade de instalações a serem feitas, segundo recorda Jayme, levou alguns técnicos a afirmarem, na época, “que ali eles estavam construindo uma pequena cidade”.

A contratação da SERETE foi fundamental para a construção da CEASA dentro do prazo estabelecido pelo Governo Federal. Além de coordenar os projetos, a SERETE prestava assessoria jurídica nas licitações e elaboração dos contratos com as empreiteiras. Constava, também, de suas obrigações a presença de um grupo técnico para acompanhamento, fiscalização da execução do projeto, além da sua adequação, sempre que necessário, aceitando as sugestões feitas. Deste modo, o Governo teve que contratar técnicos próprios, para

acompanhar o trabalho da SERETE e das empreiteiras. Assim, os Engenheiros Cívicos Silberto Pacheco e Franklin Sodré, e o Arquiteto Itamar José de Aguiar Batista, que tinha trabalhado com Jayme na Secretaria da Agricultura, foram contratados, e ao lado do administrador de empresas Pedro Orlando Soares, que já trabalhava desde a CEABA, sob a coordenação do Diretor Técnico-Financeiro Armando Carneiro da Rocha Filho, desenvolveram os trabalhos de fiscalização e acompanhamento da execução física e financeira da obra.

No prazo determinado, sem problemas ou acidentes, as obras foram concluídas e a CEASA foi inaugurada no dia 28 de março de 1973, com a presença do Ministro da Agricultura Cirne Lima, do Governador ACM, autoridades civis e militares. A festa de inauguração contou com uma exposição de produtos agrícolas e serviços executados pela Secretaria da Agricultura, organizada pelo Secretário Raimundo Fonseca e pela Diretoria da CEASA.

Depois da festa, o Governador Antonio Carlos Magalhães, bem ao seu estilo, falou alto, permitindo a que todos os presentes pudessem ouvir: “Agora, Jayme, bote para funcionar...”.

Colocar a CEASA em funcionamento seria a parte mais importante e delicada, pois Jayme Ramos de Queiroz teria que enfrentar e mudar a cultura vigente dos produtores, dos atacadistas, dos atravessadores, dos varejistas e dos consumidores. Assim sendo, ele deu início à segunda etapa, contratando o Agrônomo e professor de Agricultura da Escola Agrônômica da Bahia, Grimaldo Paternostro, que sempre se dedicou à floricultura e ao paisagismo, com o objetivo de “quebrar” a chamada “selva de pedra”, com a criação de áreas verdes para tornar o ambiente mais bonito e atraente. Imediatamente foi construída uma Casa de Vegetação, produzindo as mudas de plantas ornamentais a serem utilizadas na arborização da Central e as flores plantadas nos jardins, que ficou caracterizado como “Jardim das Flores”.

A etapa consistia em divulgar e esclarecer o papel da CEASA por todo o Estado. Assim Jayme deu início a uma série de viagens pelo interior, proferindo palestras e visitando os municípios produtores como Juazeiro, Jaguaquara, Santo Antonio de Jesus, entre outros. Em suas palestras informava das vantagens da Central, observando as condições de higiene, facilidade de carga e descarga, informação do mercado e integração com o Sistema Nacional, que envolvia 23 CEASAS.

Além da divulgação feita nos meios de comunicação e das palestras, Jayme convidava gerentes de banco, notadamente do Banco do Brasil e do antigo BANE, que instalaram agências no térreo do prédio da Administração. Ônibus eram cedidos para transportar

estudantes que iam visitar as instalações da CEASA e conhecer como o abastecimento da cidade era feito e visitar, principalmente, o frigorífico e a fábrica de gelo. Para desenvolver o meio de campo junto à imprensa e promover todo o trabalho de imagem da CEASA, foi montada uma Assessoria de Imprensa, que tinha à frente a jornalista Azimozete Sant’Ana, responsável pela idéia de se promover o chamado “Natal Tropical”, utilizando as nossas frutas de época em substituição aos produtos importados. Posteriormente, ela que recebeu um convite mais vantajoso, foi substituída por Cleo Meireles.

Sempre muito jeitoso no relacionamento com a imprensa, como presidente da CEASA Jayme teve a oportunidade, ainda no início do seu funcionamento, ceder espaços para que a ABCD – Associação Baiana dos Cronistas Desportivos, sob o comando de Genésio Ramos, ali pudesse realizar sua festa de São João. Também no Dia do Radialista e no Dia da Primavera ele convidava os profissionais do rádio para o plantio da árvore e como brinde oferecia produtos hortigranjeiros. Deste modo, ele conseguiu manter um ambiente de cordialidade com a imprensa falada e escrita. Em retribuição a atenção que Jayme sempre dispensou aos profissionais da imprensa, a ABCD concedeu-lhe o título de Cronista Esportivo.

Para atrair os consumidores para a CEASA foi organizado o sistema de venda de produtos a varejo. Apesar de ser longe, a Feira de São Joaquim era mais perto, aos poucos a população soteropolitana começou a fazer compras lá, pois além de estacionamento garantido, higiene e segurança, lá não tinham pivetes na área de comercialização. Ao lado disso, Jayme realizava promoções no Dia da Mulher e no Dia das Mães, sem contar que os preços eram iguais ou menores, pois um acordo foi firmado com os produtores das colônias do Estado em Mata de São João e Candeias, por meio do qual a CEASA dava o transporte, na condição de que seus produtos teriam preços razoáveis e qualidade, vencendo, assim, a etapa do varejo. Como ainda tinha espaço disponível, uma licitação foi feita e a empresa Paes Mendonça, instalou um supermercado na CEASA, atendendo às populações das cidades vizinhas, notadamente Simões Filho e Lauro de Freitas, além do bairro de Itinga.

Durante sua administração na CEASA, Jayme procurou atender aos permissionários com toda atenção, mantendo a porta do gabinete sempre aberta, recebendo a todos e procurando ajuda-los em seus respectivos negócios, pois “o cliente é soberano e gosta de ser tratado com carinho e doçura, satisfazendo os seus desejos e necessidades”. Neste sentido, Jayme diz ter aplicado o princípio dos “4-P’s” do marketing: Ponto, Produto, Preço e Promoção.

A aplicação destes fatores exigiu de sua parte muito esforço, habilidade e supervisão. Tinha que preservar a presença dos produtores das colônias do Estado com produtos de qualidade e preços razoáveis, manter as exposições de flores produzidas na “Casa de Vegetação”, além de promover cursos de saladas e realizar distribuição de brindes. Enfim, como se pode observar, Jayme utilizou todos os instrumentos necessários para manter um bom atendimento, pois como ele mesmo diz: “a felicidade do cliente é o grande sucesso do empreendimento”.

A CEASA construiu uma boa imagem sob sua liderança, mas Jayme faz questão de afirmar que todos os resultados obtidos foram consequência da motivação da sua equipe,

pois trabalhávamos num ambiente de harmonia, com o espírito cristão de união e amor. Graças a isso, permaneci 12 anos seguidos na presidência da CEASA, trabalhando com governadores que eram adversários políticos. Refiro-me ao sucessor do Governador ACM, o Governador Roberto Santos, que me manteve no cargo de Diretor-Presidente, tendo visitado a CEASA, antes de tomar posse. Na visita aconteceu um fato interessante. Era um dia de quarta-feira pela manhã e o Dr. Roberto Santos foi à CEASA, acompanhado por D. Maria Amélia e filhos, chegando por volta das 11 horas e por uma feliz coincidência, encontrou fazendo compras no varejo um amigo seu, o empresário Manuel Meijon, o conhecido Manolo, tendo exclamado: “Você aqui Manolo?”, ao que ele respondeu: “Aqui é bom de comprar, pois tem segurança, estacionamento e bons produtos”. Não esqueço este fato pelas consequências favoráveis, pois o futuro governador, abraçando o meu amigo e companheiro Manolo, foi para o interior do varejo. Acompanhei tudo, guardando a devida distância. Este encontro teve um significado muito bom, pois consolidou a minha permanência, pelas referências do amigo Manolo, que por sinal era rotariano, que sempre surgem em horas difíceis, ajudando-me.

O Dr. Roberto Santos percorreu todas as instalações da CEASA, tendo D. Maria Amélia ficado encantada com o “jardim de flores” e solicitado que o Dr. Paternostro fosse fazer um igual no Palácio de Ondina. Assim, a visita do Governador foi excelente para Jayme que permaneceu mais quatro anos na presidência da CEASA, quando teve a oportunidade de fazer um “jardim de flores” no Palácio de Ondina. O governo Roberto Santos ocorreu durante o dia 15 de março de 1975 a 15 de março de 1979.

O substituto do Governador Roberto Santos foi Antonio Carlos Magalhães, que assumiu pela segunda vez o Governo da Bahia no dia 15 de março de 1979, tendo como Secretário da Agricultura o Dr. Renan Baleeiro, surgindo então o programa que seria chamado “Cesta do Povo”, que foi inicialmente executado pela CEASA, que era uma empresa de economia mista, vinculada à Secretaria da Agricultura e ao Sistema Nacional de Centrais de

Abastecimento, sob a gestão da COBAL – Companhia Brasileira de Alimentos – do Governo Federal.

Nos primeiros contatos mantidos com o novo Secretário, Jayme Queiroz foi informado que o Governador queria criar um Programa de Venda de Gêneros Alimentícios, em nível de varejo. Na oportunidade ele explicou ao Secretário que a COBAL mantinha um programa chamado de “Cadeias Voluntárias”, através do qual eram credenciados comerciantes para venda de gêneros alimentícios, de acordo com normas estabelecidas. Entretanto, Renan Baleeiro insistiu, afirmando que o sistema seria outro: “Vendas diretas por pessoal contratado pelo Estado em postos ou lojas a serem instalados”. E disse mais, que tinha informado ao Governador que “somente a CEASA tinha condições para realizar o serviço”.

Jayme diz ter tremido nas bases, pois o Governo queria entrar na venda de gêneros alimentícios, em nível de varejo, que é o segmento da comercialização mais exigente, pois lida diretamente com o consumidor, devendo atender ao seu gosto e desejos. Este seria um novo e grande desafio a vencer, não teve dúvidas quanto a isto. Ele acredita que a CEASA foi escolhida, porque através de convênio com a Secretaria da Agricultura, já administrava as Feiras Móveis, que atendiam de terça a domingo à população de vários bairros de Salvador, num total de 25 feiras. No entanto, a responsabilidade da CEASA era apenas a de ceder as barracas, fazendo o transporte e a armação das mesmas, mas quem vendia os produtos eram os feirantes, sem qualquer vínculo com o Estado.

Jayme lembra que também durante o Governo de Roberto Santos, quando ocorreu uma crise de farinha, o Secretário José Guilherme da Mota solicitou a intervenção da CEASA, que acabou realizando a “Operação Farinha”, tão bem sucedida que por ocasião da Semana Santa, passou a realizar também a “Operação Peixe”, vendendo o pescado a preços abaixo da tabela da SUNAB. O sistema adotado e até mesmo o nome dado de “Operação”, leva qualquer pessoa a fazer de pronto, um relacionamento direto com a experiência que Jayme viveu, no início de sua carreira, na Base Naval de Aratu, quando teve que proceder a várias “operações” para manter um abastecimento de qualidade nas unidades da Marinha.

A “Operação Peixe” foi também realizada na primeira Semana Santa do governo ACM, tendo o Secretário da Agricultura mandado incluir outros gêneros, como ovos, farinha e azeite de dendê, tendo sido instalada, na Feira de São Joaquim, em duas barracas das Feiras Móveis, suficiente para atender ao público. O Governador ACM visitou o posto de venda em São Joaquim, constatando a grande afluência e a satisfação do povo pelos preços dos produtos. Então o Governador, com sua visão política e administrativa, além de antever o

sucesso do programa que queria implantar, se dirigiu para Jayme e afirmou: “É isto que desejo fazer, mas em escala muito maior...”.

Esta operação acabou reforçando a idéia de ACM de criar o programa que viria a ser conhecido como a “Cesta do Povo”. Diante do sucesso desta operação e com os aplausos recebidos do povo, Jayme não tinha condição de fugir da responsabilidade de administrar o programa, embora tivesse consciência de que a “barra seria pesada”.

De início foram assinados com a Secretaria de Agricultura convênios com três objetivos principais: 1)- promover a oferta de alimentos básicos à população de baixa renda a preços inferiores aos de mercado; 2)- garantir maior estabilidade nos preços de produtos básicos, evitando a especulação de intermediários; e, 3)- estimular a expansão da oferta interna de alimentos, através da garantia de compra aos diversos agentes produtores no Estado, ou seja “Garantia de Mercado para nossos produtos”.

Tanto na compra dos equipamentos, como na compra dos gêneros alimentícios, Jayme Ramos de Queiroz contou com o apoio e orientação de dois amigos: Pedro Oliveira, da empresa Paes Mendonça, e Nelson Mendonça, representante comercial, que também eram companheiros rotarianos. Foram adquiridos os equipamentos necessários, tais como balanças, máquinas de empacotar, kombis frigoríficas, caminhões, entre outros.

Quanto aos gêneros alimentícios, Jayme lembra que a operação foi iniciada com apenas sete produtos básicos: farinha, feijão, arroz, açúcar, macarrão, óleo, café e quatro tipos de peixe (xixarro, galo, corvina e pargo), que eram armazenados no frigorífico da CEASA e vendidos nas kombis frigoríficas. Além das feiras móveis, foram utilizados os postos fixos, oriundos da CASEMBA, localizados no Nordeste de Amaralina, Pernambués e Forte de São Pedro, e um provisório em São Joaquim, construído com placas de eucatex e madeirit:

À medida que o programa ia crescendo, pois chegamos neste ano de 1979 a possuir 79 postos de venda, inclusive quatro em Feira de Santana, era necessária a criação de uma complexa infraestrutura, envolvendo transporte, empacotamento e armazenagem, e fomos obrigados a construir uma Central de Armazenamento e dois galpões menores.

Com o aumento crescente das atividades da Cesta do Povo, informei ao Dr. Renan, Secretário da Agricultura, a necessidade de criação de uma empresa em condições de atender ao desejo do Governador de “atingir a todo o Estado”, como realmente aconteceu. A CEASA era uma empresa de prestação de serviços, não tendo condições para executar um programa desta natureza, além de pertencer ao Sistema Nacional de Centrais, cujos objetivos eram outros. Formado o grupo de trabalho, incluindo técnicos da Secretaria de Agricultura, PROPAR/DESENBANCO e BANEB, foi criada a EBAL – Empresa Baiana de Alimentos. Até sua criação e entrada em funcionamento, continuei desenvolvendo as atividades do programa, inaugurando em

Setembro de 1979 uma loja nos Alagados, com a presença do Presidente da República, General João Batista Figueiredo.

Na CEASA, Jayme costumava comemorar o Natal oferecendo brindes (uma cestinha de frutas e verduras) aos filhos dos garis, motoristas e pessoal da manutenção. Quando a CEASA completou 10 anos de funcionamento, foi realizada uma missa em um dos galpões, tendo como celebrante o Cardeal D. Avelar Brandão Vilela.

A experiência vivida por Jayme Ramos de Queiroz na CEASA, participando de operações pioneiras, como a criação da Cesta do Povo e sugerindo a criação da EBAL, lhe ajudaram anos depois na iniciativa privada, quando trabalhou na rede de supermercados Paes Mendonça e também na própria EBAL, onde acabou trabalhando também.

XI

INTEGRANDO O G-5 DA ARQUIDIOCESE

“Nada te pertube. Nada de Espante.
Tudo passa. Só Deus não muda. A
paciência tudo alcança. Quem a Deus
tem nada lhe falta. Só Deus basta!”
Santa Tereza D’Ávila

Além da educação doméstica, que vinha do “berço”, e da educação formal, Jayme teve uma educação religiosa muito direcionada. Na vida adulta continuou ligado à religião, tendo participado do Cursilho da Cristandade e do Encontro de Casais com Cristo, ouvindo os sermões e homilias dos Monsenhores Luna, Sadoc, Hamilton e Ademar Galvão, que consolidaram sua aprendizagem de continuar trilhando o caminho da Humildade para poder alcançar as Graças do Senhor, conforme ouviu na homilia do Monsenhor Sadoc, no *Te-Deum* em homenagem ao Cardeal Dom Eugênio Sales¹⁶, quando do retorno de seu do Vaticano, quando tomou posse com Cardeal em abril de 1969. Também ouviu do monsenhor Ademar Galvão, em várias oportunidades, recomendações sobre a Paciência, a Mansidão, a Sabedoria, a Compreensão e a Prudência. E foi em torno destas palavras que Jayme, desde muito cedo, procurou trilhar seu caminho pessoal e profissional.

Assim, paralelo às suas atividades administrativas, públicas e empresariais, Jayme Ramos de Queiroz trabalhou na Arquidiocese do Salvador, por meio da Paróquia de Santana, sob a supervisão de Monsenhor Luna, mais conhecido como “Padre Luna”. Devido ao seu envolvimento com os movimentos da cristandade, ele foi escolhido e convidado para exercer

¹⁶ Dom Eugênio de Araújo Sales foi nomeado Administrador Apostólico da Arquidiocese do Salvador em 1964, permanecendo na função até 24 de outubro de 1968, quando foi nomeado Arcebispo da Arquidiocese do Salvador e Primaz do Brasil, pelo Papa Paulo VI. Em 28 de abril de 1969 foi nomeado pelo Papa Paulo VI como Cardeal, sendo empossado dois dias depois. Em 13 de julho de 1971 ele foi nomeado Arcebispo do Rio de Janeiro. Dom Avelar Brandão Vilela foi nomeado para seu lugar.

a Coordenação do chamado G-5, e sempre que ocorria algum evento na Arquidiocese do Salvador, o Padre Luna o convidava para integrar a comissão de serviços gerais.

Como coordenador do G-5, Jayme se envolveu na Arquidiocese do Salvador onde emprestou todo o seu talento de organizador nato, tendo sido um dos responsáveis por inúmeros eventos promovidos pela Igreja. Ele trabalhou na organização, por exemplo, da Festa do Jubileu Sacerdotal de Ouro, do Cardeal Dom Avelar Brandão Vilela¹⁷ e também de suas exéquias em 1986. Participou ainda da organização da festa organizada quando da chegada de Dom Lucas a Salvador, para tomar posse solene em 27 de setembro de 1987 como Arcebispo Primaz da Brasil, além da organização da missa na Praça Municipal, da Peregrinação de Nossa Senhora de Fátima, com a missa na Fonte Nova.

Seu envolvimento nos funerais de Dom Avelar começou quando o Cardeal foi considerado doente terminal e padre Luna convocou o grupo dos serviços gerais para tomar todas as providências. Na noite em que o Cardeal faleceu, às 23 horas, no Hospital Português de Salvador, foi Jayme quem tomou todas as providências: fez as devidas comunicações às autoridades, inclusive ao Núncio Apostólico, em Brasília, além de ter ido receber pessoalmente o atestado de óbito, que só lhe foi entregue à 1 hora da madrugada, assinado pelo Dr. Fernando Visco Didier, para registrar em cartório, no dia seguinte.

Outra perda que abalou a comunidade religiosa da Bahia foi a de Irmã Dulce, que morreu no dia do aniversário de Jayme, no dia 13 de março de 1992, causando grande comoção popular, tendo inclusive o Governo decretado luto oficial. Vale salientar que no dia 21 de janeiro de 2009, a Congregação para as Causas dos Santos do Vaticano anunciou o voto favorável que reconhece Irmã Dulce, também conhecida como o Anjo Bom da Bahia, como Venerável.

Quando Dom Lucas Moreira Neves assumiu a Arquidiocese do Salvador, Jayme também foi acionado por padre Luna para organizar a festa. No período de Dom Lucas ele participou da organização de vários eventos, como a missa na Praça Municipal, a Peregrinação de Nossa Senhora de Fátima e a missa na Fonte Nova, onde organizou desde as ações mais simples, como providências cadeiras para os sacerdotes, como estacionamento, policiamento e manter médicos e ambulâncias de plantão para atender às emergências. Com o falecimento de Dom Lucas e a doença e posterior falecimento de Padre Luna, e também é

¹⁷ Dom Avelar Brandão Vilela foi nomeado, em 1971, como sendo Arcebispo Metropolitano de Salvador. Em 1972 recebeu o barrete cardinalício das mãos do Papa Paulo VI. Em 1975 recebeu o título de Arcebispo Primaz do Brasil. Em 19 de dezembro de 1986 ele morreu. Dom Avelar foi precedido por Dom Eugênio de Araújo Sales e sucedido por Dom Lucas Moreira Neves tomou posse no dia 2 de setembro de 1987 e morreu em 08 de setembro de 2002.

claro, devido à sua própria idade, ele não teve mais oportunidade de colaborar com a Diocese, mas continuou freqüentando missas e novenas, notadamente a missa das 18h30min da Igreja de Nossa Senhora da Luz, no bairro da Pituba, ou a da Igreja de Nossa Senhora da Assunção, próximas de sua casa.

O envolvimento pessoal de Jayme nos eventos da Arquidiocese contribuiu para que ele conhecesse de perto os princípios de organização adotados pela Igreja Católica e a capacidade de comando que Padre Luna tinha. No período em esteve na Marinha, servindo na Base Naval de Aratu, e ao participar da organização de vários eventos promovidos pela Arquidiocese do Salvador ele pode constatar, na prática, que estas duas instituições adotam técnicas organizacionais e administrativas semelhantes para obter o sucesso de um evento ou manter os objetivos da própria instituição: Planejamento, organização, hierarquia e conhecimento.

Jayme confessa ter aprendido que, no caso da Igreja Católica, o sucesso de sua longa vida tem sido a eficácia na utilização dessas técnicas. O respeito à hierarquia e à autoridade, com sua organização territorial escalar, o conhecimento e a especialização de atividades, além do uso do aconselhamento por meio de assessorias específicas seriam exemplos marcantes da utilização das principais técnicas administrativas pela Igreja Católica. O mesmo, segundo ele, ocorre nas organizações militares, a exemplo da Marinha de Guerra do Brasil. E então relembra que no período em que serviu na Base Naval de Aratu, ele pode constatar que os mais modernos princípios de administração de empresas podem ser encontrados nas organizações militares: planejamento, hierarquia, obrigação do conhecimento através dos cursos de comando, dos cursos de Estado-Maior e do curso da Escola Superior de Guerra, permitindo, assim o acesso aos postos de comando das suas unidades. Além disso, diz Jayme:

os militares procuram manter a comunicação entre toda a organização e, buscando manter a moral elevada da tropa ou da guarnição, informam sempre seus planos e objetivos, desenvolvendo o que se chama de “unidade de doutrina” na organização. Até Napoleão Bonaparte explicava aos seus subordinados o propósito de suas ordens. Estes princípios de administração, ou seja, a hierarquia, a disciplina e a obediência, foram de grande valia para minha vida publica, pois aprendi a respeitar meus superiores, obedecer às suas ordens, e a tratar bem meus subordinados.

XII

VIVENDO DE ACORDO COM AS CIRCUNSTÂNCIAS

“Só a graça de Deus poderá fundir num só
homem os dois que vivem em mim”.

Bismack

Durante sua vida profissional Jayme Ramos de Queiroz aprendeu a ter paciência, prudência, humildade e a agir com lealdade e respeitando a todos para ser respeitado, além de empunhar a bandeira do trabalho com ardor e empreendedorismo para poder liderar e cumprir as missões que lhe foram confiadas. Desta forma, ele não podia imaginar que estas virtudes seriam submetidas a duras provas e que, mais do que antes, ele teria que ter muito jogo de cintura e encontrar abrigo nos ensinamentos do Apóstolo São Paulo que na carta aos Efésios afirmou: “é uma virtude viver de acordo com as circunstâncias”. E assim, mais do que em qualquer outra época, foi durante os quatro anos que antecederam sua aposentadoria no Estado que ele teve que conviver com problemas de ingerência política e desrespeito à hierarquia, mantendo um comportamento ético e sempre disposto a servir.

Após 12 anos à frente da CEASA, quando o Dr. João Durval Carneiro assumiu o governo, no período de 15 de março de 1983 a 15 de março de 1987, Jayme foi designado para o cargo de Diretor-Superintendente da Bahia Pesca, uma empresa vinculada ao DESENBANCO, através de sua controladora a PROPAR – Promoção e Participações da Bahia S/A, criada em 1982 com o objetivo social de criação, captura e comercialização de peixes, crustáceos e moluscos.

A área de atuação da Bahia Pesca é todo o litoral da Bahia com seus 1.898 km, equivalente a 18% da costa brasileira. A costa baiana possui um grande número de estuários, cujas bordas caracterizam-se pela formação de mangues arbóreos, ricos em numerosas espécies utilizáveis na alimentação e, portanto, de relevância sócio-econômica. Dentre as principais regiões estuárias do Estado, destacam-se a Baía de Todos os Santos e a Baía de Camamu. A atividade pesqueira na costa baiana é desenvolvida ainda de forma artesanal e

concentrada entre o Recôncavo e o município de Mucuri. A frota pesqueira é constituída basicamente de canoas, saveiros, lanchas e barcos movidos, em geral, a remo e a vela.

Apesar dos amplos objetivos da Bahia Pesca, quando Jayme Ramos de Queiroz assumiu o cargo de Diretor-Superintendente, ele deu prioridade a carcinocultura, ou seja, a criação de camarão em cativeiro. Para tanto, implantou uma fazenda de camarão, para a produção de pós-larvas e criação comercial, na Fazenda Oruabo, situada no Distrito de Acupe, no município de Santo Amaro. Ele sabia que a criação de camarão em cativeiro, apesar da garantia de mercado e preços compensadores, exige tecnologia sofisticada e a presença de técnicos especializados. Mesmo assim arregaçou as mangas e enfrentou os problemas. Sua decisão foi motivada pelo fato da criação de camarão em cativeiro, na época, além de despertar interesse no setor empresarial e pesqueiro, permitia uma maior diversificação da economia e, ao mesmo tempo, possibilitava a utilização dos recursos naturais que sempre foram abundantes, mas sub aproveitados.

O projeto implantado deu certo e foi um sucesso, despertando as atenções da imprensa, da comunidade baiana e principalmente dos políticos interessados em tirar proveito da situação. A inauguração das instalações da criação de camarão, os viveiros, o laboratório de criação das pós-larvas, as câmaras frigoríficas da Fazenda Oruabo, contou com a presença do Governador João Durval Carneiro.

Atualmente, a Bahia Pesca está vinculada à Secretaria de Agricultura e desenvolve, além da criação de camarão em cativeiro, a piscicultura, fornecendo alevinos de tilápia, carpas e outras espécies para açudes e aguadas no interior do Estado.

Durante sua gestão na Bahia Pesca, Jayme teve que conviver com um problema que o professor João Eurico Mata classifica como sendo “patológico” e que ocorre muitas vezes na administração pública. No caso, o Diretor Técnico da empresa foi substituído por João Henrique Carneiro, o atual prefeito de Salvador, ocasionando uma inversão de autoridade, pois na qualidade de filho do Governador, ele mantinha contato direto com o mesmo. Conseqüentemente, era procurado por Prefeitos, políticos e pessoas interessadas no desenvolvimento da pesca na Bahia, quebrando a hierarquia interna e esvaziando, de certa forma, a voz de comando.

Com a experiência adquirida na Base Naval e na Secretaria da Agricultura, quando conviveu com pressões militares, Jayme mais uma vez soube como proceder diante das circunstâncias. Manteve a serenidade, teve paciência e muita habilidade para contornar os problemas de ordem política. Felizmente tudo correu bem e ele tirou uma lição do episódio e hoje aconselha ao servidor público, que esteja exercendo algum cargo de confiança, “a

suportar com dignidade estes sacrifícios e dificuldades para não comprometer sua carreira”. Ainda sobre o caso, Jayme esclarece que hoje “mantemos bom relacionamento. Recebo do mesmo [João Henrique Carneiro] as melhores das atenções e manifestação de apreço, pois sempre compreendi a sua posição, não tendo nenhum aborrecimento, apesar dos chamados ‘puxa saco’ que procuram aparecer para ser agradáveis ao ‘chefe’, sem observar a hierarquia”.

Vale destacar que na época, devido a outras situações semelhantes, a recomendação da Presidência do DESENBANCO era de que de seus funcionários técnicos deviam “agüentar a situação”, procurando contornar os problemas. Assim Jayme procedeu e concluiu seu mandato enquanto o filho do governador solicitou a própria saída antes da conclusão do tempo normal.

Ao longo de sua carreira Jayme conviveu com vários tipos de situação e, na prática, constatou que: esposa de Almirante, também é Almirante; esposa de Governador, também é Governador; e, que filho de Governador, também é Governador, podendo interferir direta e indiretamente no processo político-administrativo e nos relacionamentos entre o comando superior e os subordinados. Isto porque na política administrativa existe um componente real que não é encontrado nos livros relativos à administração.

Este componente é o que professor Edivaldo Machado Boaventura, que tem larga experiência na administração pública e privada, costuma classificar como sendo “Poder Informal”, que pode ser encontrado tanto no serviço público como nas empresas privadas e que efetivamente interfere no processo administrativo quer queiram ou não os puristas e teóricos. É um poder que deve ser respeitado.

O término do Governo João Durval coincide com a data de aposentadoria de Jayme Ramos de Queiroz do serviço público estadual. A partir daí ele começa uma nova etapa profissional indo atuar na iniciativa privada.

XIII

POR TRÁS DO SUPERMERCADO, UMA GRANDE EMPRESA

“Aos grandes homens não se deve
senão a verdade”

Hermes Lima

Quando foi trabalhar na Rede de Supermercados Paes Mendonça, o diretor Administrativo, José Augusto Andrade Mendonça, fez uma comunicação circular interna nº 007/87, apresentando a todos os gerentes de todos os departamentos o novo assessor técnico: Jayme Ramos de Queiroz, dizendo que além de ex-Secretário da Agricultura e ex-presidente da Ceasa e da Bahia Pesca e professor da UFBA é “técnico dos mais competentes na área de alimentos”. E por isso,

estará vinculado à Gerência Geral de Administração, ao Dr. Raymundo Paiva Dantas, como Assessor Técnico. Dentre as diversas tarefas que lhe reservamos está o aperfeiçoamento das nossas operações com alimentos, desde as fontes de produção até a conservação, manuseio, exposição e venda. Colaborará também na normatização e preparação de pessoal da área, além de promover intercâmbio com os órgãos governamentais de Agricultura e Abastecimento.

As responsabilidades atribuídas a Jayme eram grandes, bem como as expectativas do grupo em relação ao que ele podia render. Como nunca teve medo de trabalho, ele estava pronto para assumir esta nova oportunidade e fazer de tudo para vencer os obstáculos, afinal de contas o número da circular que o apresentava à empresa era 007 e com todas aquelas funções, ele tinha mesmo que ser um Agente Especial a Serviço de “Seu” Mamede.

Jayme Ramos de Queiroz estava com 62 anos quando começou a trabalhar na Rede de Supermercados Paes Mendonça o que não lhe esmorecia nem um pouco, muito pelo contrário, estava disposto a enfrentar novos desafios, pois da mesma forma que a política alimenta os políticos, ele precisa trabalhar e se sentir útil para continuar em sua jornada vitoriosa, imprimindo sua marca pessoal por onde passou. O relacionamento de Jayme com Mamede

Paes Mendonça começou quando Mamede alugou um dos seis galpões da CEASA, que funcionou como ponto de desdobramento, o local onde sua empresa poderia praticar a classificação e embalagem dos produtos hortigranjeiros e lá instalou, posteriormente, um supermercado.

Na época, um auditor do Tribunal de Contas, manifestando um ar de suspeita, queria saber como Mamede entrou na CEASA e Jayme de pronto explicou ter publicado no Diário Oficial uma carta convite, informando que a CEASA estava alugando boxes ou galpões para atender à rede de mercados existente, observando a legislação em vigor. Aconteceu que somente Paes Mendonça se apresentou, embora existissem em Salvador outros grupos de supermercados a exemplo da Unimar, o Grande Armazém na Calçada (Vazquez), o Parabela e outros. Não seria assim que o “burocrata cego” iria cometer uma falha, dando uma “colher de chá” aos auditores. Jayme tinha deixado a Secretaria da Agricultura, mas em nenhum momento deixou de seguir à risca a Lei das Licitações, conhecida como a Lei 200.

Mamede Paes Mendonça sempre elogiou o comportamento cortês e a maneira sempre correta e discreta de agir de Jayme, que nunca o incomodou para solicitar favores pessoais. E exatamente por isso dizia “Dr. Jayme, quando o senhor se aposentar, eu tenho uma cadeira para o senhor na minha empresa”. E assim, após se aposentar do Estado e tendo resolvido a tramitação legal, marcou uma audiência com Mamede Paes Mendonça. O resultado do encontro é relatado por Jayme da seguinte maneira:

Chegando à audiência, marcada através da secretária Enaura, o Sr. Mamede mal me deixou sentar e perguntou: “Tá precisando de emprego”? Respondi que sim e ele confirmou: “Está empregado e ganhando a partir de hoje”. Mandou-me trabalhar com o Dr. Raimundo Dantas, Gerente Geral da empresa, que ficava em Pirajá, juntamente com o Centro Distribuidor e o Cehort, este último recém inaugurado, e que teria as mesmas funções do galpão de desdobramento da CEASA, da qual a empresa se retirara. Até atender a Lei Trabalhista, quanto à documentação necessária e exames médicos, recebi o meu 1º salário através de VALE, conforme falou o Sr. Mamede. Comecei no cargo de Assistente Administrativo 1, em 1º de outubro de 1987, tendo sido depois promovido a gerente e assumido o cargo de gerente geral da FRISUBA. Permaneci na empresa até sua venda, em 1992.

Junto com seu Chefe direto, Raimundo Dantas, Jayme elaborou um programa de trabalho, para que pudesse primeiro conhecer a empresa, suas peculiaridades e departamentos. Conhecer a filosofia de trabalho e a cultura interna. Dessa forma, primeiro ele passou pelo Departamento de Recursos Humanos (Derhum), quando ficou sabendo que a partir da admissão do empregado, ele passava a ser chamado de “colaborador”, e recebe um Manual de

Integração, proporcionando ao mesmo tempo o conhecimento da estrutura da empresa, e os seus direitos e deveres. A empresa mantinha alguns serviços, visando assistir ao empregado nas áreas de Saúde, Família e Finanças. No quadro de pessoal do Derhum existiam Psicólogas, Assistentes Sociais, além de manter um Serviço Médico e Odontológico, com dois gabinetes dentários. No Derhum também era mantido um mercado pedagógico, uma miniatura de uma loja, onde eram treinados os futuros caixas, repositores e empacotadores. Depois de conhecer bem a empresa, juntamente Dantas, Jayme elaborou um manual, para orientar os gerentes e os chefes de seção das lojas, no manejo dos produtos hortigranjeiros, para evitar perdas e proporcionar sua melhor apresentação nas gôndolas.

A empresa possuía ainda uma retaguarda na área de recursos humanos, no Cehort-Central de Hortigranjeiros, aonde trabalhavam deficientes físicos na classificação das verduras e frutas. Jayme sugeriu então que aquele trabalho de assistência social da empresa devia ser tornado público e como sua idéia foi aprovada, elaborou um folheto com o título “Paes Mendonça – Por trás do supermercado, uma super empresa”. Outro folheto por ele produzido e distribuído foi sobre o pessoal da casa, intitulado “Este é o nosso produto mais importante”.

Jayme assumiu também o papel de promover a empresa junto a vários grupos constituídos da sociedade civil e então passou a convidar jornalistas, estudantes universitários, professores, empresários do CIA e outras categorias profissionais, para que visitassem a empresa, fazendo assim a sua divulgação. Os grupos de visitantes eram sempre acompanhados por Jayme, percorrendo todas as instalações, sendo o trabalho dos deficientes físicos na separação das frutas, por tamanho, a maior atração. Durante as visitas, Jayme fazia um breve histórico sobre a empresa, numa palestra que durava em média 45 minutos, na qual relatava que:

No ano de 1959, Salvador via nascer o primeiro supermercado do Norte/Nordeste, logo ali no bairro da Saúde era inaugurada a loja 001, ponto de partida para uma das maiores redes do Brasil. Em 1979, o grupo Paes Mendonça fazia surgir com 42.000 m², o complexo Pirajá, formado pelo Centro Distribuidor, Central de Compras, Divisão de Atacado, Supermercado e o Cehort, Central de Hortigranjeiros, com 13.000 m². Pelo Cehort passavam obrigatoriamente os produtos hortigranjeiros vendidos nos supermercados, originários dos estados de São Paulo, Sergipe, Santa Catarina, Minas Gerais e da Bahia, notadamente das regiões de Jaguaquara, Itiruçu, Vale do São Francisco e Rio Real.

Além destas informações, ainda citava que uma das maiores preocupações do grupo era o de prestar serviços sociais, enviando, em média, 600 kg por dia de produtos

hortigranjeiros para creches e asilos. Completava sua explanação, descrevendo outras instalações da empresa e que tudo estava informatizado, até porque àquela época Paes Mendonça já tinha mais de 20 mil funcionários para os quais a empresa proporcionava treinamento, assistência médica, segurança no trabalho e transporte, fardamento, além de brinde natalino que consistia numa gratificação especial, além do 13º salário. Mantinha ainda para os funcionários uma Cooperativa de Economia e Crédito Mútuo.

Jayme estava feliz com o que fazia, pois por trás de cada caixa de cada loja do supermercado havia “uma verdadeira grande empresa”, e ele estava sendo útil na manutenção e crescimento do grupo Paes Mendonça. Ele trabalhou em Pirajá, com direito a alimentação, pois existia um refeitório que fornecia cerca de 1.000 refeições/dia. Ele utilizava a sala de refeições da diretoria e ainda tinha direito à combustível.

Por ocasião do falecimento do Vice-Presidente, Sr. Manuel Andrade, e do seu irmão Antônio em um acidente de automóvel, ele foi indicado por Raimundo Dantas para ajudar o Diretor Administrativo, Sr. José Augusto. Assim, passou a trabalhar na matriz, junto a “Seu” Mamede. A partir de então teve que voltar a usar paletó e gravata, pois Mamede não aceitava um “doutor” sem gravata, um artigo que, quando estava em Pirajá, Jayme só precisava usar quinzenalmente quando vinha à matriz para falar com o chefe e informar o que estava fazendo.

Na matriz, situada na Praça Conde dos Arcos, Jayme passou a ter uma sala individual, com direito a uma vaga na garagem, mas o melhor, segundo ele, é que passou a almoçar com “Seu” Mamede e seus filhos, além do Gerente Geral Financeiro e Contábil. “Foi ótimo, pois ‘Seu’ Mamede fazia regime e no cardápio sempre tinha peito de frango ou peixe grelhados e a sobremesa era sempre abacaxi, cumprindo recomendação do médico que o operou do coração em Cleveland, Estados Unidos. Realmente, o abacaxi possui um princípio ativo, a bromelina, que atua sobre as gorduras, influenciando no combate a arteriosclerose. Ele usava o abacaxi também na merenda e acredito que, também, no café da manhã”.

Além assessorar o diretor José Augusto, também representava “Seu” Mamede nos eventos de Governo e na Academia de Letras da Bahia, quando do lançamento de livros, com autorização para adquirir o livro lançado. Quando do lançamento do livro sobre Anísio Teixeira, de autoria do professor Josaphat Marinho, de quem “Seu” Mamede era admirador, Jayme foi autorizado a adquirir dez exemplares, que foram distribuídos com os amigos. Também passou a representar a empresa nas reuniões dos condomínios onde existia loja e foi designado como preposto da empresa nas audiências no Fórum Ruy Barbosa.

Quando tudo estava acomodado e correndo bem, surgiu uma nova missão para Jayme: ser o Gerente Geral da FRISUBA, em substituição ao anterior, afastado por motivo de doença. A indicação de Jayme, para Gerente Geral da FRISUBA, foi de Raimundo Dantas, pois quando estava em Pirajá, Jayme tinha elaborado um Manual de Açougue, contendo informações sobre as características da carne bovina, suína e de aves, sua classificação, definição de cortes, conservação, exposição, enfim tudo o que era necessário para o desempenho desta atividade. Na oportunidade ele chegou a reunir os gerentes das lojas e os chefes das seções de carnes, para expor o manual numa linguagem clara e objetiva, visando o aperfeiçoamento dos colaboradores da empresa. Além do Manual de Açougue, Jayme elaborou um outro contendo informações específicas para os empregados que manuseavam, no dia a dia, os produtos resfriados ou congelados. Como havia demonstrado conhecimentos nesta área, o cargo tinha que ser de Jayme, que acabou sendo nomeado Gerente Geral da FRISUBA.

A FRISUBA era um frigorífico situado em Jequié e havia sido adquirido recentemente pela empresa Paes Mendonça. A FRISUBA foi construída pelo Governo do Estado, para ser administrada pelos pecuaristas, como forma de incentivar a pecuária e evitar o abate clandestino. Quando chegou em Jequié, Jayme encontrou um frigorífico muito bem estruturado tendo à frente o Gerente Administrativo, Sr. Ubirajara Fróes, nascido naquele município e profundo conhecedor de toda a operação de um frigorífico, o que lhe permitia passar apenas de dez a doze dias por mês na cidade de Jequié. Eram abatidos em torno de 5.000 bois mensalmente, sendo as peças de carne transportadas para Salvador, em caminhões frigoríficos. A fiscalização era feita pela Defesa Sanitária Federal, tendo um Médico Veterinário permanente no frigorífico.

Na ocasião, o ex-Governador Lomanto Júnior tinha sido eleito para Prefeitura de Jequié, retornando ao cargo com o qual começou sua carreira política, tendo sido eleito com significativa maioria dos votos. Devido ao trabalho realizado por Jayme na Reforma Administrativa do Estado durante o seu Governo, Lomanto o convidou para ser seu Secretário de Planejamento. Jayme agradeceu a lembrança de seu nome, pediu desculpas, mas não pode aceitar o convite, tendo alegado problemas de ordem familiar. Na realidade, ele confessou: “eu não me senti em condições de exercer o cargo e devido também ao famoso calor de Jequié”.

Ainda na matriz de Paes Mendonça, quando o jornalista Geraldo Lemos pediu afastamento para atuar em outra empresa, Jayme acabou assumindo também a função de manter contato com os diversos órgãos da imprensa, recebendo os jornalistas, prestando as

informações necessárias, além de manter “Seu” Mamede atualizado com as notícias e comunicando os nomes dos aniversariantes do dia, pois “ele passava telegramas de felicitações para os seus conhecidos, solicitando sempre colocar na mensagem, recomendações à senhora, por quem ele tinha uma especial atenção”.

A preocupação de “Seu” Mamede para com as esposas, inclusive as de seus funcionários era muito grande. Jayme conta que quando era designado para algum evento da empresa, no Rio de Janeiro ou São Paulo, ele lhe perguntava o tempo que ia demorar. Se passasse de quatro dias, ou seja, uma semana, “tinha que levar a senhora”, recomendando à secretária reservar um bom hotel.

Sobre o período em que trabalhou em Paes Mendonça, Jayme diz ter sido muito gratificante, pois sempre foi muito bem tratado. Só foi dispensado quando a empresa foi vendida e “Seu” Mamede se mudou para o Rio de Janeiro, tendo antes acertado as contas, cumprindo com todos os direitos trabalhistas que lhe cabiam receber.

XIV

RETORNANDO AO SERVIÇO PÚBLICO

“Dir-se-ia que o meu coração e o meu espírito não pertencem ao mesmo indivíduo”.

Rousseau

Durante o primeiro Governo de Paulo Souto (1995-1999), mais precisamente no ano de 1996, algumas mudanças foram realizadas na diretoria da EBAL – Empresa Baiana de Alimentos S. A., quando Raimundo Dantas assumiu o cargo de Diretor Presidente e tinha tudo para brilhar, principalmente pelo conhecimento e experiência adquirida na rede Paes Mendonça. Cumprindo uma formalidade, Jayme foi cumprimentar o amigo por sua nomeação, sendo então surpreendido pelo convite imediato para trabalhar na empresa como Assessor Chefe, cuidando principalmente da área política. Devido à insistência Jayme acabou aceitando, pois “não podia negar nada a um amigo que muito me ajudou em Paes Mendonça”. E assim, aos 71 anos de idade, ele voltou a trabalhar na chamada “Cesta do Povo”, que começou quando ainda administrava a CEASA, durante o Governo de ACM, tendo sido efetivamente o responsável pela implantação do Programa, naturalmente que de acordo com o desejo do então Governador.

A EBAL começou a funcionar em 1980, no Vale do Ogunjá, onde foi montada a principal loja da Cesta do Povo, que seguia o modelo de um supermercado, contendo gôndolas, câmara frigorífica e caixas registradoras. Ao lado desta loja existe o mercado de hortigranjeiros, administrado pela CEASA, além da sede central da EBAL, também construída durante sua gestão na CEASA. Na hora de nomear a diretoria da nova empresa, o Governador Antonio Carlos Magalhães, em seu segundo Governo, teve a atenção e consideração de perguntar: “Jayme, você quer ir para a EBAL, ou prefere ficar na CEASA?” Jayme agradeceu o direito de escolha e preferiu permanecer na CEASA onde já estava entrosado e contando com uma boa equipe, além de conhecer a produção e a comercialização dos hortifrutigranjeiros, pois tinha trabalhado neste setor, tanto na Fazenda da Marinha quanto na Fazenda Pirajá da empresa Fratelli Vita.

O convite de Raimundo Dantas era para Jayme ficar com a responsabilidade dos aspectos políticos e cuidar da área política da EBAL. Realmente, Dantas sabia da forte conotação política que a empresa tinha, principalmente quando começou a se expandir pelo interior do Estado. Para a abertura de uma loja num município havia o envolvimento direto da Prefeitura em sua implantação e funcionamento. Isto porque cabia ao Prefeito indicar e ceder o local, fazer as adaptações necessárias, de acordo com as orientações técnicas, além de assumir, muitas vezes, as despesas de aluguel, água e luz. Assim sendo, os Prefeitos acreditavam que podiam e queriam fazer as indicações dos gerentes e dos demais empregados. Assim, a indicação de quem seria nomeado para ocupar cargos em cada uma das lojas, no interior, passava pela indicação dos Prefeitos, consultado o Governador e seu partido político. Como Jayme compreendia perfeitamente o funcionamento do sistema político em voga, com o conhecimento e autorização da diretoria da empresa, usando mais uma vez de muito jogo de cintura, procurou atender a todos, sem criar casos, pois ele estava ali para resolver problemas. Durante todo o período em que trabalhou na EBAL, Jayme não teve qualquer aborrecimento, mantendo uma boa convivência com os colegas, muitos deles provenientes da CEASA, e nem por doença ele faltou um só dia, mesmo já sendo considerado como um idoso.

No segundo governo do Dr. Paulo Souto (2003-2007), quando foi criada a Ouvidoria do Estado, Jayme passou a atuar também como Ouvidor da EBAL, “pois achavam que ao atender funcionários, políticos e o público em geral, eu já estava acostumado a ‘ouvir’. Realmente, para ouvir queixas, reclamações e até ‘fofocas’, é preciso habilidade, mas principalmente ter paciência”.

No programa estabelecido pela Ouvidoria Geral, sob o comando do professor Edílson Freire, os ouvidores chamados da “casa”, sempre faziam palestras sobre as atividades do órgão a que pertenciam. Foi assim que em janeiro de 2006, no auditório da Ouvidoria Geral, com a presença dos ouvidores de todo o Estado, Jayme proferiu uma palestra sobre a EBAL, destacando o papel da Cesta do Povo, que naquela ocasião possuía um total de 424 lojas, sendo 45 delas na capital e 379 no interior.

E por falar em EBAL e na Cesta do Povo, Jayme Ramos de Queiroz, ainda na CEASA, viveu uma experiência interessante quando da inauguração da loja próxima ao Largo do Papagaio, em Itapagipe, que contou com a presença do Presidente da República, João Batista Figueiredo, e do Governador ACM. Como o presidente estaria presente à inauguração, Jayme teve que ir à 6ª Região Militar para prestar informações sobre o local, o

horário, o número aproximado de convidados, enfim, todos os detalhes necessários para garantir a segurança de Figueiredo. Na ocasião,

“fui informado que às 14 horas o local seria vistoriado pela Polícia Federal e pelo Esquadrão de Bombas. No horário marcado estava na loja a ser inaugurada, esperando o Esquadrão de Bombas, quando de repente chegaram duas jovens, vestidas de “hippie”, que se apresentaram como policiais para fazer a vistoria. Fiquei surpreso, mas elas se identificaram e tiraram os equipamentos da sacola e começaram a fazer a vistoria para localizar alguma bomba. Completado o trabalho, disseram que a partir daquele momento eu era o responsável pela segurança do local. Acredito que esta foi uma das maiores responsabilidades que tive na minha vida pública. Felizmente tudo correu bem, agradecendo sempre a Deus e, neste caso, ao Senhor do Bonfim”.

Nas comemorações dos 20 anos de funcionamento da EBAL, com a presença do Governador César Borges (1999-2002), o Senador ACM, ao proferir o discurso de encerramento, disse que “comemorando estes 20 anos nós estamos incentivando o trabalho da Cesta do Povo, que sempre contou com pessoas dedicadas. E eu simbolizo todos na pessoa de Jayme Queiroz”. O reconhecimento público do seu trabalho o levou a agradecer pessoalmente as palavras do Senador, cujo discurso foi publicado na íntegra pelo *Correio da Bahia*, na edição de 31 de maio de 1999.

Tendo recebido esta e outras manifestações de gratidão, Jayme diz não poder deixar de falar da CEASA, que sempre apoiou os programas dos Governos, com as Feiras Móveis, as operações farinha e peixe, e por último com a Cesta do Povo e, ainda, a COBAL, que cumprir o programa de Abastecimento do Governo Federal referente a Mercados do Produtor – Centrais de Abastecimento em nível de atacado e Horto Mercados em nível de varejo.

Segundo Jayme, a COBAL construiu, no município de Jaguaquara, o primeiro Mercado do Produtor do Estado. A inauguração que ocorreu durante o Governo Roberto Santos (1975-1979) contou a presença do Ministro da Agricultura, Alisson Paulinelli, do Presidente da COBAL, Mario Vilela, e do Secretário da Agricultura, José Guilherme da Mota. Durante a inauguração, devido aos problemas políticos locais, Jayme foi solicitado, já àquela época, quando ainda presidia a CEASA, para atuar como mestre de cerimônia. Com muita habilidade ele evitou os discursos políticos além de ter cronometrado a cerimônia que foi realizada em um tempo não muito longo, justificando o fato ao horário de retorno do Ministro, devido às condições de decolagem no campo de pouso local.

Sobre o Mercado do Produtor de Jaguaquara, Jayme relata que devido ao grande movimento, ele foi ampliado na gestão do Secretário da Agricultura Renato Pinho Pereira, no

segundo período de Governo de ACM (1979-1983), que o substituiu na Secretaria da Agricultura, pois quando Renan Baleeiro foi nomeado Prefeito de Salvador, ele estava mais uma vez respondendo pelo expediente há dois meses. Além da ampliação do Mercado do Produtor de Jaguaquara, na condição de Presidente da Ceasa Jayme conseguiu com o Secretário Renato Pinho recursos para construir um Mercado do Produto no município de Utinga, região produtora de hortigranjeiros. Foi também durante o governo de ACM, a pedido do Ministro da Agricultura Alisson Paulinelli, que foi instalado na antiga estação rodoviária, situada nas 7 Portas, o 1º horto mercado de Salvador. A inauguração contou com as presenças do Ministro, do Governador ACM e do então Prefeito Clérison Andrade.

Quando estava trabalhando na EBAL, como Assessor Chefe, Jayme era sempre requisitado para bancar o “mestre de cerimônia”, tanto nas missas como em qualquer tipo de evento. Para se sair bem ele procurou aprender todos os aspectos do cerimonial. E assim, devido à amizade e o bom relacionamento que tinha com o Hélio Brito, Chefe do Cerimonial do Governador, ele solicitou orientações neste sentido. Recebeu, então, verdadeiras aulas sobre como conduzir eventos de acordo com o protocolo oficial, pois as autoridades não admitem falhas quanto à sua posição na mesa e a colocação correta dos seus respectivos nomes e títulos. Arrumar uma mesa para solenidade oficial pode parecer fácil para os leigos, mas esta tarefa que hoje passa pelos profissionais de Relações Públicas, exige muita precisão e atenção para evitar melindres, pois a vaidade política ainda predomina nestas situações. Mais uma vez Jayme se preparou para realizar bem as tarefas que lhe foram atribuídas, demonstrando que para aprender, independe de idade, basta que o homem tenha boa vontade. Jayme Ramos de Queiroz permaneceu na EBAL, como Chefe de Gabinete e Ouvidor, até 2007, quando foi dispensado aos 82 anos de idade, tendo em vista a mudança de governo.

XV

A PRODUÇÃO INTELECTUAL DE JAYME

“Assim como não há retrato que nos possa oferecer a verdade em toda a extensão da palavra, também não há história que esteja nesse caso; mas sempre serão os melhores retratos e as melhores narrativas que produzam da melhor maneira o efeito do conjunto”.

Thomas Babington Macaulay

De acordo com a tradição universitária, a produção intelectual de um homem envolve sua produção acadêmica, artística, científica e cultural, além do produto final, fruto de seu trabalho profissional. Assim aqui está o outro lado de Jayme Ramos de Queiroz, o lado intelectual, do homem que ao longo da vida tem o que apresentar, como resultado palpável, fruto de seu trabalho profissional, uma série de realizações, além de se constituir como um modelo de dedicação ao trabalho, um exemplo a ser seguido.

Durante sua vida profissional como dirigente de órgãos do Governo, como Secretário da Agricultura, Diretor Presidente da CEASA, Diretor Superintendente da Bahia Pesca, Coordenador da Reforma Administrativa, Assessor Chefe da EBAL, Gerente de Paes Mendonça e da FRISUBA, ou como Professor, Jayme Ramos de Queiroz tinha, por força das circunstâncias, de fazer discursos, escrever artigos e trabalhos técnicos, dar entrevistas, preparar módulos, manuais, cartilhas e folhetos, além de proferir palestras. O conteúdo de todos estas formas de transmitir conhecimento se caracteriza como sendo sua produção intelectual.

Deste modo, Jayme Ramos de Queiroz realizou muitas palestras e também escreveu trabalhos, dentre os quais, um que foi produzido em 1979, se destaca: “O Sistema de Abastecimento de Salvador”, que tinha como objetivo informar sobre os diversos programas do Governo relativos ao Setor do Abastecimento, apresentando sugestões decorrentes da sua vivência no setor. Este trabalho foi distribuído entre todos os Diretores das CEASAS pertencentes ao Sistema Nacional de Centrais de Abastecimento, citando os diversos equipamentos varejistas, de distribuição de alimentos da Cidade do Salvador. O trabalho se

constitui numa análise do problema do abastecimento de uma comunidade com gêneros alimentícios, evidenciando o complexo caminho a ser percorrido entre a produção e o consumo, pois o processo tem que satisfazer o gosto e o desejo do consumidor no tempo certo, no local exato e na forma desejada e a preços justos. O abastecimento de alimentos, classificados como produtos perecíveis, depende de vários fatores, tais como as condições climáticas, de transporte adequado, da chamada “cadeia de frio” e das coordenadas de vários órgãos governamentais, em todos os três níveis, federal estadual e municipal.

Outro trabalho de Jayme que merece destaque foi o que ele escreveu com o título de “Notas e sugestões sobre a Agricultura e Abastecimento”, no ano de 1982. O trabalho foi produzido por solicitação do então Governador Antonio Carlos Magalhães, que desejava sugerir o nome dele ao futuro Governador João Durval, para ocupar mais uma vez a Secretaria da Agricultura. João Durval concordou com a sugestão, ressaltando, porém, que dependia de acordo político, o que realmente aconteceu, tendo sido escolhido para Secretário o Dr. Fernando Cincurá, tendo Jayme sido nomeado Diretor Presidente da Bahia Pesca.

Mas, a mais forte contribuição intelectual de Jayme está concentrada nas inúmeras palestras que realizou ao longo de sua vida pública. Ele realizou palestras em várias cidades, na UFBA, para mestrandos e doutorandos, na Associação Comercial da Bahia, sempre explicando o funcionamento e os objetivos dos órgãos e empresas que dirigiu. A maioria de suas palestras foi transformada em pequenas publicações sempre distribuídas entre os presentes. Certa feita, atendendo a um convite da Escola de Agronomia, em Cruz das Almas, após falar sobre a comercialização de citrus, cultura predominante naquela região, além da cultura do fumo, distribuiu ao final o texto impresso da palestra que acabou se transformando em obra de referência, sendo citado por outros trabalhos.

Nos seminários internos e externos da EBAL ele sempre participou como palestrante. Estes seminários eram muito concorridos, pois participavam técnicos de contabilidade pública e auditores especializados convidados pelos organizadores. Como palestrante, escolhia assuntos sobre Agricultura, Abastecimento, Cooperativismo, Crédito Rural, Comercialização Agrícola e, ainda, sobre a Conservação de Alimentos e assim acabou deixando um farto material que está por merecer uma análise mais profunda para identificar sua contribuição intelectual para o desenvolvimento do setor de agronegócios da Bahia.

Em suas palestras Jayme sempre procurou realçar o papel da agricultura, pois como ele mesmo diz:

no nosso país a agricultura é relegada ao segundo plano, merecendo uma citação do empresário brasileiro Antonio Ermírio de Moraes: ‘Se o Brasil

levasse a sério a agricultura, poderia sair dessa posição em que se encontra'. Tanto na Inglaterra, como nos Estados Unidos, além de França, Holanda, Israel e outros países, a agricultura é altamente desenvolvida. A França, conhecida pela moda e por seus perfumes, tem seu rebanho leiteiro todo registrado e formado pelas raças Holandesa e Normanda, específicas para a produção de leite, permitindo a fabricação dos famosos queijos franceses, além da viticultura, que também dá origem à produção de seus conhecidos vinhos. A primeira política aplicada na agricultura, pelos países chamados desenvolvidos, foi modificar a estrutura agrária levando ao agricultor os conhecimentos técnicos, visando elevar seu nível cultural, ou seja, aplicação da ciência à agricultura. É exatamente isso que precisamos fazer no Brasil, pois apesar de ainda enfrentarmos dificuldades pela falta de conhecimento técnico e devido ao alto índice de analfabetismo nas zonas rurais, a contribuição da agricultura brasileira para a expansão total da economia tem sido substancial, destacando-se a cultura da soja, a avicultura, a bovinocultura e a fruticultura”¹⁸.

Outro tema também muito abordado por Jayme em suas palestras era a Doutrina Cooperativista, que surgiu no Século XIX como uma das reações contra os desequilíbrios resultantes do liberalismo econômico. Em palestras feitas sobre o cooperativismo, Jayme citava os seus princípios e a sua classificação, já que a cooperativa tem um papel importante na agricultura, principalmente no momento da comercialização dos produtos agrícolas. Outro instrumento importante para o desenvolvimento da agricultura que Jayme destacava é o Crédito Rural, “cujo objetivo é a melhoria dos níveis de produtividade e rentabilidade da empresa rural, subordinado a um projeto tecnicamente elaborado. O Crédito Orientado ou Educativo é um instrumento de tecnificação da agricultura. Tanto o incentivo ao Cooperativismo, como o Crédito Rural Educativo são políticas importantes e necessárias para o desenvolvimento da agricultura”.

Outro assunto sobre o qual proferiu inúmeras palestras foi a Comercialização Agrícola, pois “a comercialização representa uma das etapas importantes no abastecimento alimentar, ao lado das funções Produção e Consumo. Em relação à produção é necessário observar as características dos produtos agrícolas, destacando-se o caráter perecível, a cor, o sabor, o tamanho e o volume, considerando, ainda, que a agricultura depende dos fatores climáticos e a época das safras, ou seja, a sazonalidade da produção”.

¹⁸ No anuário *Agro-Negócio*, publicado pela Revista *Exame*, referente ao ano 2006-2007, o Brasil figura como o maior exportador mundial dos seguintes produtos: suco de laranja, carne de frango, açúcar, café, fumo e etanol, aparecendo em segundo lugar na exportação de soja e seus derivados. A pesquisa agro-pecuária foi fundamental para aumentar a produtividade da agricultura no Brasil, destacando-se a tropicalização da soja, planta de clima temperado que não se dava bem no país, porém, graças ao programa de melhoramento genético da soja nos trópicos, hoje o Brasil é o segundo maior produtor mundial, sendo o primeiro os Estados Unidos, cabendo ao Brasil, todavia, a liderança na exportação de grãos.

Do lado do consumo, Jayme destaca que os produtos oferecidos devem satisfazer ao gosto e desejo do consumidor, no tempo certo, no local exato, na forma desejada e a preço justo. E ainda hoje diz que na qualidade de consumidor, toda semana ele vai ao hipermercado, esperando encontrar os produtos na forma que deseja e por um preço acessível. Aliás, desde estudante, quando administrava a “república”, em Cruz das Almas, ele ia fazer compras na feira. Hoje, na condição de aposentado, além de ocupar seu tempo e, ainda, atendendo a conselho do seu cardiologista, Dr. Maurício Nunes, ele vai “empurrar carrinho de supermercado porque é bom para o coração”.

O problema com os produtos hortifrutigranjeiros, ressalta Jayme, é que são perecíveis e exigem um bom manuseio, desde a colheita até o consumidor final, sendo necessário embalagens apropriadas, o transporte em caminhões com o problema de carga e descarga, além do estado precário das nossas estradas. Quando ele trabalhou em Paes Mendonça, teve oportunidade de orientar os gerentes e chefes de seção no manuseio correto dos produtos hortifrutigranjeiros, tendo produzido então vários manuais específicos, sobre o manuseio de hortifrutigranjeiros, sobre manuseio de alimentos congelados entre outros,

“pois os produtos alimentícios sofrem deterioração em qualidade e em quantidade, desde a colheita, os abates e a pesca, exigindo a utilização das técnicas de conservação de alimentos. Nos trabalhos citei a utilização do frio industrial e os métodos utilizados, considerando os diversos produtos, carnes, ovos, peixes, frutas, e verduras. Também observei que as leis e regulamentos exigem que o pessoal que manuseia produtos comestíveis, desde o recebimento até a embalagem, deve usar uniformes apropriados e limpos, inclusive gorros. Também é proibido fumar em qualquer dependência do estabelecimento. É parte da legislação, ainda, a limpeza e desinfecção diária dos instrumentos de trabalho”.

A produção intelectual de Jayme Ramos de Queiroz passou também pela mídia impressa onde além de entrevistas constantes publicava também artigos sobre os mais variados temas relacionados com a agricultura.

Em relação às inúmeras palestras que proferiu, ele destaca uma que nada teve a ver com seu campo profissional, mas que o gratificou muito. Em Março de 2002 ele foi convidado pela Assessoria de Comunicação da EBAL, para falar sobre as “Conquistas da Mulher”, no Dia Internacional da Mulher (8 de Março). Pela primeira vez ele não escolheu sobre o que falar e assim teve que enfrentar mais um desafio. Perguntando-se a si próprio sobre o que poderia falar da mulher, chegou à conclusão de que devia exaltar as suas virtudes, principalmente porque ele sempre recebeu muito carinho e atenção de sua mãe Alzira, da avó Rosalina, que o abençoava todos os dias quando saía para trabalhar, da irmã Rosalina e da sua

querida esposa Maria, seu braço direito, da filha Silvinha e da minha nora Rita. No entanto, ponderou que para as suas colegas de empresa e demais convidadas, podia parecer que ele estivesse apenas elogiando sua família, o que também não seria nenhuma novidade. Assim, teve a idéia de reler uma crônica sobre a mulher, escrita pela professora Yvete Amaral, esposa de Carlos Amaral, seu companheiro no Rotary. A crônica de Yvete estava incluída na pág. 8 do livro “Lembranças e Utopias”, intitulada “Liberte-se Mulher”. Então Jayme fez um resumo e distribuiu com as mulheres presentes, que apreciaram a delicadeza o que o deixou muito “feliz e realizado, graças à inteligência de Yvete Amaral, cujos livros sempre adquiro, além de recortar seus artigos publicados no jornal *A Tarde*. Homenageando Yvete Amaral, estou homenageando todas as mulheres”. Ele encerrou sua palestra dizendo:

“Para não dizer que não falei de flores, pois a mulher é uma flor, e não poderia deixar de ser a Rosa, pela sua beleza e que é muito bem homenageada na canção composta por Pixinguinha e Otávio Souza, cantada pelo saudoso Orlando Silva:

*‘Tu és divina e graciosa
Estátua majestosa do amor
Por Deus esculpida
E formada com ardor
Da alma da mais linda flor
De mais ativo odor
Que na vida é preferida pelo beija-flor’”.*

E assim, Jayme venceu um novo e diferente desafio e se sentiu muito bem gratificado porque foi muito aplaudido.

XVI

EXERCEU A CIDADANIA CONSCIENTEMENTE

“De um herói, um santo, um artista, o que interessa, interessará sempre, é ele mesmo, sua personalidade, sua vida de exemplar humano, que comparamos à de nós outros, que não somos assim... Só essa humildade nos importa”.

Afrânio Peixoto

Apesar dos professores do Instituto Baiano de Ensino não terem feito boas referências à sua pessoa, em comparação a seus irmãos, melhores alunos do Instituto, Jayme Ramos de Queiroz se considera um homem realizado na vida, pois atingiu na vida pública o mais alto cargo para um simples funcionário de carreira, o de Secretário de Estado no Governo do Dr. Luiz Viana Filho e no Governo do Dr. Antonio Carlos Magalhães, além de ter sido Presidente de uma grande empresa de sociedade de economia mista, a CEASA, Diretor Superintendente da Bahia Pesca, e professor da Universidade Federal da Bahia.

Jayme acredita que em sua vida não tem nada de extraordinário que mereça destaque especial, ainda mais um livro sobre ela, mas pelo menos nisso ele está errado, pois sua vida é como se fosse uma fonte luminosa, de onde brotam ensinamentos que servem para qualquer pessoa, pois sua vida é um exemplo a ser seguido.

Ao longo de 84 anos de vida, ele atravessou épocas diferentes e vivenciou inúmeros fatos marcantes, tais como a Segunda Grande Guerra, a Ditadura Vargas, o Golpe de 1964, a volta à Democracia, o tempo do romantismo, e hoje, como está experimentando uma nova era, a Era da Comunicação (com telefone celular, televisão, Internet, avião a jato), ele concorda que realmente tem o que contar, pois viveu uma época de transformações intensas. Acrescente-se a isto o fato de que quando diplomado como Engenheiro Agrônomo passou a trabalhar no serviço público e que em sua carreira trabalhou com 12 governadores. Cada um deles com um estilo político-administrativo e temperamentos diferentes, de Otavio

Mangabeira a Paulo Souto¹⁹. Quem conviveu com alguns desses governadores e trabalhou no período do Regime Militar implantado em 1964, pode avaliar quão rica é a vida e a experiência profissional de Jayme, que tem se saído sempre vitorioso ao longo de sua vida.

Sobre estes governadores Jayme guarda algumas lembranças. O Governo de Otavio Mangabeira, no qual começou sua carreira pública, foi marcado por grandes realizações, como a construção do Fórum Ruy Barbosa entre outras, mas principalmente, pelas audiências públicas que concedia, no Palácio Rio Branco, quando recebia a população, o cidadão comum. De Régis Pacheco, Jayme lembra que ele era uma pessoa conhecida por não cumprir o protocolo. O contato pessoal que teve com ele ocorreu durante um almoço, na Base Naval de Aratu, pois o Almirante havia recomendado que tivesse atenção com o whisky a ser servido ao Governador Régis Pacheco, não devendo ter água, apenas duas pedras de gelo. “Recomendei aos “tarefeiros”, nome que se usa na Marinha para os copeiros e cozinheiros, sobre o whisky do Governador. Mesmo assim, quando perguntei se estava tudo bem, ele respondeu que sim, mas que ‘o whisky tinha muita água’”. Régis Pacheco beneficiou os funcionários públicos, tendo, entre outras medidas, criado uma gratificação especial para os funcionários de nível universitário.

O Governador Antonio Balbino era muito culto e competente, mas pouco comunicativo. Não foi um bom governador para o funcionalismo. Ele não valorizava os funcionários porque acreditava que o funcionalismo público não elegia o Governador. E dizia abertamente que na Bahia “ele elegia até um cabo de vassoura e foi, pensando assim, que lançou como seu candidato o Engenheiro José Pedreira de Freitas, que não era político e que por isso perdeu em eleição memorável para o General Juracy Magalhães”.

Já o Governador Juracy Magalhães²⁰ era conhecido por observar rigorosamente o horário e por ter uma visão de futuro. Ele nomeou o professor Lafaiete Coutinho como Secretário da Agricultura, que trabalhava no sistema de “portas abertas”. Foi no Governo de Juracy que o Estado assinou um convênio com a UFBA, visando o treinamento dos

¹⁹ A relação dos governadores com os quais Jayme Ramos de Queiroz trabalhou e seus respectivos períodos de governo: Otávio Mangabeira (1947-1951), Régis Pacheco (1951-1955), Antonio Balbino (1955-1959), Juracy Magalhães (1959-1963), Lomanto Junior (1963-1967), Luiz Viana Filho (1967-1971), Antonio Carlos Magalhães (1971-1975, 1979-1983, e 1991-1994), Roberto Santos (1975-1979), João Durval (1983-1987) quando se aposentou em 1987, Ruy Trindade (02/04/1994 a 02/05/1994), Antonio Imbassahy (1994-1995), Paulo Souto (1995-1999 e 2003-2007), César Borges (1999-2002) e Otto Alencar (2002-2003).

²⁰ O general Juracy Montenegro Magalhães foi interventor no governo da Bahia na Revolução de 30. Em 1945, após a ditadura do Estado Novo, foi eleito deputado federal pela UDN. Em 1950, perdeu a eleição para o governo baiano e voltou à vida militar. Em 1959 foi eleito Governador da Bahia. Durante o governo de Castelo Branco, Juracy foi Ministro da Justiça e Embaixador nos Estados Unidos. Foi também Senador pela Bahia e presidente da Petrobrás e da Companhia Vale do Rio Doce, tendo morrido aos 95 anos de idade no dia 15 de maio de 2001.

funcionários públicos de nível universitário. O Governo de Lomanto Junior foi um Governo também de grandes realizações, com construção de várias estradas e pela implantação da Reforma Administrativa, considerada por ele como de caráter prioritário. O fato de ter participado do curso de Pós-Graduação, durante o Governo de Juracy, e o de ter integrado o grupo da Reforma Administrativa do Governo Lomanto foram decisivos para o sucesso da carreira de Jayme Ramos de Queiroz.

Lomando Junior foi substituído por Luiz Viana Filho, em plena Revolução de 1964, quando o Governo foi submetido a inúmeras pressões, por parte dos militares, e o governador teve que substituir secretários, inclusive o da Agricultura, possibilitando a partir daí que Jayme se transformasse de substituto em Secretario Efetivo. Sobre o Governador, Jayme diz: “Dr. Luiz primava pela sua educação e pela maneira de receber as pessoas, dizendo para mim: ‘eu recebo todos que me procuram, conversando mais com as pessoas mais agradáveis e conversando menos com as pessoas cujos assuntos não são importantes. Mesmo assim, não deixo de receber’. Aprendi muito com a sua maneira cordial e elegante, sempre me chamando de ‘Dr. Jayme’ e recomendando levar a esposa quando a viagem fosse demorada. Uma vez redigiu a minuta de um ofício, cujas palavras eram: ‘permita-me merecer a gentileza de sua atenção’, expressão que passei a fazer uso até hoje”. Luiz Viana era membro da Academia Brasileira de Letras e entre obras que deixou destacam-se a Biblioteca Central, nos Barris, a ampliação da Fonte Nova, a implantação do Centro Industrial de Aratu e a transferência da então Imprensa Oficial, hoje EGBA – Empresa Gráfica da Bahia, da Praça Municipal para a Fazenda Grande do Retiro.

Já Antonio Carlos Magalhães, que sucedeu a Luiz Viana, tinha um estilo de governar diferente. “Ele mesmo dizia que cada Governador tem um estilo. Já conhecendo o seu estilo, pois fomos contemporâneos no Ginásio da Bahia e freqüentávamos o Campo da Pólvora, me dei bem com o Governador ACM, que sempre foi muito atencioso comigo e com minha família”. Jayme lembra que retornando de uma viagem, tarde da noite, ACM foi direto do aeroporto para a CEASA onde percorreu e olhou tudo sem falar com ninguém. Informado de que o Governador tinha dado uma incerta, ele procurou saber se havia algum problema e ACM disse-lhe que não, mas era importante que os funcionários soubessem que ele estava de olho e assim estariam sempre atentos ao trabalho, mesmo que de madrugada, sem fazer corpo mole. Entre obras de destaque de ACM, que foi Governador por três vezes, estão, para citar apenas algumas relacionadas com o setor da Agricultura, a implantação da CEASA, a abertura de estradas, a abertura de novas fronteiras agrícolas no Estado, na região Oeste, tornando a Bahia um dos maiores produtores de soja do Brasil entre várias outras de significativa

importância para o desenvolvimento do Estado como a implantação do Pólo Petroquímico e a implantação do Centro Administrativo da Bahia, na Av. Luiz Viana Filho (a Paralela) o que estimulou o crescimento da cidade em direção ao norte. Com relação ao funcionalismo, pode-se dizer que ele foi responsável pela regularização dos pagamentos do funcionalismo, implantando um sistema de datas fixas, mantidas por todos os demais Governadores.

ACM foi substituído pelo Governador Roberto Santos. Segundo Jayme “Dr. Roberto, sempre que tinha oportunidade de encontrá-lo, procurava, com toda atenção, saber do andamento dos serviços. Ele costumava visitar as Secretarias, reunindo todos os diretores e presidentes das autarquias, para uma avaliação dos programas e seu andamento, para tomar as necessárias providências”. Mais uma vez ACM assumiu o Governo sucedendo a Roberto Santos e Jayme foi mantido na CEASA, além de ser a pessoa que respondia pelo Expediente da Secretaria nos impedimentos do titular. Quem sucedeu a Antonio Carlos foi o Governador João Durval Carneiro que nomeou Jayme como Diretor Superintendente da Bahia Pesca. Jayme lembra que João Durval, como Governador, era uma pessoa muito atenciosa e afável, tendo sido um bom governante para o funcionalismo público. Foi no final de seu Governo de Durval Carneiro que Jayme se aposentou do serviço público em 1987. Voltando a trabalhar no Governo do Estado sob o comando de Paulo Souto, em 1996, por meio da EBAL, tendo trabalhado, neste período, com mais dois governadores, César Borges e Otto Alencar, e novamente com Paulo Souto, quando definitivamente assumiu, a partir de janeiro de 2007 sua aposentadoria.

A trajetória de Jayme no serviço público foi pontilhada por ocorrências de fatos pitorescos que merecem registro porque exigiram dele muita habilidade para resolver os problemas que iam surgindo. Logo após sua inauguração, o Secretário da Agricultura Raimundo Fonseca, transferiu para a CEASA a responsabilidade pela administração do Programa das Feiras Móveis, transferindo as barracas, dois caminhões e a respectiva verba. Este programa, conta Jayme, era responsável pela instalação de 25 feiras em diversos locais da cidade, durante a semana, inclusive aos domingos:

Ocorre que as entidades religiosas e filantrópicas, quando realizavam seus eventos beneficentes, solicitavam o empréstimo das barracas, muitas vezes através da esposa do Governador ou dos Secretários de Estado. Como nem sempre era possível atender na quantidade solicitada e também adequar o horário do evento ao das feiras, a solução que encontrei foi mandar fazer 25 barracas menores, mais fáceis de transportar e armar, além de poderem permanecer até o fim da festa. As lonas usadas para cobertura escolhi nas cores azul, vermelho e branco, as cores do Estado, passando a ser chamadas de “barracas políticas”, pois atendiam também a pedidos dos deputados e vereadores.

No que se refere ao atendimento de pedidos políticos, Jayme dava nó em pingo d'água. Imagine-se que quando promovia a Exposição de Flores na CEASA, convidava a esposa do Governador para sua inauguração e a renda obtida com a venda das flores e das plantas era revertida para o movimento das Voluntárias Sociais, que era presidida pela Primeira Dama do Estado. E assim Jayme soube manter um bom relacionamento com as esposas dos Governadores e dos Secretários.

Em síntese, Jayme Ramos de Queiroz acredita que conseguiu, no decorrer dos seus 84 anos, ter cumprido todos os compromissos que lhe foram atribuídos,

pois sempre tive consciência das minhas limitações, até mesmo na vida estudantil. Por isso, procurei ter um comportamento ético, sempre disposto a SERVIR, colaborando com os colegas, com os companheiros de trabalho, tratando os meus subordinados com respeito e simplicidade, mantendo um clima de harmonia, promovendo reuniões de congraçamento, exaltando os méritos da equipe. Assim me comportei em todos os locais onde trabalhei, sempre gozando de prestígio e consideração por parte dos superiores e subordinados.

Ainda para conseguir o apoio Divino, sempre tratei bem os meus funcionários e, na Secretaria da Agricultura, acredito que pela primeira vez um secretário se lembrou de prestar uma homenagem no dia 28 de Outubro, dia do funcionário público, aos seus auxiliares. Mande confeccionar uma simples medalha de ouro e homenageei diversas categorias, os porteiros, os motoristas, os escriturários e os técnicos de nível médio e superior, exaltando a sua dedicação no atendimento às pessoas, a sua assiduidade, permitindo a boa tramitação dos documentos. Foi muito gratificante para mim, pois os funcionários ficaram sensibilizados, já que pela primeira vez estavam sendo reconhecidos o seu esforço e sua dedicação. Graças a Deus tudo correu bem na minha administração da Secretaria e, até hoje, alguns colegas daquele tempo ainda me chamam de Secretário, o que muito me orgulha, pois acredito que cumpri com o meu dever, sem perseguições ou arbitrariedades.

Em sua vida, Jayme teve muitas oportunidades e esteve sempre pronto para aproveitá-las. Muitas portas se fecharam, mas outras se abriram com melhores perspectivas. Profissionalmente ele não considera que tenha tido nenhuma perda ao longo desses anos, mas na vida pessoal as perdas que mais o abalaram foram de ordem familiar: em 1960 perdeu sua mãe; em 1974, o pai; e, em 1997, perdeu sua esposa, Maria Antonina, o seu braço direito. Os ganhos são todos de ordem familiar, seus filhos e netos que muita alegria lhes dão pela consistência e união.

Maximiano e Alzira, seus pais, não lhe legaram riqueza, mas lhe proporcionaram educação que lhe ajudou a dominar os impulsos, controlando os instintos, e que lhe ensinou, principalmente, a obedecer e saber se posicionar, respeitando o direito do próximo nas diversas circunstâncias da vida. Jayme não acumulou “riqueza”, mas afirma possuir um

grande patrimônio, constituído por sua família e pelos inúmeros amigos que sempre o apoiaram e lhe deram a mão, quando ele precisou. E é uma verdade, pois ao longo de sua caminhada vitoriosa ele sempre contou com o apoio dos amigos e especialmente da sua família, que sempre foi um exemplo de solidariedade e apoio nos momentos difíceis. E é hoje, afirma ele, na “velhice” que a Família torna-se fundamental pelo amparo e carinho com que ele é tratado.

Enfim, este livro resgata a vida vitoriosa de Jayme Ramos de Queiroz, um homem que soube exercer a cidadania com fidalguia, cumprindo seus deveres e desfrutando de seus direitos, sendo justo e respeitando o direito de seus semelhantes. Tudo o que foi relatado é fruto da experiência de vida dele, fruto do que aprendeu ao longo de sua vida e assim ele nos recomenda: “seja polido e educado, saiba dizer ‘com licença’, ‘por favor’, ‘obrigado’ e ‘desculpe’, pois as pessoas educadas sempre terão mais sucesso tanto na vida profissional como na vida social. Além disso, pratique o bem, tenha fé, tenha motivação, confiança, perseverança, otimismo, busque realizar seus sonhos e, finalmente, o mais importante, “Segure na mão de Deus, pois Ela te sustentará”.

CRONOLOGIA DE JAYME RAMOS DE QUEIROZ

- 1986** – Nasce Maximiano Ramos de Queiroz, filho de Luiz Ramos de Queiroz e de Rosalina Cândida de Souza Ramos de Queiroz, no dia 21 de fevereiro de 1886.
- 1890** – Nasce Alzira Menezes Ramos de Queiroz, filha de Aprígio Menezes e de Maria do Patrocínio Osório Menezes, no dia 28 de novembro de 1895.
- 1920** – No dia 7 de março de 1920 nasce o primeiro filho de Maximiano e Alzira: José Ramos de Queiroz. Formou-se em Medicina e casou com a prima Yolanda Monteiro da Costa.
- 1921** – No dia 30 de julho de 1921 nasce o segundo filho do casal: Luiz Ramos de Queiroz. Formou-se em Medicina e se casou com Marília Studart, neta de Dr. Bráulio Xavier.
- 1925** – Filho de Maximiano Ramos de Queiroz e de Alzira Menezes Queiroz, no dia 13 de março de 1925, em São Cristóvão, Sergipe, nasce Jayme Ramos de Queiroz, o terceiro de quatro irmãos, sendo o caçula dos homens.
- 1926** – Nasce Maria Antonina, filha de Moema e de Mario Barreto, no dia 10 de maio de 1926, que viria a se casar com Jayme Ramos de Queiroz.
- 1927** – Nasce Rosalina Ramos de Queiroz, a irmã caçula de Jayme, no dia 16 de novembro de 1927. Diplomada em professora seguiu carreira bancária e se casou com o contador Joviniano Fonseca Filho.
- 1931-1932** – Jayme frequenta o curso Infantil na Escola da professora Raquel, situada defronte à rua Nova de São Bento, próxima à Lapa, onde a família foi morar enquanto a casa da Av. Joana Angélica estava sendo reformada.
- 1932** – Silvano Ramos de Queiroz, irmão do pai de Jayme, morre com apenas 50 anos de idade, no dia 17 de junho de 1932.
- 1933-1936** – Jayme realiza o Curso Primário no Instituto Baiano de Ensino, do professor Hugo Baltazar da Silveira.
- 1937-1941** – Jayme cursou os cinco anos de ginásio no Instituto Baiano de Ensino.
- 1942-1943** – Realiza o Curso Complementar no Ginásio da Bahia, dirigido pelo professor Conceição Menezes. Este curso era direcionado para a carreira

universitária que o aluno desejava seguir. Frequenta o curso direcionado para Engenharia.

1944-1947 – Presta vestibular e, tendo sido aprovado, inicia o Curso Superior na Escola de Agronomia de Cruz das Almas.

1946-1947 – Trabalha na Viação Férrea Federal Leste Brasileira na condição de estagiário, no Programa de Reflorestamento.

1947 – Conclui o curso superior diplomando-se como Engenheiro Agrônomo pela Escola de Agronomia da UFBA, em Cruz das Almas –BA.

1948 – Presta concurso público para a Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio, tendo sido admitido em 14 de fevereiro de 1948, na função de Agrônomo Auxiliar do Horto Florestal de Ondina, em Salvador, onde permanece por oito meses, sendo transferido para Maracás com a responsabilidade de implantar o Programa de Reflorestamento e Proteção Às Nascentes dos Rios da região.

1950 – Foi colocado à disposição do Ministério da Marinha, passando a trabalhar na Fazenda Pombal, na Base Naval de Aratu, com a responsabilidade de produzir hortifrutigranjeiros, abastecendo as unidades da Marinha em Salvador. Permaneceu na função por quatro anos.

1951 – No dia 13 de outubro de 1951 contraiu núpcias com Maria Antonina Barreto Ramos de Queiroz.

1953 – Nasce, sua filha, Silvinha, no dia 27 de abril de 1953.

1954 – Retorna para a Secretaria da Agricultura, passando a exercer a função de Agrônomo do Instituto Biológico da Bahia, Seção de Botânica, onde permaneceu por três anos. Neste mesmo período vai morar na Fazenda Pirajá, da Fratelli Vita, assumindo a responsabilidade pela produção de hortifrutigranjeiros.

1956 – Nasce, seu filho, Jayminho, no dia 21 de novembro de 1956.

1957 – Representou o Instituto Biológico da Bahia na 1ª Conferência Internacional da Pesquisa do Cacau.

1959 – Passou a exercer a função de Chefe da Seção de Comércio, do Departamento de Indústria e Comércio da Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio.

1960 – Alzira Osório Menezes Queiroz, mãe de Jayme, morre no dia 5 de outubro de 1960.

1963 – Realiza Curso de Pós-Graduação em Administração Pública pela Escola de Administração da UFBA, no período de junho a dezembro de 1963. Assumiu a

função de Diretor do Departamento de Indústria e Comércio da Secretaria de Agricultura e logo depois, passa a exercer a função de Assessor Chefe da ASPO – Assessoria Setorial de Programação e Orçamento da Secretaria da Agricultura.

- 1964** – Coordenou o Grupo de Reforma Administrativa da Secretaria da Agricultura e foi assessor na elaboração do documento sobre a Agricultura na Bahia.
- 1965** – Realiza curso intensivo de Economia e Administração na South Califórnia University, nos Estados Unidos, entre setembro e outubro de 1965. No mesmo ano deu início às suas atividades como docente, tendo sido nomeado no dia 1º de março, pelo Governador Lomanto Junior como Professor da Faculdade de Agronomia do Médio São Francisco, em Juazeiro.
- 1966** – Conclui curso de Pós-Graduação em Desenvolvimento Econômico no Instituto de Serviço Público da Escola de Administração da UFBA, realizado no período de 1964/1966.
- 1967** – Passou a exercer, no Governo Luiz Viana Filho, a função de Secretário de Estado para Negócios da Agricultura, substituto, por decreto de 18 de julho de 1967. Começa a ensinar a disciplina “Economia Rural” na Escola de Agronomia da UFBA, em Cruz das Almas, habilitado por concurso público.
- 1969** – Realiza curso de especialização em Economia e Administração na Escola de Administração da UFBA. É designado para coordenar o Grupo para a Reforma Administrativa do estado – Convênio Governo do Estado com a Sudene, USAID e UFBA. No mesmo ano foi efetivado como Secretário de Estado para Negócios da Agricultura, permanecendo na função por mais 2 anos, até março de 1971.
- 1970** – Assume a Chefia do Departamento de Economia Agrícola, Sociologia e Extensão Rural da Escola de Agronomia da UFBA, em Cruz das Almas, no período de 1970-1971. No dia 18 de junho de 1970 ingressa no Rotary Club da Bahia.
- 1971** – Foi nomeado Diretor Presidente das Centrais de Abastecimento da Bahia S. A., permanecendo na função por 12 anos, no período de 1971 a 1983. Em 1971 passou a integrar o Departamento de Economia da Faculdade de Ciências Econômicas da UFBA, no período de 1971 a 1995.
- 1972** – Professor homenageado pela turma de Bacharéis em Ciências Econômicas, diplomada pela Faculdade de Ciências Econômicas da UFBA.
- 1973** – Inaugura a CEASA no dia 28 de março de 1973.

- 1974** – Durante o ano de 1974 ministra a disciplina “Estudos de Problemas Brasileiros”, no curso de Pós-Graduação em Saúde da Comunidade do Curso de Ciências Médicas da UFBA. No mesmo ano, no dia 31 de outubro morre seu pai, Maximiano, aos 86 anos e nove meses de idade.
- 1975** – Foi eleito Chefe do Departamento de Economia Aplicada da Faculdade de Ciências Econômicas da UFBA.
- 1977** – Paraninfo da Turma de Nutricionistas formada pela Escola de Nutrição da UFBA.
- 1978** – Participa do III Seminário Nacional de Armazenagem, realizado em Curitiba.
- 1979** – Na condição de Presidente da CEASA elaborou e executou o Programa “Cesta do Povo”, no período de março de 1979 a abril de 1980. Em 1979 publica trabalho intitulado “Sistema de Abastecimento de Salvador” e participa do XI Congresso Internacional de Mercados Atacadistas, realizado em São Paulo.
- 1980** – Publica o texto “Perspectivas de Atuação da Empresa CEASA no SINAC” e participa do XVIII Congresso Brasileiro de Economia e Sociologia Rural, realizado no Rio de Janeiro.
- 1981** – Assumiu, interinamente, a Secretaria da Agricultura quando o seu titular, Renan Baleeiro, foi nomeado Prefeito de Salvador.
- 1982** – Publica texto sobre a “Comercialização de Citrus”.
- 1983** – Foi nomeado como Diretor Presidente da Bahia Pesca S. A . e publica dois textos: “Notas e Sugestões sobre Agricultura e Abastecimento” e “Criação de Camarão”.
- 1984** – Nasce o primeiro neto, Jayme Ramos de Queiroz Neto, no dia 24 de maio de 1984.
- 1985** – Nasce, no dia 15 de maio de 1985, a neta Amália Maria Duarte Guimarães Ramos de Queiroz.
- 1986** – Nasce o terceiro neto, André Ramos de Queiroz Camacan, no dia 28 de fevereiro de 1986.
- 1987** – Foi trabalhar na Rede de Supermercados Paes Mendonça, onde permaneceu durante o período de 1º de outubro de 1987 até a venda da empresa no ano de 1992. No período foi também gerente geral da FRISUBA, empresa do grupo Paes Mendonça.
- 1991** – Passa a integrar a Irmandade da Santa Casa de Misericórdia.

- 1995** – Foi aposentado do magistério superior pela UFBA, em virtude de ter atingido a idade limite de 70 anos. No dia 16 de agosto de 1995 foi homenageado pela Secretaria da Agricultura com uma placa “pelos relevantes serviços prestados ao Estado da Bahia”, por ocasião da comemoração dos 100 anos da Secretaria da Agricultura.
- 1996** – Passou a exercer a função de Assessor Chefe da Empresa Baiana de Alimentos S. A – EBAL, permanecendo na função por 10 anos, de 1996 a 2006.
- 1997** – Recebe o Prêmio Top de Marketing 96, XI Top de Marketing ADVB-BA, no dia 13 de março de 1997. Morre sua esposa Maria Antonina Barreto Ramos de Queiroz no dia 24 de abril de 1997.
- 2004** – Durante o segundo governo de Paulo Souto acumula, na EBAL, a função de Assessor Chefe com a função de Ouvidor.
- 2006** – Deixa a EBAL depois de dez anos exercendo a função de Assessor Chefe.
- 2008** – Durante as comemorações dos 40 anos da turma de Engenheiros Agrônomos de 1968, recebe uma placa homenagem com os seguintes dizeres: “Placa do Mestre Jayme Queiroz: Com a eterna gratidão pelos ensinamentos, da turma de agrônomos de 1968, da velha Escola de Agrônômica da Bahia, botão que desabrochou na atual UFRB – Cruz das Almas, dezembro de 2008”.
- 2009** – No dia 13 de março de 2009, Jayme Ramos de Queiroz comemora seus 84 anos de idade.

ICONOGRAFIA



Jayme com sua mãe Alzira,
em São Cristovão, Sergipe



Casamento de Jayme com Maria, em 13 de
outubro de 1951



A formatura da pós-graduação, com
professores e colegas em 1963



Jayme com o governador Luiz Viana Filho



Jayme, como secretário inaugurando armazém da CASEB, em Irecê-Ba



Exposição Agropecuária de Itapetinga- Ba



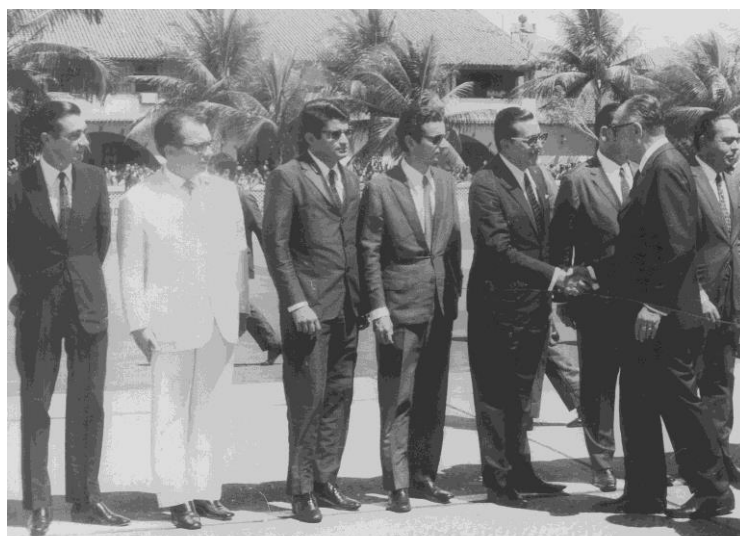
Exposição Agropecuária de Vitória da Conquista - Ba



Jayme e Maria durante um baile no Palácio da Aclamação



Jayme e Maria comemorando Bodas de Prata



Cumprimentando o Presidente Médici



Jayme com o ministro Cirne Lima e AC na inauguração da CEASA, em 1973



As feiras-móveis da CEASA abasteciam Salvador antes da Cesta do Povo



Participando de Seminário Estadual de Pesca



Inaugurando o Mercado do Produtor, em Jaguaquara-Ba, no Governo de Roberto Santos



Participando do Seminário de Produção de Camarão durante o Governo Durval Carneiro



Jayme durante missa celebrada na EBAL



Jayme e Maria durante congresso em São Paulo



Jayme em missa realizada na Santa Casa da Misericórdia



Jayme e Maria durante o Congresso Eucarístico



Jayme com o Cardeal Brandão Vilela e o Núncio Apóstolico



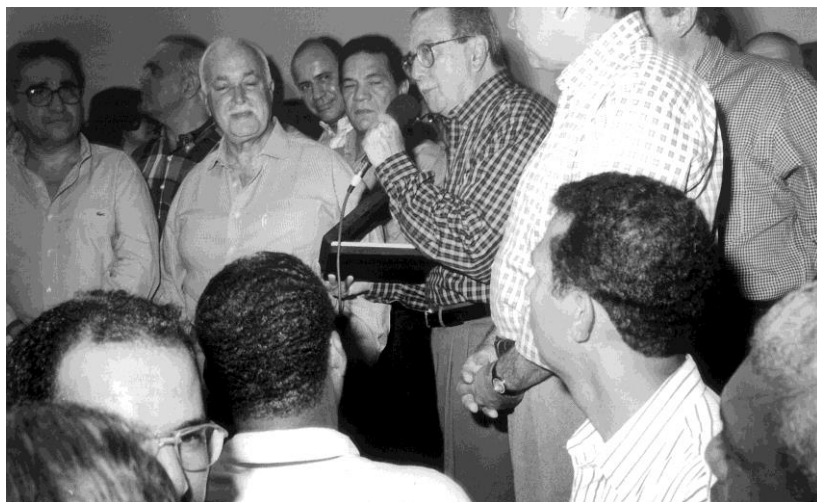
Jayme atuando coo mestre de cerimônia



Placa da escola que leva o nom de Jayme no Núcleo Colonial Landulfo Alves



Com o ministro da Marinha, Alfredo Karam, no Rio de Janeiro



Jayme Ramos de Queiroz com ACM em solenidade na EBAL



Participando de Encontro Nacional de Ouvidores Públicos em Florianópolis



Jayme proferindo palestra na Ouvidoria do Estado, em 2006

QUEM É SÉRGIO MATTOS

Sérgio Augusto Soares Mattos, filho de Maria Helena Soares Mattos e de José de Castro Mattos, nasceu em Fortaleza, Ceará, no dia primeiro de julho de 1948. Desde 1959, vive em Salvador, tendo recebido o título de Cidadão Baiano, outorgado pela Assembléia Legislativa. Diplomado em Jornalismo pela Universidade Federal da Bahia em 1971, Mattos é pós-graduado em Comunicação, com Mestrado e Doutorado pela Universidade do Texas, em Austin, Estados Unidos. Foi o primeiro doutor da Faculdade de Comunicação da UFBA, tendo sido também responsável pela orientação da tese do primeiro doutor formado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Contemporânea da FCOM/UFBA. Mesmo dedicando-se à pesquisa e ao ensino, não abdicou de atuar no mercado e sempre se manteve no exercício do jornalismo diário, em inúmeras funções editoriais nos jornais baianos. É também poeta com oito livros publicados e compositor com dezenas de composições gravadas por diversos intérpretes, sendo que possui quatro CDs individuais com suas composições.

No ano de 2000 foi o vencedor do Prêmio de Comunicação Luiz Beltrão, na categoria de Maturidade Acadêmica. O prêmio foi outorgado pela Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, que congrega mais de 500 pesquisadores da área. A outorga do troféu ocorreu durante o XXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado em Manaus, Amazonas. O Prêmio Luiz Beltrão de Ciência da Comunicação tem a finalidade de reconhecer a qualidade do trabalho acadêmico realizado nas universidades ou nos centros de pesquisa, valorizando a atuação individual e coletiva. A meta é sinalizar, anualmente, para as novas gerações, quais as pessoas ou instituições que apresentaram contribuições relevantes para o campo das Ciências da Comunicação.

Sérgio Mattos foi diretor-coordenador da COEPP – Coordenação de Extensão, Pesquisa e Pós-Graduação UNIBAHIA – Unidade Baiana de Ensino, Pesquisa e Extensão, no município de Lauro de Freitas - BA, além de ter sido o coordenador que implantou os cursos de Jornalismo e Relações Públicas das Faculdades Integradas Ipitanga mantidas pela UNIBAHIA. Completando suas atividades profissionais, Sérgio Mattos integrou a equipe fundadora da *Tribuna da Bahia*, onde além de repórter especial foi chefe de reportagem; no jornal *A Tarde*, ocupou a função de editor dos suplementos Jornal de Utilidades, de Municípios e Rural até fevereiro de 2003. Foi o diretor de redação responsável pela criação e implantação da revista *NEON*, de arte cultura e entretenimento,

que circulou de janeiro de 1999 a dezembro de 2004. Paralelamente a estas funções profissionais, Sérgio Mattos foi presidente fundador do IBL – Instituto Baiano do Livro, e presidente fundador da ALAS – Academia de Letras e Artes de Salvador. Na década de 1980 do século passado foi diretor do Instituto de Radiodifusão Educativa do Estado da Bahia – IRDEB, quando foi responsável pela elaboração dos projetos para a implantação da TV Educativa da Bahia. Em 2008 ingressa na UFRB – Universidade Federal do recôncavo da Bahia como professor concursado.

Sérgio Mattos é autor de inúmeros trabalhos acadêmicos, tendo escrito dezenas de artigos e capítulos de livros na área da comunicação. Dentre seus trabalhos estão os seguintes títulos de teses, livros e plaquetas:

- *The Impact of Brazilian Military Government on the Development of TV in Brazil* (Tese de Mestrado), 1980.
- *The Development of Communication Policies Under de Peruvian Government*, 1981.
- *Domestic and Foreign Advertising in Television and Mass Media Growth: A case Study of Brazil* (Tese de Doutorado), 1982.
- *The Impact of the 1964 Revolution on Brazilian Television*, 1982.
- *IRDEB – Relatório das atividades de 1983*, 1984.
- *Comunicação, Desenvolvimento e Segurança Nacional*, 1988.
- *Um Perfil da TV Brasileira: 40 anos de história*, 1990.
- *Censura de Guerra: da Criméia ao Golfo Pérsico*, 1991.
- *A Tarde Municípios: uma experiência jornalística voltada para o municipalismo*, 1993.
- *Bibliografia dos Docentes do Departamento de Jornalismo: produção científica, literária e artística*, 1994.
- *O Controle dos Meios de Comunicação*, 1996.
- *A Televisão e as políticas regionais de comunicação*, 1997 (org.)
- *A televisão e Cultura no Brasil e na Alemanha*, 1997(org.).
- *Televisão na era da globalização*, 1999 (org.).
- *A televisão no Brasil: 50 anos de história*, 2000.
- *Imparcialidade é Mito*, 2001.
- *História da Televisão Brasileira: Uma visão econômica, social e política*, 2002.
- *Mídia Controlada: a história da censura no Brasil e no mundo*, 2005.
- *Comunicação Plural*, 2007 (org.).
- *Memória da Imprensa Contemporânea da Bahia*, 2008.

- *Relicário Comunicacional e Literário*, 2008.

- *O Contexto Midiático*, 2009.

No campo literário, além de participar de várias antologias poéticas e de ter veiculado sua produção em revistas, jornais e na internet, publicou os seguintes livros:

- *Nas Teias do Mundo*, 1973, (poesia).

- *O Vigia do Tempo*, 1977, (poesia).

- *A Batalha de Natal*, 1978, (crônica infanto-juvenil).

- *Time's Sentinel*, 1979 [Tradução de Maria Luisa Nunes], (poesia).

- *I No Longer Sing, I Cry (Já não canto, choro)*, 1980. Edição bilíngüe [Tradução de Albert Bork], (poesia).

- *Lançados ao Mar*, 1985, (poesia).

- *Asas Para Amar*, 1ª ed. 1995; 2ª ed. 1996, (poesia).

- *Estandarte*, 1ª ed. 1995; 2ª ed. 1996; 3ª ed. 1996, (poesia).

- *Trilha poética*, 1998, (poesia).

- *Étendard*, 1998 [Tradução de Daniel Bloom], (poesia).

- *Fio Condutor*, 2006 (poesia).

- *Amadeu, um bandido nordestino*, 2008 (novela).

- *Os funerais de dona Camila*, 2008 (novela).

- *As confissões sexuais de Maria Francisca*, 2008 (romance).